

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

e-ISSN 2675-3219 | ISSN 2675-3227 - ITANHAÉM - VOL. 1 - Nº 1 - MAIO/AGOSTO 2020



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

e-ISSN 2675-3219 | ISSN 2675-3227 - ITANHAÉM - VOL. 1 - Nº 1 - MAIO/AGOSTO 2020



Revista Estudos Afro-Brasileiros é uma publicação **quadrimestral** da:



ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)

Direção Mãe Maria Elise Rivas
Dra. em Ciências da Religião (PUC-SP)

Vice-direção Yuri Tavares Rocha
Dr. em Geografia (USP)

Conselho Editorial João Luiz Carneiro (Coordenador)
Dr. em Ciências da Religião (PUC-SP) e
especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)

Érica Jorge Carneiro
Dra. em Ciências Sociais (UFABC) e
especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)

Wandir Vieira Leal Santos
Mestra em História da Ciência (PUC-SP),
mestra em Ciências da Religião (PUC-SP) e
especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)

Felipe de Paula Nestrovsky
Mestre em Administração (FGV) e
graduado em Economia (FACAMP)

*Colaboradores
deste número:* José Roberto Silva
Especialista e graduado em Teologia afro-brasileira (FTU)

Antonio Luz
Pós-graduado em Ciências da Religião (PUC-SP),
graduado em Economia (Unicamp) e
graduado em Teologia afro-brasileira (FTU)

Editora Parceira:



Revista Estudos Afro-Brasileiros é uma publicação **quadrimestral** da:



ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)

EQUIPE TÉCNICA

- Direção administrativa:* Sumaia Miguel Gonçalves
Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST University), licenciada em Matemática (Unisa), graduada em Pedagogia (Unip), Psicologia (São Marcos) e Teologia (FTU) e especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)
- Edição e tradução:* Rodrigo Garcia Manoel
Doutorando e mestre em Letras (USP) e especialista em Teologia afro-brasileira (FTU)
- Revisão textual e normatização:* Maria Alice Quaresma Garcia
Bacharela em Letras (USP)
- Assessoria de imprensa:* Awdrey Cardoso Sasahara
Especialista em Teologia afro-brasileira (FTU) e jornalista (Universidade São Marcos)
- Capa, projeto gráfico e diagramação:* Alexandra Abdala
Cursou Graphic Design (Portolio Center – Atlanta, EUA) e é graduada em Teologia Afro-brasileira (FTU)



ORDEM INICIÁTICA DO CRUZEIRO DIVINO (OICD)
A OICD não se responsabiliza por opiniões e informações
apresentadas

REVISTA DE ACESSO PÚBLICO E GRATUITO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Revista Estudos Afro-Brasileiros. -- São Paulo : OICD
; Arché Editora, 2020.

São Paulo, v. 1, n. 1, 2020

1. Cultura afro-brasileira 2. Religiões afro-brasileiras I. Ordem
Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD)

CDD 306.6

20-1860

CDD 306.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura afro-brasileira : Religiões



Rua Chebl Massud, 157
Água Funda, São Paulo (SP)
04156-050

www.oicdpairivas.com.br
E-mail: contato@oicdpairivas.com.br

www.estudosafrobrasileiros.com.br

Sumário

- 10 *Apresentação*
Dra. Maria Elise Rivas

Artigos

- 17 Por que teologia? Análise do campo em perspectiva afro-brasileira
Dr. João Luiz Carneiro
- 57 Entre teologias e preconceitos
Dra. Maria Elise Rivas
- 85 Francisco Rivas Neto e a constituição do campo teológico afro-brasileiro
Dra. Érica Jorge Carneiro

Histórias

- 107 Tomo I – A fundação da FTU: um marco na história das religiões afro-brasileiras
Dr. João Luiz Carneiro

In Memoriam

- 122 Exu, magia e liberdade
Esp. F. Rivas Neto
- 129 Umbanda: religião das várias linguagens
Esp. F. Rivas Neto
- 137 Manifesto I – sobre teologia com ênfase
nas religiões afro-brasileiras
Esp. F. Rivas Neto
- 143 Teologia e medicina integrativa
Esp. F. Rivas Neto
- 150 FTU: primeira instituição de ensino superior
em Teologia Afro-brasileira
Esp. F. Rivas Neto
- 157 Aspectos teológicos e religiosos do candomblé
de caboclo
Esp. F. Rivas Neto
- 166 Introdução ao conceito de axé
Esp. F. Rivas Neto

- 171 Toque da jurema: a cura em várias dimensões
Esp. F. Rivas Neto
- 179 As religiões afro-brasileiras: a sabedoria
construída na tradição oral
Esp. F. Rivas Neto
- 182 Teologia com ênfase nas religiões
afro-brasileiras promovendo o diálogo
com a sociedade, academia e religião
Esp. F. Rivas Neto
- 191 Teologia das religiões afro-brasileiras
Da OICD à FTU: diálogo teórico-prático
entre as religiões afro-brasileiras
Esp. F. Rivas Neto
- 199 O candomblé faz “medicina preditiva”
Esp. F. Rivas Neto

Religião e sociedade

205 Coração de pombagira

Dr. Reginaldo Prandi

Resenhas

215 Violência em cores

M.e Luciano Ferreira Alves

220 Teologia do ori-bará

M.e Felipe de Paula Nestrovsky

223 Escolas das religiões afro-brasileiras

Esp. Antonio Luz

229 *Dicionário teológico
das religiões afro-brasileiras*



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Apresentação

Dra. Maria Elise Rivas¹

Publicamos com grande júbilo o primeiro número da *Revista estudos afro-brasileiros*, e tal alegria tem razão múltipla: trata-se de um periódico, de publicação quadrimestral, completamente gratuito e de acesso público; é a conquista de um espaço para reflexões, pesquisas e informações no âmbito da cultura afro-brasileira; é a continuidade de um projeto iniciado por F. Rivas Neto, por meio da extinta FTU – Faculdade de Teologia com ênfase em religiões afro-brasileiras,

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vice-diretora e bacharela da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

que homenageamos com este primeiro número na época do jubileu dos cinquenta anos de nascimento da Instituição que ele fundou e hoje conduzo, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD).

Grande parte da história das religiões afro-brasileiras, radicalmente de tradição oral, foi escrita por *outsiders*, muitas vezes estrangeiros, ao mundo da fé e prática das religiões afro-brasileiras, pesquisadores capacitados, que adentraram mundos por eles desconhecidos e os registraram com descrições etnográficas e investigativas, que fazem uso da ferramenta científica, na qual há a predominância de uma cultura analítica própria do pensamento ocidental onde nasceu e se desenvolveu a ciência moderna.

Assim, a ciência, por meio de uma atitude antiga, da curiosidade e busca de respostas, pois é essa curiosidade e busca de respostas a força motriz hoje denominada fazer científico, buscava entender os religiosos e as religiosas das religiões afro-brasileiras e sua fé, tornando-os objeto de estudo dos pesquisadores e pesquisadoras da ciência, e a voz religiosa chegava a público, por assim dizer, traduzida – ou travestida, pela voz de pessoas de “fora”. Ressalto a importância que estas pesquisas e pesquisadores tiveram e têm para o estudo das religiões

Apresentação

afro-brasileiras, mas ainda faltava o olhar de pesquisadores(as) capacitados à análise teológica no mundo próprio das religiões afro-brasileiras.

É nesse cenário que entra a Teologia com ênfase em tradição oral das religiões afro-brasileiras, como a ciência que se debruça sobre os saberes e conhecimentos sagrados, das relações entre o ser humano e o mundo divino, com perguntas, dúvidas e faina por respostas para a fé e suas decorrências dentro das religiões afro-brasileiras. Logo, a teologia com enfoque nas religiões afro-brasileiras é essencialmente necessária e útil, bem como natural, porque essa vontade de saber e de entender pode fazer uso da ciência como instrumento para facilitar esse caminho de entendimento, mas de modo algum vem tomar lugar, como ciência institucionalizada, do saber tradicional de sacerdotes e sacerdotisas. Aliás, destacamos ser esta sabedoria milenar e anterior ao saber científico, assim, ambas são diferentes, porém válidas e importantes, bem como é a razão do existir da teologia afro-brasileira de tradição oral.

F. Rivas Neto, sacerdote das religiões afro-brasileiras por mais de 50 anos, foi em busca da formação necessária para pensar as religiões afro-brasileiras por cientistas com ênfase em teologia capacitados para a análise a partir da

REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

tradição oral e sua diversidade nas religiões afro-brasileiras. Tinha como objetivo a valorização e análise da sabedoria tradicional das religiões afro-brasileiras, a qual vivia, na lente da teologia.

Fundada em 2003 e com funcionamento até dezembro de 2016, a FTU formou bacharéis e bacharelas em Teologia Afro-Brasileira, especialistas em cursos *lato sensu* e fez cursos de extensão EaD. A FTU propôs nova metodologia para os estudos das religiões afro-brasileiras a partir da teologia como ciência. E, ponto fulcral, a proposta de desenvolvimento de teologia afro-brasileira da FTU agora incluía a pessoa religiosa, não mais como objeto, e sim como sujeito: *insider*, mas não só, pois se propôs a formar pessoas capacitadas nesta área como qualquer outra instituição de ensino superior autorizada e reconhecida pelo MEC.

De modo simples e direto, o que fizemos na FTU – instituição da qual, além de aluna da primeira turma, fui posteriormente professora e vice-reitora – foi mostrar que as religiões afro-brasileiras não estão aquém de qualquer outra confessionalidade em qualquer âmbito (acadêmico, sociocultural ou religioso), nem além, e que temos capacidade de falar por nós mesmas.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Apresentação

Este é o arcabouço científico-metodológico da equipe editorial da *Revista estudos afro-brasileiros*, composta por ex-docentes da FTU, bacharéis(las) e especialistas em teologia formados(as) na instituição que continuaram vinculados à mantenedora da FTU, a OICD – Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, bem como por pessoas devidamente convidadas por esta equipe para publicações na revista. Muitos de nós galgamos o mestrado e doutorado em áreas afins, e hoje colaboramos na construção deste periódico.

Ao fim e ao cabo, este primeiro número é um tributo a F. Rivas Neto, bem como à continuidade sistemática da teologia das religiões afro-brasileiras. Um projeto que continua vivo em cada um de nós. Também é um tributo, como desejava F. Rivas Neto, às religiões afro-brasileiras, ao “povo de santo”, em suma, a todas as pessoas que, de um modo ou de outro, se encontram ligadas às religiões afro-brasileiras. É um espaço de encontro, coletivo, público e gratuito. O convite para participação desde já se estende a todas e todos.

Propomos nesta estruturação algumas seções, como de artigos, para reflexões e debates por vezes mais teóricos, seção de textos opinativos, a seção *Histórias*, para registrar e compartilhar as histórias da cultura afro, seção de entrevista, uma

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

seção *In Memoriam*, com artigo de F. Rivas Neto, seção de resenha ou resenha de livros relacionados à cultura afro-brasileira, seção de etnobotânica, com estudo teológico específico das religiões afro-brasileiras e sua relação com as plantas e um *Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras*, em atualização permanente.

Gostaríamos de dar destaque também à seção Religião e Sociedade. Convidamos um pesquisador de ponta e amigo da nossa instituição há anos, Reginaldo Prandi, que – gentilmente – aceitou e trouxe seu texto “Coração de pombagira. Espírito de mulher, esse exu feminino cultuado na quimbanda é usado para solucionar problemas relacionados ao amor e à sexualidade”. Boa leitura!

Artigos



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva Afro-Brasileira

Dr. João Luiz Carneiro¹

Resumo: o artigo apresenta o resultado de uma pesquisa com quatro teólogos latino-americanos oriundos da teologia católica, metodista e afro-brasileira. Tal aproximação de diferentes escolas teve como objetivo apresentar uma breve história da teologia e sua possibilidade de tratar múltiplas denominações religiosas por meio do princípio pluralista. A partir disso, traz elementos básicos da constituição e formação da teologia afro-brasileira por F. Rivas Neto e seus desafios atuais.

1. João Luiz Carneiro é pós-doutor (UMESP) e doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente da Faculdade de Itanhaém (Faíta) e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq. Autor de livros, com destaque para *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*, publicada pela Editora Vozes.

Dr. João Luiz Carneiro

Palavras-chave: teologia, teologia pluralista, teologia afro-brasileira.

Introdução

Distante de querer explicar todo o campo teológico em poucas linhas no presente artigo, algo tanto indesejado quanto impossível, o objetivo aqui é apresentar características relevantes da teologia como área do saber científico e, dentro desse universo, pontuar pressupostos importantes da lógica teológica afro-brasileira, realçando alguns desafios desse trajeto.

O interessante desta pesquisa foi a seleção da autora e dos autores. Para tratar do campo teológico em sentido *lato*, foram escolhidos o frei Volney J. Berkenbrock² e o pastor Cláudio

2. “Possui doutorado em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, Alemanha (Rheinische-Friedrich-Wilhelm-Universität 1995). Atualmente é professor do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em História das Religiões, atuando principalmente nos seguintes temas: eclesiologia, diálogo inter-religioso, história das religiões, igreja católica, cristianismo e candomblé.” Fonte: Currículo Lattes <<http://lattes.cnpq>.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

de Oliveira Ribeiro³. Para tratar do campo teológico afro-brasileiro, especificamente, Pai Rivas⁴ e Mãe Maria Elise Rivas⁵.

br/9207828747603506>. Acesso em: 14 abr. 2020.

3. “Possui formação em Teologia. O doutorado (2000) e o mestrado (1994) em Teologia foram feitos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e a graduação (1985) no Seminário Metodista Cesar Dacorso Filho-RJ. Realizou estágio de pesquisa pós-doutoral em Teologia, na Southern Methodist University (SMU) (Dallas-EUA) (2015), com o tema “Pluralismo religioso, democracia e direitos humanos”, e em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas-SP, com o tema “Movimentos inter-religiosos, política e espaço público no Brasil”. Atualmente é professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenador para mestrados profissionais da área ‘Ciências da Religião e Teologia’ da Capes”. Fonte: Currículo lattes < <http://lattes.cnpq.br/7202032274381269> >. Acesso em: 14 abr. 2020.

4. Sobre o perfil de sacerdote e teólogo, conferir o texto de Érica Jorge Carneiro (2020) publicado na presente revista.

5. “Mãe Maria Elise Rivas (também chamada Íyá Bê Ty Ogodô no candomblé e Mestra Yamaracyê na umbanda), é filha de santo de Babá Rivas Ty Ògìyàn desde 1980, tendo acompanhado a longa trajetória de Babá Pai Rivas nas diversas escolas das RAB. Foi iniciada por ele no candomblé e exercia a função de Yakekere, na umbanda esotérica recebeu o 7º grau do 2º ciclo e o acompanhou por mais de uma década na umbanda traçada e encantarias. Acompanhou ativamente Babá Rivas na fundação e implantação de seus terreiros e na manutenção da Faculdade de Teologia com Ênfase em Religiões Afro-Brasileiras, instituição onde foi vice-diretora e professora, sendo Babá Rivas o diretor. Na FTU, colaborou para o reconhecimento da instituição junto ao MEC. É bacharela em Teologia com Ênfase em Religiões Afro-brasileiras pela FTU e mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP. Autora no âmbito das religiões afro-brasileiras com livros, capítulos de livros

Dr. João Luiz Carneiro

Todos são sacerdotes e sacerdotisa, bem como teólogo(os). Tais questões virão com maior ênfase na conclusão do texto.

História teológica pelo olhar de um frei

O frei Berkenbrok (2020)⁶ recorda quatro aspectos sumarizados para trabalhar a noção histórica de teologia. Tais apontamentos longe estão de dar conta da milenar história teológica cristã, mas – como exposto – reforçar alguns elementos importantes para entender seus efeitos hodiernos como ciência atenta aos fatos e à fé religiosa. Mais do que isso, a história da teologia vai ajudar a compreender as características

e artigos científicos publicados. Fonte: Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, disponível em: <<https://www.oicdpairivas.com.br/mae-maria-elise-rivas>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

6. O texto que se segue no resgate do termo teologia e seu entendimento histórico são interpretações de mementos gentilmente cedidos pelo frei para ilustrar o raciocínio. Além disso, Berkenbrok sugere para maior aprofundamento da questão: origem e o uso do termo “Teologia”: E. Schillebeeckx, *Revelação e Teologia*. São Paulo, Edições Paulinas, 1968, p. 81-143; H. Rito, *Introdução à Teologia*, 1998, p. 25-36. Para entender a Teologia como ciência: H. Rito, *Introdução à Teologia*, 1998, p. 97-109.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

do campo religioso brasileiro, profundamente marcado pelas contribuições greco-judaico-cristãs.

Primeiro aspecto: a teologia nasce grega. A palavra é de origem grega, portanto, do pré-cristianismo. Inicialmente não indicava uma reflexão sobre a fé, mas sim sobre narrativas mitológicas da literatura grega, de poetas como Homero e Hesíodo, que contavam a vida dos deuses em seus textos. Logo, uma cultura politeísta mais próxima do que hoje se compreende como religiões afro-brasileiras, e não monoteísta como prevaleceu o campo no estudo das religiões cristãs. O autor lembra que a teologia se opunha à meteorologia. Enquanto a meteorologia estava preocupada com forma mais científica sobre os corpos celestes, sem negar suas questões divinas, a teologia penetrava seus aspectos míticos transcritos na literatura. A teologia estava preocupada com os mitos e suas respectivas fábulas (BERKENBROCK, 2020).

Platão (429-347 a.C.) inicia um movimento de racionalização do sagrado, ao separar as fábulas do seu núcleo de conhecimento, vendo seu valor não apenas no nível literal dos mitos, mas em busca de suas “essências” que transcendiam. Aristóteles (384-322 a.C.), seu discípulo, utiliza o vocábulo num sentido totalmente diferente. Trata a ciência em três partes: ciência

Dr. João Luiz Carneiro

física, matemática e teológica. A teologia é então entendida como filosofia das causas primeiras, inclusive do mundo astral e visível. É uma espécie de teoria do conhecimento primordial. “O termo teologia é então usado em dois sentidos, tanto o de narrações mitológicas, como de teologia filosófica, sendo que o primeiro sentido é mais usual” (BERKENBROCK, 2020).

No uso da vida religiosa do povo grego, a teologia vai ter outro sentido. Naturalmente, muito mais prático, pois remete à oração de louvor a um Deus familiar ou regional, de honra aos dirigentes da pólis. O autor ressalta que: “[...] no contexto de culto ao imperador ou é simplesmente uma forma de expressão velada sobre divindades. Com a passagem que houve na religião grega para uma religião cósmica” (BERKENBROCK, 2020). Dito de outra forma, os deuses não são mais compreendidos como habitantes do seu *locus* original, sagrado, o Olimpo, mas sim do cosmo, portanto, do universo, tema passível de ser discutido em nível científico. Aqui existe uma convergência entre teologia e meteorologia. Este significado advém sobretudo na obra *De mundo* (pseudoaristotélica) (BERKENBROCK, 2020).

Segundo aspecto: o encontro da teologia com os primeiros cristãos. A partir dessa ideia, teologia como ciência,

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

no contexto da época, os Padres da Igreja, como eram nominados os primeiros teólogos cristãos, negaram o uso dessa palavra no estudo e contexto cristão, por estar fortemente carregada de conotação religiosa grega, notadamente focada em seus mitos e crenças politeístas. Só mais tarde este vocábulo é cristianizado. “O pensador cristão Orígenes já utiliza o termo em dois sentidos: tanto o sentido grego antigo, como também significando discurso sobre Deus e Cristo” (BERKENBROCK, 2020). Nesse mesmo sentido, o autor recorda que o verbo *theologeîn* utilizado no sentido primevo de honra e glória ao imperador como Deus passa a ser cristianizado e cria o significado de reconhecer Jesus Cristo como Deus verdadeiro, como Rei dos reis (BERKENBROCK, 2020).

Quem contribuiu de forma significativa para introduzir o termo na linguagem cristã é Eusébio, opondo à teologia pagã o termo “teologia segundo Cristo”. O termo já é encontrado no sentido cristão no século IV, significando discurso a respeito do Cristo, do Deus verdadeiro. “Sobretudo os teólogos bizantinos do séc. IV introduzem uma especificação quanto ao termo, usando o termo ‘teologia’ em contraposição a ‘economia’” (BERKENBROCK, 2020). A teologia é usada nesse momento no sentido de doutrina da Trindade, ou seja, “Deus

Dr. João Luiz Carneiro

Pai”, “Deus Filho” e “Deus Espírito Santo”, a doutrina da divindade em si em seus mistérios. A economia fará a contraposição relacionando-se à doutrina da salvação em Jesus Cristo (BERKENBROCK, 2020).

Terceiro aspecto: o vocábulo teologia na igreja latina.

Inicialmente a teologia não foi adotada facilmente pela igreja latina. Embora Agostinho tenha já falado de “teologia verdadeira” em contraposição à teologia pagã, o termo não foi adotado pela linguagem cristã bem como seus usos e costumes. Isso só vai ser alterado no século XII, sendo utilizada por Abelardo no mesmo sentido que a Igreja grega já empregava no século IV, ou seja, para indicar o tratado sobre Deus. Ainda assim, a palavra continuou fora da terminologia cristã, sendo preferível a expressão consagrada por Agostinho de “doutrina cristã”. “O grande teólogo da Idade Média, Santo Tomás de Aquino, não utiliza o termo com frequência e, quando o faz, dá sentidos diversos” (BERKENBROCK, 2020).

O autor aponta que Tomás de Aquino vai contrapor os termos “teologia filosófica” à “teologia da Sagrada Escritura”. A primeira no sentido de filosofia pagã sobre Deus e o outro no sentido do ensino genuinamente cristão. “Na obra de Santo Tomás, uma consideração teológica é a que diz res-

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

peito à sua causa primeira (sua relação para com ‘A Causa’) em contrapartida a uma consideração sobre a coisa em si” (BERKENBROCK, 2020). Santo Tomás raramente utiliza o termo teologia como sinônimo de doutrina sagrada, o que torna a discussão superada nesse sentido (BERKENBROCK, 2020).

Quarto aspecto: teologia de Tomás de Aquino até o teólogo franciscano Duns Scoto. Nesse quarto momento é que a palavra teologia se torna o termo técnico para dizer doutrina sagrada. “Este termo era muito amplo e teologia passou a expressar especificamente a teologia argumentativa (*scientia conclusionum*)” (BERKENBROCK, 2020). Aqui é possível passar para a análise dos dias atuais. O termo teologia usado hoje nasceu na tradição “teológica” então com uma forte conotação de ciência especulativa.

Considerando a passagem da Idade Média para a Idade Moderna é que surgiu a diversificação naquilo chamado anteriormente de doutrina sagrada, que englobava toda a reflexão cristã. Trata-se da pluralidade teológica também na perspectiva cristã-católica. A partir disso, o autor lembra que vão surgir as diversas áreas da teologia, como “[...] teologia dogmática, teologia moral, teologia apologética, que passou a chamar-

Dr. João Luiz Carneiro

se mais tarde fundamental, como vimos, e assim por diante” (BERKENBROCK, 2020).

Diante de todo o exposto, é possível constatar que o termo teologia nasce antes do cristianismo, dando conta – em seus primórdios – de uma realidade politeísta e de contos mitológicos afastados da odisseia cristã. Durante os séculos que se seguem, com a consolidação da Igreja Católica e seu poder em praticamente toda a Europa, o termo “teologia” será adaptado, ainda que lentamente, aos interesses cristãos e utilizado como referência máxima para a compreensão da “doutrina sagrada”.

Logo, uma tradição que hoje se situa na ciência⁷ não será facilmente associada a outras religiões de tradição oral. Principalmente aquelas que recebem influências, mas possuem um corpo de conhecimento histórico iniciado de forma independente das religiões abraâmicas, caso das religiões de matriz africana, formadoras do campo afro-brasileiro.

Contudo, existe um movimento na história mais recen-

7. Sobre o processo de formalização da teologia como saber científico e formação sendo regulada pelo MEC (Ministério da Educação), ver Carneiro (2020).

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

te de ecumenismo e diálogo inter-religioso. Diante de várias possibilidades, destaca-se a teologia pluralista que será descrita a seguir.

Teologia pluralista a partir de um pastor

A teologia pluralista irá configurar como um esforço de articular no campo teológico possibilidades de diálogo, ou pelo menos convivência pacífica, na realidade que se mostra plural no campo das confissões e instituições religiosas. A perspectiva pluralista anseia por oferecer respostas aos problemas reais da sociedade no que diz respeito ao mercado religioso quando defrontado com as múltiplas possibilidades da fé, ou, pelo menos, apontar os seus desafios.

O princípio pluralista pode oferecer contribuições nas diferentes disciplinas científicas que têm como objeto a religião. Por exemplo, no campo observado como “ciências da religião” a aplicação aponta para a questão que se segue.

[O princípio pluralista] é um instrumento hermenêutico de mediação teológica e ana-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

lítica da realidade sociocultural e religiosa que procura dar visibilidade às experiências, grupos e posicionamentos qempoderamento de grupos e de visões subalternas e formas de alteridade e de inclusão, considerados e explicitados os diferenciais de poder presentes na sociedade. (RIBEIRO, 2019).

No contexto das ciências da religião, o diálogo inter-religioso pode ser construído levando em consideração questões de ordem histórica, geográfica, social, cultural e política. O quanto de institucionalidade uma religião possui e o quanto afeta a esfera pública ao mesmo tempo em que se desenvolve o maior ou menor empoderamento de grupos religiosos historicamente perseguidos ou reprimidos, caso que pode ser exemplificado pelas religiões afro-brasileiras.

Considerando o princípio pluralista, muitas questões são observadas em muitas religiões na sociedade, impondo um desafio difícil de ser executado. Ao mesmo tempo em que busca conceitos mínimos e gerais que possibilitam algum tipo de compreensão e diálogo com a realidade religiosa, exige dar conta das porosidades, incertezas, incoerências inerentes a cada uma delas. Sejam aspectos da fé que afetam liberdades individuais, sejam aspectos coletivos que determinam diretri-

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

zes políticas, mesmo àqueles que professam outras crenças ou são ateus.

Ainda que sua construção metodológica necessite flexibilidade para se adaptar aos inúmeros casos possíveis, afinal o campo religioso é um entre-lugar⁸ em contínua (re)construção e movimento, existe uma chave importante que vai apontar para teologia pluralista no campo teológico propriamente dito. Trata-se da alteridade citada no excerto acima. Quando aplicado à teologia, pode ser pensado nos termos abaixo onde essa chave é acentuada.

Nossa pressuposição é de que o princípio pluralista, formulado a partir de lógicas ecumênicas e de alteridade, possibilita melhor compreensão da diversidade do quadro religioso e também das ações humanas. Não se trata apenas de uma indicação ética ou “catequética”. Com ele, as análises tornam-se mais consistentes, uma vez que possibilitam melhor identificação do “outro”, não idealizado, mas concretamente identificado, especialmente as pessoas e grupos que são in-

8. O autor usa o termo no sentido construído pelo pesquisador Homi Bhabha (2001).

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

visibilizados dentro da visão sociológica que Boaventura de Souza Santos (2010a) (2010b) chamou de “sociologia das ausências”. (RIBEIRO, 2019).

A ideia de alteridade não é nova na teologia ou mesmo na filosofia. Ao permanecer nas tradições abraâmicas, temos, como exemplo, o filósofo Emmanuel Lévinas, que posiciona a alteridade em um lugar privilegiado da ética, tendo papel preponderante na construção das relações humanas, não só com o outro, mas com todos os outros, combatendo epistemologicamente a noção de egoísmo (LÉVINAS, 2009).

Entretanto, o próprio autor está destacando questões para além da ética ou das preocupações catequéticas. A alteridade precisa ser pensada aqui como categoria analítica do pluralismo religioso. Nesse sentido, é importante ressaltar que admitir a existência do “outro” é observar características e elementos distintos do “eu”. Existe o “eu” e o “outro” porque são diferentes. No caso das religiões, mais do que diferentes, observando a realidade posta, são também desiguais.

Ao adentrar nessa observação, é possível admitir que idealmente seria importante reconhecer que as religiões são diferentes entre si, mas deveriam ter igualdade de condições no es-

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

paço público. Além disso, que deveriam determinar questões e fazer prevalecer seus dogmas apenas aos que livre e espontaneamente quisessem aderir aos mesmos. Contudo, as religiões têm relações bem distintas de acesso e exercício do poder.

No caso brasileiro, temos uma distribuição irregular da quantidade de fiéis (MARIANO, 2013). O que não se apresenta como problema, pois trata-se de movimentações naturais do mercado religioso. Entretanto, quando vamos para as representações no congresso nacional, algumas religiões são hiper-representadas, com congressistas em número relativo maior que os fiéis brasileiros do conjunto, enquanto outras são totalmente invisibilizadas (PRANDI; SANTOS, 2017). Isso no aspecto do poder político. A mesma análise pode ser feita nos outros dois poderes, tanto o econômico quanto o ideológico, no sentido dado por Norberto Bobbio⁹ (BOTELHO, 2004).

A teologia pluralista pode ser pensada por meio de uma imagem. Se existem pontes de diálogo que se fazem necessárias entre as diferentes formas religiosas na esfera pública, o princípio pluralista está preocupado em entender suas margens. Ou seja, en-

9. Para compreender a ideia original do autor, ver Bobbio (1980).

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

tender a diversidade inerente a cada uma delas e os pontos de desigualdade que prejudicam um exercício pleno e livre do arbítrio religioso, inclusive a escolha de não ter religião.

Muitas áreas científicas entraram nessa observação e interpretação de religiões não abraâmicas no contexto brasileiro. Algo fundamental para o princípio pluralista entrar em diálogo com essas denominações. As próprias religiões afro-brasileiras são devedoras das ciências sociais no material de pesquisa que fora levantado.

As ciências da religião pouco contribuíram nesse sentido, no que pese terem aumentado nos últimos anos pesquisas de mestrado e doutorado sobre essas tradições. Mesmo assim, sua maioria de estudos e pesquisas do ambiente cristão está justificada pelo fato de as ciências da religião terem nascido de programas teológicos de igual denominação. E, naturalmente, seus estudantes e pesquisadores vão empenhar seus esforços nas tradições religiosas às quais são filiados ou estimulados pelos programas.

No intuito de oferecer melhores condições na esfera pública, buscando isonomia entre as religiões, surge a teologia afro-brasileira. Um campo científico construído pelo *insider*, pelas “mãos” de um pai de santo.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

Teologia afro-brasileira surge no terreiro por um pai de santo

O pai de santo Francisco Rivas Neto (1950-2018)¹⁰ foi o sacerdote das religiões afro-brasileiras responsável pela fundação da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira instituição de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras¹¹. Sua proposta de teologia nasce da associação entre senso religioso e senso crítico. Inclusive, as palavras que se seguem são metodologicamente influenciadas por esse ângulo de interpretação.

O **senso religioso** exercita a crença, a fé. A religiosidade leva a acreditar em algo ou alguma coisa. O verbo “acreditar” remete a aceitar a veracidade ou existência daquilo sobre o que o sujeito projeta sua atenção e observação. Portanto, acreditar de alguma forma é criar a realidade dada. Quando um fiel deposita sua fé em uma pedra, tornando-a sagrada, a referida

10. Sobre este autor, ver Carneiro (2020).

11. Sobre a FTU, desde a sua fundação até sua ação no meio religioso e acadêmica, ver Carneiro (2014a).

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

pedra nunca mais será a mesma para aquele que crê. Constituirá uma realidade aumentada, uma ideia ampliada do que existe. O mesmo verbo também tem um significado importante, “acreditar” se sublima e vai ao encontro da confiança, das boas intenções, das finalidades do objeto em que o fiel se debruça. Portanto, mais do que exercitar respeito à fé e crença de um religioso, a ação de acreditar, em sentido expandido, desenvolve nossa potência em criar e confiar. Daí sua sacralidade, sua porção divina.

Enquanto sociedade devemos, pelo exposto, ter muito respeito à fé das pessoas. O respeito ao outro quanto a sua crença se faz necessário e deve ser tratado como direito humano. A ressalva é não prejudicar outrem ou o coletivo. Tal questão não é simples, mas estimula que seja refletida por quem se interessa pelo tema. O autor defendia em vida que o axioma da diversidade admite tudo, menos impor a outra pessoa a sua forma de enxergar o mundo.

Logo, apontar erros ou defeitos à fé do outro não deveria ser seara do meio religioso ou do senso comum. No que pese isso ser observado sem maiores dificuldades por um pesquisador do campo religioso. Muito menos criar hierarquias entre uma e outra crença. Não existe fé melhor ou pior. Existe, sim,

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

aquele exercício de acreditar diverso e plural inerente a todo ser humano. Aquele religioso que optou por um caminho espiritual prática, no julgamento dele, a melhor forma para ele. Isso não significa que seu próximo terá precisamente o mesmo êxito ao realizar a mesma escolha de forma espontânea.

O **senso crítico** está relacionado ao saber acadêmico. São diversas as disciplinas que podem colocar como seu objeto de pesquisa as religiões afro-brasileiras. Além das já citadas ciências da religião e ciências sociais, poderiam fazer parte desse rol: filosofia, história, geografia, botânica, psicologia, medicina, entre tantas outras. Trata-se de um olhar “desde fora” da religião. Cada cátedra usa seus pressupostos para analisar a religião afro-brasileira em seu particular, formulando hipóteses de trabalho que serão ou não confirmadas durante a pesquisa.

No caso da teologia, o autor faz uma analogia imagética. Se o senso religioso for representado por uma das mãos e o senso crítico por outra, a teologia seria o exercício de unir ambas.

Tal condição é importante, pois, na teologia afro-brasileira, o adepto tem voz na academia, pois sua experiência é levada em consideração no campo. A afirmação não nega o

Dr. João Luiz Carneiro

fato da existência de pesquisadores de outras áreas científicas que estudaram as religiões afro-brasileiras sendo iniciados.

Entretanto, o método científico de sua área de saber exige um distanciamento do objeto, por menor que seja. Ao passo que, na teologia, a questão está em mediar o conhecimento científico com a sabedoria tradicional. Dito de outra forma, faz parte do método científico desenvolvido por Rivas Neto, além de ouvir o fiel, fazer com que seu saber seja parte da pesquisa de forma estruturada e conectada com o senso crítico.

Essa proposta teológica exigiu a constituição não só de um novo campo, mas também de novos conceitos. Ao fundar a FTU, o autor não fez apropriação de definições teológicas cristãs e aculturou nas religiões afro-brasileiras. Pelo contrário, respeitando profundamente as inequívocas contribuições da teologia, ousou em trazer novos olhares, outras perspectivas.

A começar pelo empoderamento da teologia de tradição oral (CARNEIRO; RIVAS; RIVAS NETO, 2014). Se por um lado a questão da tradição escrita está posta e respeitada nos pressupostos teológicos afro-brasileiros, o autor vai desenvolver o campo na oralidade. As ideias de “núcleos duros

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

e zonas de diálogo” (RIVAS NETO, 2015) e “Escolas das Religiões afro-brasileiras” (RIVAS NETO, 2012) são outros exemplos concretos do exposto¹².

O exercício teológico posicionado por Berkenbrock (2014) como ato reflexivo secundário, ou seja, obrigatoriamente posterior à fé, foi uma constante no trabalho científico de Rivas Neto. Dentro de suas dependências, a FTU não tinha apenas salas de aula, biblioteca, espaços de convivência. Ela possuía um terreiro que realizava suas atividades públicas e gratuitas a centenas de fiéis que a frequentavam semanalmente (CARNEIRO, 2014a).

Além dos rituais, realizava locutórios e seminários com pais e mães de santo de diferentes escolas, para usar o termo próprio da teologia afro-brasileira, e lugares do país. Concomitantemente, publicava livros, artigos e organizava congressos acadêmicos contando com a presença dos pesquisadores de diversas áreas do saber e com produção bibliográfica reconhecida (CARNEIRO, 2014a).

12. Para mais esclarecimentos sobre os termos “núcleos duros e zonas de diálogo” e “escolas das religiões afro-brasileiras”, além da fonte primária citada no artigo, ver Dicionário Teológico das religiões afro-brasileiras (2020).

Dr. João Luiz Carneiro

O ambiente de construção teológico foi, portanto, privilegiado. Pai Rivas Neto tinha ao seu alcance acesso a várias lideranças afro-brasileiras de igual maneira como tinha trânsito livre com pesquisadores renomados que chegaram a ministrar aulas na FTU, seja no curso de graduação ou pós-graduação¹³. Isso lhe deu fôlego para penetrar em questões delicadas. Um dos desafios que ousou enfrentar na análise das religiões afro-brasileiras foi seu caráter diverso em quase conflito com sua igual coesão conceitual. É possível observar tantas diferenças entre as variadas escolas afro-brasileiras quanto unidade na maneira que a sociedade civil como um todo e mesmo setores científicos enxergam essas religiões.

No que diz respeito ao senso comum, mesmo no sentido pejorativo, expresso na frase “tudo é macumba”, por exemplo, e sem intenção de esgotar o tema, existe de alguma maneira a percepção da existência de uma unidade nesse conjunto afro-brasileiro. Aqui motivada declaradamente pela ignorância e o racismo religioso.

13. Para conhecer essa relação de professores no curso de pós-graduação da FTU, o primeiro do gênero na história da teologia, ver Carneiro (2014b).

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

Em outra pesquisa (CARNEIRO, 2014b), é possível compreender como o próprio termo “religiões afro-brasileiras” é uma construção científica que fora incorporada pelo meio religioso. Existem setores que ainda têm certa resistência em adotar essa identificação, seja por questão de fé, algo respeitável, seja por reproduzir em certa medida a mesma ignorância e racismo religioso do senso comum. Algo um tanto paradoxal, mas que é percebido pelos teólogos afro-brasileiros (CARNEIRO, 2014b).

A saída do pai de santo para essa problematização complexa foi a noção de *Gestalt* (HOLANDA, 1998), tão cara à psicologia. Rivas Neto entende *gestalt* em sentido ampliado para o campo afro-brasileiro como o reconhecimento de que existe uma necessidade de entender e conviver com as diferenças na realidade posta.

Por um lado, isoladamente nenhuma parte ou expressão religiosa afro-brasileira pode ser utilizada como referência para explicar o todo. Ao mesmo tempo, apenas a coesão, arranjo, disposição de todos os seus componentes, de todas as características de cada terreiro e escola permite entender o todo, ou seja, as religiões afro-brasileiras no sentido lato.

Uma de suas figuras ilustrativas clássicas é a imagem de um bolo. Se cortar um pedaço do bolo, jamais você conse-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

guirá recompor o pedaço na mesma forma e circunstância que estava antes de passar a faca e realizar o corte. Uma escola afro-brasileira só pode ser compreendida em sua posição e troca de influências com o conjunto afro-brasileiro. Se “isolar” uma escola, você quebra a *Gestalt*. Não consegue nem analisar corretamente a escola específica e, muito menos, as religiões afro-brasileiras como um todo (RIVAS NETO, 2012).

Retomando o princípio pluralista, a contribuição do pai de santo, fundador da teologia afro-brasileira, seria a *Gestalt* teológica resgatada e ampliada por ele. É importante entender a alteridade, como na proposta de Lévinas (2009), o entre-lugar de Homi Bhabha (2001) e considerar sempre as teorias decolonialistas como na pena do semiólogo argentino Walter Mignolo (2010). Contudo, observar a parte sempre como integrante do todo.

A figura da ponte e das margens citadas na teologia pluralista no item anterior pode ser revista ao se defrontar com a contribuição da teologia afro-brasileira. Não existe relação de preferência ou importância na análise. É preciso estudar e pesquisar igualmente tanto as margens (os atores sociais religiosos, indivíduos ou instituições) quanto a ponte (o canal

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

que permite a convivência de ideias na esfera pública) como conjunto e não de forma segregada.

Diante do exposto e evocando alguns exemplos aqui trazidos de conceitos construídos ou revisitados pela teologia afro-brasileira, de uma forma pragmática, Rivas Neto usou seu cabedal religioso, fora iniciado em escolas dos três núcleos das religiões afro-brasileiras, e sua formação acadêmica, médico no início da carreira e teólogo no fim de sua vida, para estruturar o campo com pressupostos próprios. Coube a sua sucessora, a Mãe Maria Elise Rivas, dar continuidade ao desafio desse projeto teológico.

Teologia afro-brasileira e seus desafios atuais aos cuidados de uma mãe de santo

Mãe Maria Elise Rivas, além de ter sido inicialmente teóloga formada na FTU, exerceu a docência e direção da instituição participando ativamente no credenciamento e recredenciamento da instituição (CARNEIRO, 2014b), bem como

Dr. João Luiz Carneiro

no reconhecimento do curso¹⁴ com nota 4 em uma escala de 1 a 5, que a colocou em patamar de excelência até o encerramento de suas atividades. De certa maneira, além de contribuir com o legado deixado por Rivas Neto na construção do campo, ela foi produto e produtora dessa primeira fase da teologia afro-brasileira.

Se Rivas Neto foi o “engenheiro” da teologia afro-brasileira, Maria Elise Rivas tem um importante papel de “arquiteta” nessa nova fase que bate à porta. A autora vai ao encontro dos invisibilizados no campo afro. Sua pesquisa mais relevante foi publicada em 2013 e dá um novo *design* a um dos temas mais sensíveis no universo umbandista.

As umbandas nasceram em solo brasileiro, notadamente do candomblé de caboclo e das macumbas, ganhando contornos específicos e, de acordo com as suas influências, constituindo as diversas escolas umbandistas (RIVAS NETO, 2012). O espiritismo terá um papel importante na formação das escolas umbandistas, mas é em momento histórico secun-

14. Fonte: *Plano Nacional de Cultura*, disponível em: <<http://pnc.cultura.gov.br/2013/04/23/o-curso-de-teologia-com-enfase-nas-religoes-afro-brasileira/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

dário, junto com as demais práticas cristãs (predominantemente católicas).

Nesse sentido, entra a contribuição decisiva de Maria Elise Rivas (2013) ao reconhecer a importância do mito fundante da umbanda cristã, centrada em 1908 pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, incorporando em Zélio Fernandino de Moraes. A pesquisa realizada por cientistas sociais aponta o surgimento dessa escola umbandista na década de 30 do século XX. Portanto, temos um marco oficial de 1908, um marco sociológico na década de 30 (GIUMBELLI, 2002).

Contudo, o campo religioso das umbandas é multirreferencial, polissistemático, portanto, policêntrico (RIVAS, 2013) e, assim, complexo. As chamadas macumbas já tinham em seu bojo todos os elementos da umbanda, menos o nome. A autora aponta pelos menos dois casos amplamente documentados para justificar seu ponto de vista: Juca Rosa e João de Camargo.

Em 1865, ou seja, 43 anos antes da suposta fundação da umbanda, há relatos de um alfaiate chamado José Sebastião da Rosa, conhecido por Juca Rosa, que exercia a feitiçaria, incorporado por entidades como Pai Quibombo, Pai Vencedor e Pai Zuza, que davam consultas para seus filhos e consulentes.

Dr. João Luiz Carneiro

A autora aponta os traços que remetem aos caboclos de Ogum (Vencedor) e aos pretos velhos (Zuza) das umbandas.

O segundo caso, não mais no Rio de Janeiro, mas em Sorocaba, aponta uma forma bastante particular de João de Camargo fundar uma capela em 1906. Nela havia imagens católicas, de índios e caboclos, que faz claramente um paralelismo com o arsenal imagético umbandista. Sua pesquisa remete à ideia de que não é possível falar em mito fundante das umbandas como um todo, mas, sim, em histórias de fundação que remetem a uma escola ou um terreiro umbandista.

De igual forma, sua pesquisa permite pensar todo o painel afro-brasileiro com os mesmos pressupostos herdados da *Gestalt* de Rivas Neto. Ao tratar do surgimento do mito fundante como algo particular a uma escola, reforça as características próprias da umbanda cristã. Ao mesmo tempo, não nega a existência de outras formas de umbandas que não beberam dessa fonte, desse mito.

O conceito retoma a ideia de diferença sem desigualdades axiológicas. Ao mesmo tempo, permite leituras feministas e de gênero como um todo, movimentos pretos pós-coloniais e todas as camadas metodológicas que retiram os véus dos pre-conceitos vários praticados na história do Brasil que são repro-

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

duzidas igual ou em até maior escala nas religiões afro-brasileiras. De forma prática, a umbanda cristã não é melhor nem pior que a umbanda omolocô (BAHIA; NOGUEIRA, 2018). Contudo, a umbanda cristã sofre menos preconceito do que a omolocô por suas características sociais: embranquecida, praticada em maior escala pela classe média em zonas urbanas e mais sincretizada com os elementos cristãos, grupo majoritário segundo o *Censo* de 2010 (MARIANO, 2013).

Em seguida, apresenta em outra pesquisa o tema de gênero na teologia carregando o título *sui generis Teologia usa saias?* (RIVAS, 2017a). Um trabalho com forte temática de gênero.

A autora analisa o campo profissional da Teologia pós-regulamentação para mulheres, tendo em vista a oficialização do bacharelado. Para discorrer sobre o tema, ela retoma o início do ensino superior no país e a exclusão das mulheres, gerando desigualdades de acesso ao saber a partir da concepção de gênero.

Com a passagem da teologia do ambiente restrito aos seminários e cursos sacerdotais cristãos para curso superior, o acesso universal passou a ser premissa. Assim, qualquer pessoa, inclusive as mulheres e leigos que sofriam restrições nesta área, poderiam acessar o curso e se formar no campo.

Dr. João Luiz Carneiro

A autora utiliza não só categorias da teologia feminista, como também as relações de poder observadas no campo, refletidas na divisão sexual do trabalho. Ela segue as suas investigações com pesquisa de campo, entrevistando alunos e alunas egressos(as) de cinco instituições, reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), da grande São Paulo, uma delas sendo a FTU e as demais cristãs. Se na pesquisa sobre o mito fundante da umbanda Maria Elise Rivas está preocupada com invisibilização das raízes negras, aqui ela busca dar lugar à mulher no campo teológico.

■ Porém existe um trabalho que vai ao encontro dessas diferentes vertentes marginalizadas na sociedade brasileira e converge na sua pesquisa de doutorado intitulada: *Tem mulher na macumba 'sim sinhô': as mulheres negras na macumba religiosa e musical carioca entre 1870 e 1930* (RIVAS, 2017b).

Em sua tese, a autora pesquisa as mulheres negras nas macumbas cariocas, relatadas nos jornais do Rio de Janeiro, entre os anos de 1870 e 1930, tendo como interesse maior observar sua maior ou menor presença, bem como a ausência das mesmas nas macumbas. O seu esforço é aplicado no campo empírico em 19 jornais que circularam na cidade carioca no período pesquisado disponibilizados, logo, em fonte primária.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

ria. Durante sua pesquisa, reconhece que “[...] foi necessário muito esforço para podermos encontrar as mulheres negras em ambas as macumbas, mas elas estavam lá” (RIVAS, 2017b).

Todas essas pesquisas realizadas por Maria Elise Rivas reforçam seu papel na teologia e os desafios atuais. A partir do campo fundado e construído por Rivas Neto, aprofundar seus conceitos e dar visibilidade aos personagens marginalizados na sociedade por preconceitos históricos e que, portanto, estão arraigados tanto no imaginário quanto no cotidiano do país.

Assim a teologia afro-brasileira quer dar lugar e vez aos candomblés, encantarias e umbandas, mas precisa fazer o mesmo com mulheres, pretos, anciãos e pobres. Vale a pena ressaltar que de alguma maneira esforços semelhantes são feitos em outros setores teológicos. Como exemplo, é possível citar o pastor Ribeiro (2018), que aponta a necessidade de a teologia latino-americana diante do pluralismo religioso ouvir e promover a mudança de seu lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas.

Entretanto, voltando o olhar para os religiosos afro-brasileiros, surgem as seguintes questões:

- Como promover a formação de teólogos(as) afro-brasileiros(as) após a extinção da FTU?

Dr. João Luiz Carneiro

- Como desenvolver o pensamento teológico afro-brasileiro?
- Como mediar o fazer teológico que empodera as minorias e sensibiliza a necessidade de lutar contra as desigualdades várias diante de um fazer social, contribuindo para que essas mudanças aconteçam de fato?

Essas são algumas das questões que se impõem à teologia afro-brasileira e ao mesmo tempo respondo o porquê de ela ser necessária.

Conclusão

O artigo apresentou quatro momentos distintos, porém em diálogo. Essa abordagem apresenta um raciocínio que vai dos tempos gregos à atualidade afro-brasileira em convívio com uma grande diversidade religiosa e leiga.

Ao trazer as contribuições de frei Volney Berkenbrock foi possível revisitar a história da teologia. Seu nascimento pré-cristão, muito diferente do que é conhecido hoje, privilegiava os mitos e a visão politeísta de mundo. O processo de encultu-

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

ração cristã demorou, mas chegou. A partir de então a teologia ficou marcadamente abraâmica e, mais especificamente, cristã. Tal condição dificulta teologias não cristãs, caso das religiões afro-brasileiras, em conseguir um espaço isonômico de diálogo.

A teologia como campo científico também sofre problemas com sua legitimação. Por assumir seu aspecto confessional, inerente ao fazer teológico, pois bebe da sabedoria da religião em que é estudada, está mais distante de métodos científicos mais rígidos até mesmo para as ciências humanas. Sua fraqueza paradoxalmente também é sua fortaleza. Apenas a teologia pode contar com o *insider* em sua plenitude de pesquisa. Todas as demais disciplinas colocam a autoimposição de distanciamento do seu objeto, por menor que o seja.

A modernização da teologia acaba por permitir a formação de diversas vertentes. O pastor Cláudio Ribeiro oferece uma saída promissora com a teologia pluralista. O ato de aceitar as diferenças e desigualdades das instituições religiosas e seus fiéis é um passo importante para gerar análises coerentes que facilitarão o exercício pleno de uma teologia que pretende abraçar todas as possibilidades religiosas. Sejam seus aspectos mais sociais e culturais, tomando como referência os entre-lugares e políticas decoloniais, sejam os

Dr. João Luiz Carneiro

elementos mais conectados ao fazer teológico como a noção de alteridade, a teologia pluralista está preocupada em acompanhar o posicionamento e movimento dialético das religiões na esfera pública.

Uma das formas mais justas e isonômicas para este diálogo teológico seriam as construções teológicas de cada grupo religioso. Por diversos motivos, que vão do econômico ao político, passando por questões históricas e características inatas, nem todos vão se interessar ou buscar esse caminho. Não foi o caso das religiões afro-brasileiras.

■ Pai Rivas inicia esse movimento por dentro das religiões afro-brasileiras com muita articulação e política endógena. Tais esforços vão ser concretizados na institucionalização da teologia com o advento da FTU e a construção de categorias específicas pelo sacerdote e teólogo.

Esse trabalho logra êxito por mais de uma década. Contudo, pelos mesmos motivos que muitas denominações religiosas não conseguiram formar seu campo teológico, a instituição FTU não conseguiu sobreviver. Ainda assim, suas sementes já foram plantadas e geraram teólogos e especialistas em teologia afro-brasileira que seguiram no meio acadêmico, seja com a pesquisa, seja com a docência.

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

Mãe Maria Elise Rivas capitaneia essa nova fase. Por um lado, não existe mais a legitimidade de uma instituição teológica afro-brasileira. A FTU foi a primeira e única do gênero. Todos os pais ou mães de santo, iniciados ou adeptos que não se formaram na FTU, ainda que tenham estudado e pesquisado sua religião, estão sob a chancela de uma teologia cristã. Por outro lado, sua mantenedora OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino) encontra fôlego para patrocinar e desenvolver projetos teológicos que dão maior liberdade para produção, pois não sofre mais com as cobranças burocráticas do Estado.

O projeto dessa mãe de santo aponta para o aprofundamento das várias escolas das religiões afro-brasileiras em estado de *Gestalt* e isonomia. Ao mesmo tempo, valorizando os indivíduos pelas chaves da visibilidade das ditas minorias. Trata-se de uma teologia militante em certa medida, pois quer dialogar com todo o campo teológico e outras disciplinas acadêmicas no braço científico e exaltar a função sacerdotal afro-brasileira no braço religioso.

A proposta teológica afro-brasileira está distanciada de outras abordagens cristãs. Pais e mães de santo não se formam em livro ou em curso de teologia. Eles são formados dentro do terreiro sob as condições segundo as quais cada tradição se ca-

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

racteriza. Em todas elas, por meio da Iniciação, a transmissão é de mãe para filha de santo. Um teólogo não tem condição de fazer religião apenas por sua formação acadêmica.

Ao mesmo tempo, toda a sabedoria de terreiro não é sinônimo de conhecimento teológico. Para ser teólogo afro-brasileiro é necessário se formar no bacharelado ou buscar especializações, mestrado, doutorado em instituições que sejam dessa confessionalidade, ou seja, afro-brasileira. Até o presente momento, os cursos de bacharelado e pós-graduação com essa característica não existem mais. Um pai ou mãe de santo não consegue fazer teologia por seu cargo de santo ou grau de iniciação.

Contudo um pai ou mãe de santo pode ter se interessado pela teologia e se formado nela. É o caso dos dois sacerdotes citados aqui: Pai Rivas e Mãe Maria Elise Rivas. Nesses casos, ambos transitam entre ciência e religião não por uma condição especial, mas por algo adquirido. Seguiram o caminho da iniciação no terreiro, o que fez deles sacerdotes, e também seguiram os ritos científicos, permitindo-lhes serem especialistas em Teologia afro-brasileira.

No caso católico e protestante, encontramos situações análogas. O frei Volney foi ordenado sacerdote católico e se formou

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

em teologia, permitindo transitar por ambos espaços de saber. O pastor Cláudio Ribeiro é nomeado assim pela sua denominação religiosa, a Igreja Metodista, e construiu igualmente uma longa carreira acadêmica a partir da sua formação teológica.

Os quatro autores utilizados no artigo refletem o espírito do texto: promover uma aproximação de saberes (religioso e científico) respeitando o espaço de cada forma, mas recordando o ser humano como agente fundamental na construção e manutenção de ambos. O sacerdote-teólogo e o teólogo-sacerdote são faces da mesma moeda comumente nominada de religião.

Referências

- BAHIA, J.; NOGUEIRA, F. Tem Angola na umbanda? Os usos da África pela umbanda omolocô. *Revista TransVersos*, 13, p. 53-78, 2018.
- BERKENBROCK, V. J. *Mementos produzidos em atividade docente*. 2020.
- BERKENBROCK, V. J. A teologia como sabedoria iniciática: elementos para uma teologia fundamental afro-brasileira. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; RIVAS, Maria Elise; JORGE, Erica. (Org.). *Teologia afro-brasileira*. São Paulo: Aché, 2014.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BOBBIO, N. *A teoria das formas de governo*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BOTELHO, André. O poder ideológico: Bobbio e os intelectuais. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 93-111, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. de 2020.

CARNEIRO, É. J. Francisco Rivas Neto e a constituição do campo teológico afro-brasileiro. *Revista Estudos Afro-Brasileiros*, v.1, n. 1, 2020.

CARNEIRO, J. L. *Academia no terreiro ou terreiro na academia? A função da Faculdade de Teologia Umbandista no diálogo entre adeptos de religiões afro-brasileiras e acadêmicos na esfera pública*. 310 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014a.

CARNEIRO, J. L. *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014b.

CARNEIRO, J. L.; RIVAS NETO, F.; RIVAS, M. E. *Teologia de tradição oral*. São Paulo: Arché, 2014.

GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.). *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*, São Paulo: Summus, p. 183-217, 2002.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Por que teologia? Análise do campo em perspectiva...

HOLANDA, A. Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos. *Estud. psicol.* (Campinas), Campinas, v. 15, n. 2, p. 29-44, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X1998000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LÉVINAS, E. *O humanismo do outro homem*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no CENSO 2010. *DEBATES DO NER*, v. 2, p. 119-137, 2013.

MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. *Tempo social* [online], vol. 29, n. 2, p.187-214, 2017.

RIBEIRO, C. O. O princípio pluralista como elemento articulador de pesquisas na área - Ciências da Religião e Teologia. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 19, p. 65-86, 2019.

RIBEIRO, C. O. A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso: a mudança de lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas. *ENCONTROS TEOLÓGICOS (FLORIANÓPOLIS)*, v. 33, p. 309-334, 2018.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

- RITO, Honório. *Introdução à teologia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- RIVAS, M. E. *O mito de origem*. São Paulo: Arché, 2013.
- RIVAS, M. E. *Teologia usa saias?* São Paulo: Arché, 2017a.
- RIVAS, M. E. *Tem mulher na macumba “sim sinhô”*: as mulheres negras na macumba religiosa e musical carioca entre 1870 e 1930. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017b.
- RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras*: tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché, 2012.
- RIVAS NETO, F. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2015.
- SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2010a.
- SANTOS, B. S. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010b.
- SCHILLEBEECKX, E. *Revelação e teologia*. São Paulo: Edições Paulinas, 1968.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

Dra. Maria Elise Rivas¹

Resumo: neste artigo, em primeiro lugar, busca-se localizar a teologia da tradição oral, especificamente afro-brasileira, como independente de outras teologias, bem como se trata de objeto basilar para o desenvolvimento de análises e estudos no âmbito das religiões afro-brasileiras; em seguida, relaciona os conceitos de escolas e núcleos duros (RIVAS NETO, 2012; 2014) como estruturantes e métodos para definir campos de estudo na área, e, por fim, introduz diferentes abordagens teo-

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

lógicas, a saber: teologia dos núcleos duros, teologia das escolas das religiões afro-brasileiras, teologia de exu, ecoteologia, etnomedicina ou teologia da saúde, ética e teologia, teologia prática, teologia do transe, teologia do mito de fundação, teologia do corpo, teologia do som, teologia com enfoque em gênero e etnobotância.

Palavras-chave: teologia da tradição oral; religiões afro-brasileiras; escolas; núcleos duros; abordagens teológicas.

■ Começarei este texto contando uma situação pela qual passei recentemente quando fui fazer uma palestra sobre o *Dia Internacional da Mulher*. Pediram meu currículo reduzido para apresentar ao público presente e falei de minha formação de base em primeiro lugar. Sou teóloga, formada pela extinta FTU – Faculdade de Teologia Umbandista, com ênfase em religiões de tradição oral, mais especificamente teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras.

Ao dizer a instituição e formação vi uma expressão, diria, desconfiada e certa decepção não verbalizada, mas na sequência completei que era mestra e doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP e, para meu assombro, as pessoas abrem um

sorriso de alívio. A nítida sensação é de que havia passado por “trapaceira”, afinal, a FTU e a tradição oral promovem uma eterna desconfiança, diferentemente do caso de uma pessoa muito bem formada pela PUC-SP. Eu me senti num processo de salvacionismo acadêmico.

Esta situação me impactou e trouxe memórias de minha vida de teóloga, da construção de minhas produções acadêmicas e religiosa, seja na forma de livros, capítulos de livros, artigos acadêmicos, entrevistas, atuação no grupo de trabalho do Conselho Nacional de Educação, entre 2011 e 2013, para a constituição da recente disciplina de teologia pelo MEC, e os vários projetos de militância a favor das religiões afro-brasileiras, contra o racismo, contra a misoginia e aporofobia² – que está muito envolvida com a religião que nasce dos marginalizados frutos da escravidão africana e indígena, principalmente, bem como dos indo-europeus de classes menos favorecidas, que escolhi viver. Estas questões sempre esbarram no eterno movimento de provar a legitimidade de minha formação como teóloga de tradição oral.

2. Termo cunhado por Adela Cortina (2017).

Dra. Maria Elise Rivas

Percebi que passei mais tempo tentando provar a legitimidade, a importância e o conhecimento/epistemologia das religiões afro-brasileiras de tradição oral do que falando, debatendo e produzindo teologia das religiões afro-brasileiras.

A justificativa da legitimidade consumiu minhas “falas”, minhas pesquisas. Fiquei muito brava comigo mesma ao me dar conta disto tardiamente. Muito brava, pois perdi tempo precioso tentando rebater e debelar esta desconfiança da tradição oral. Dei-me conta de que ela, a tradição oral, e eu agíamos como as filhas bastardas, as filhas indesejadas querendo provar nossa legitimidade sem pensar que o simples fato de existirmos era o suficiente. “Estava nascida” a Teologia de Tradição Oral, e ela e eu, a teóloga com ênfase na tradição oral, ambas, requeríamos nosso lugar.

Sabia que a tradição oral é muito antiga, nascida há muito, mesmo antes de requerer seu lugar em meio aos fidalgos(as) e aristocratas da teologia, porém, tardiamente me dei conta de que vivia um sistema de opressão que não me permitia ser teóloga com toda a força de minha formação e falar sobre ela, a tradição oral.

Sentíamos que as “vozes silenciosas” apontavam ser inoportuno querer sentar “à mesa” e dividir os pães. Exigiam que

ficássemos com as migalhas da teologia. Não! Não e não! A teologia de tradição oral deveria sentar-se à ponta da mesa, de tão antiga que é, pois é este o lugar que cabe aos mais velhos(as). Talvez esteja nesta antiguidade o verdadeiro incômodo de nunca quererem nos ouvir.

A disputa aparentemente sempre esbarrava no direito ao uso da palavra teologia. Ela³ tem “dono”, embora a história anteceda o “direito de propriedade”, e causa certa estranheza e, diria, desconfiança quando usada fora do mundo cristão, principalmente quando usada pelas religiões afro-brasileiras,

3. Quanto à origem da palavra teologia, era utilizada em período anterior ao surgimento do cristianismo. Ela era usada pelos gregos, na Grécia Clássica, período no qual os poetas gregos recebiam o título de teólogos. Eles, os poetas, eram aqueles que discursavam sobre os deuses, por meio de seus versos. Faziam teologia mítica. No período clássico da Grécia, o filósofo Sócrates (470 – 399 a.C.) fazia menção a três disciplinas, da filosofia teórica, como sendo teologia, que mais tarde foi denominada metafísica. Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates, passa a utilizar o termo teologia para expressar o discurso crítico-racional sobre os deuses da mitologia. Na era aristotélica, Aristóteles (384-322 a.C.) faz uso do termo para se referir ao estudo do Ser supremo. As primeiras comunidades cristãs não faziam uso do termo do modo sistematizado como conhecemos, sendo raro o uso da palavra teologia pela comunidade cristã. O uso recorrente do termo acontece, mais precisamente, na Escola de Alexandria (Clemente e Orígenes, ambos do século I e II d.C.), e neste período se caracteriza como conhecimento cristão de Deus (LIBANIO; MURAD, 1996; MCGRHAT, 2007; MARCONDES, 2008).

Dra. Maria Elise Rivas

mas todo terreiro, roça, ilê, choupana, entre outras denominações, tem uma teologia prática. Podíamos não utilizar tal nomenclatura ou ter a mesma como parte integrante de nosso vocabulário no cotidiano, mas ela está lá. As religiões afro-brasileiras têm e fazem muita teologia. Quanto ao direito de uso da palavra, não caio mais nesta... vou falar de teologia afro-brasileira e pronto.

Como diz Almeida (2020, p. 47), “é muito importante que a filosofia e a teologia continuem causando ‘surpresas” e a maior delas foi (res)surgir com a teologia de tradição oral. A nossa existência em um mundo consolidado pela tradição escrita é o maior dos desconfortos.

É importante deixar claro que o ponto de vista teológico ou filosófico da tradição oral também forma, educa, instrui, orienta, norteia, prepara, habilita, nutre e faz crescer. O que precisamos é pensar a teologia de tradição oral a partir de seu contexto e realidade e jamais tentar encaixá-la no modelo usado pela tradição escrita.

É necessário que estejamos a par das especificidades das religiões afro-brasileiras. Só assim é possível entender a teologia de tradição oral, das religiões afro-brasileiras, plenamente ou parcialmente. A tensão entre tradição oral e tradição escri-

ta é absolutamente dispensável, embora tenha podido viver em várias circunstâncias que a nossa presença no seio da “tradicional academia” parecia evocar um temor, um medo de um passado “primitivo” que estava superado pela supremacia evolucionista calcada em valores tecnológicos, a escrita, que deu substrato à tradição escrita. Ela, tradição escrita, no senso comum, e espero que não no senso crítico, parece ter vencido um passado incerto e duvidoso de um mundo calcado na oralidade. Passa uma ideia de libertação de um mundo recuado em um passado arcaico e selvagem.

Será que o medo está em remexermos neste passado, não tão passado assim, “primitivo”? O medo de as práticas e as superstições populares voltarem à cena? O medo de sair do mundo da teologia baseado única e exclusivamente na razão letrada tão distanciada dos seres humanos “comuns”? Medo dos sentimentos religiosos vigorosamente enraizados, que “não podem ser alcançados a não ser por meio de suas expressões culturais, não somente aquelas de uma cultura elitizada, mas também, sobretudo, de uma cultura dos campos, das praças, das tavernas, da cultura oral, anônima, na qual todos são os elaboradores, escritores, receptores e transmissores (FRANCO JR., 2010, p. 29)”?

Dra. Maria Elise Rivas

Teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras

Sei que muitos podem se perguntar se a teologia de tradição oral das religiões afro-brasileiras terá material para estudar. Posso responder que esta teologia tem muito a dizer sobre as religiões afro-brasileiras. Teologia é um olhar crítico da religião, da fé, do mito de criação, da origem, da rito-liturgia, da história, do comportamento religioso e tudo mais que possa envolver a religião com método científico. Se há crentes, aquelas(es) que acreditam, preconizam e praticam uma religião, é possível analisá-la da perspectiva teológica.

Já se perguntaram como é a fé nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como entendemos e explicamos a nossa genealogia, pois nos denominamos religiões afro-brasileiras, logo diversas e com várias origens? Já se perguntaram o que une ou é comum entre as diversas religiões afro-brasileiras para que sejam denominadas desta maneira? Já se perguntaram como entendemos o mundo visível (material), invisível (espiritual) e a relação entre ambos? Já se perguntaram como a criação do mundo é descrita nas diversas religiões afro-bra-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

sileiras? Já se perguntaram como cultuamos nossos deuses e deusas, bem como nossos ancestrais? Já se perguntaram como transmitimos os valores religiosos e o conhecimento de nossa religião? Já se perguntaram o que é necessário para se tornar sacerdote ou sacerdotisa das religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram sobre a iniciação? Já se perguntaram como ocorre o transe com o Orixá, Nkisi e Vodun ou a incorporação com os(as) ancestrais? Como a iniciação se processa e se é igual em todas as religiões afro-brasileiras e para todos os cargos de santo? Já se perguntaram como e o porquê de a natureza ter centralidade em nossos processos rituais? Já se perguntaram sobre jogos divinatórios e oraculares e sua centralidade nas religiões afro-brasileiras? Como este jogo faz para se comunicar entre o mundo (visível) e o mundo (invisível)? Já se perguntaram sobre as diversas metodologias dos jogos oraculares? Já se perguntaram sobre magia nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram sobre cura nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como o som é vital nas religiões afro-brasileiras? Como a transmissão geracional é realizada? Já se perguntaram sobre a importância do corpo nas religiões afro-brasileiras? Já se perguntaram como religiões de tradição oral puderam sobreviver séculos e estar presentes no século XXI? Já se pergun-

Dra. Maria Elise Rivas

taram quem são e como se constituíram os ancestrais nas religiões afro-brasileiras? O corpo? Como entendê-lo nas religiões afro-brasileiras? Como a questão de gênero se faz presente nas diversas religiões afro-brasileiras?

Estas são perguntas que precisam e podem ser respondidas por meio de uma teologia afro-brasileira que não pode e não deve desconsiderar a diversidade e adaptabilidade das religiões afro-brasileiras no passar do tempo e a relevância das questões geográficas, que geraram as verdades, e não apenas verdade, religiosas. Por isto ela é absolutamente viável e importante. Tais perguntas podem ser respondidas de diversas formas, pois as religiões afro-brasileiras não são compostas por uma única cosmovisão e um único centro de poder, no entanto, mesmo que diversas em suas expressões, apresentam um norte comum. Ela está integrada por um linha estrutural sendo: tradição oral, iniciação, transe, senioridade, tempo mítico, memória, vivência religiosa individual e comunitária, divindades (Olodumare, Zambi, Tupã), potestades (Orixá, Nkisi e Vodun), ancestrais (caboclo, preto velho, criança, baiano, boiadeiro, marinheiro, mestres e culto dos eguns, entre outros), crença nos espíritos, a natureza como sagrada, o corpo como sagrado, dança ritual, a musicalidade vocal ou instrumental, vida em vários planos

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Entre teologias e preconceitos

de existência, a organização social e estrutural da família de santo, entre outros. As religiões afro-brasileiras têm identidade própria mesmo se manifestando de modo plurirreferencial, multirreferencial e plurissistemático (RIVAS NETO; RIVAS; CARNEIRO, 2014), especificidades que devem ser consideradas nos estudos teológicos no campo.

A teologia de tradição oral, das religiões afro-brasileiras, tem sua origem na diversidade e se mantém sem a necessidade da institucionalização de um poder central. Ela de modo explícito e sem reservas trata com naturalidade a diversidade de narrativas e interpretações existentes em seu seio, mas é necessário conhecê-las amiúde. Os estudos se fazem necessários para a compreensão da construção do pensamento teológico calcado na tradição oral das religiões afro-brasileiras, que têm o saber alicerçado na circularidade (*continuum* entre natural e sobrenatural) e no processo dialético.

A ponderação crítica das interpretações é dada em dois âmbitos, sendo o primeiro e vital a voz da sacerdotisa e do sacerdote tendo como norte sua formação religiosa, sua tradição e, em segundo plano, pelos pares, logo, por meio de um sistema coletivo, que se constitui em um censor dos limites, exercendo, assim, a função de organizador, ordenador e catali-

Dra. Maria Elise Rivas

sador dos pontos fundamentais de seus diversos núcleos e escolas. Mas isto não significa que a teologia não possa estudar o sistema de autocontrole, que explicita a distribuição do poder espiritual e cosmovisões distintas, sem um poder central, que ainda contrasta com as religiões ocidentais.

É parte da teologia afro-brasileira um debate permanente da criação do mundo sob a ótica por vezes africana, em outras tantas, indígena e, em outras mais, eurocentrada, mas o olhar e abordagem da criação do mundo existe e não é menos importante por ser policêntrico, plurissistemático e multirreferencial, logo, com várias perspectivas de interpretações, mas é necessário avançar nos estudos destes aspectos.

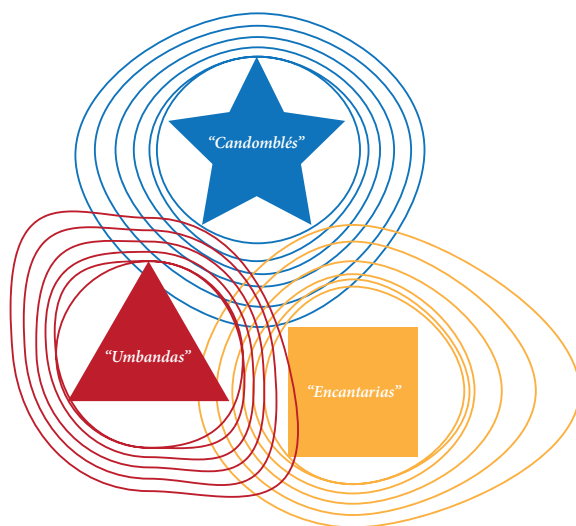
Neste breve artigo discutiremos algumas das possibilidades já debatidas na extinta FTU, faculdade com mote em teologia das religiões afro-brasileiras de tradição oral. Debates já expostos que retomaremos na *Revista estudos afro-brasileiros* como continuidade destes estudos já iniciados.

A **teologia do núcleo duro das religiões afro-brasileiras**, conceito cunhado por F. Rivas Neto (2014), faz referência aos elementos estruturantes (dogmas) que caracterizam as religiões afro-brasileiras concentrando seus alicerces que não se modificam (ou praticamente nada) com o passar do tempo,

Entre teologias e preconceitos

como o fato de a transmissão ocorrer de modo geracional tendo como base a oralidade, o (des)envolvimento por meio da vivência e experiência ritual, transmissão geracional (de pai ou mãe de santo para filho ou filha de santo), o transe e mediunidade, uso da magia, iniciação como método de formação, jogos oraculares, medicina tradicional, entre outros. Aqui se encontram o eixo, as marcas, como disse anteriormente, daquilo que permanece quase que inabalável dentro tradição oral das religiões afro-brasileiras com o passar do tempo.

Figura 1 – Diagrama das relações assimétricas nas zonas de contato dos núcleos das religiões afro-brasileiras



Fonte: retirada do livro *Teologia do ori-bará* (RIVAS NETO, 2015, p. 105).

Dra. Maria Elise Rivas

A **teologia das escolas das religiões afro-brasileiras** nos permite adentrar na origem e ancestralidade das religiões afro-brasileiras abordando a concepção ou, melhor, concepções da criação do mundo, da origem das divindades, dos ancestrais do ser espiritual, conseqüentemente das relações humanas. São as narrativas que possibilitam compreender as estruturas presentes nas diversas epistemologias, éticas e métodos dos três núcleos duros⁴ (candomblé, umbanda e encantaria) das religiões afro-brasileiras e suas respectivas escolas⁵ (candomblé nagô, jeje e angola, batuque, entre outros; na umbanda omolocô, traçada, cristã etc.; encantarias como candomblé de caboclo, jurema, quimbanda, entre outras).

Ressalte-se que essas narrativas dão sentido último às questões atemporais (eternas) e sentido à realidade temporal (materiais). As narrativas e cosmovisões das religiões afro-brasileiras colocam em debate o mito de origem como fato único pontuado por um local determinado e por uma única pessoa

4. Para mais informações sobre o conceito, ver Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras ao final da revista.

5. Para mais informações sobre o conceito ver Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras de verbetes ao final da revista.

VERTENTE-UNA DO SAGRADO

Divindade Suprema



Potestades Divinas



Ancestrais Ilustres



Humanidade

devido à multiplicidade de genealogias (raízes) das mesmas. O desafio que se apresenta é estudar e pesquisar como as religiões afro-brasileiras apresentaram uma forma descentralizada de origem e, conseqüentemente, de suas interpretações da compreensão do sagrado e do mundo a partir da diversidade supracitada.

As religiões afro-brasileiras têm como característica marcante a diversidade e pluralidade em suas manifestações, processo que ora decorreu de cismas, ora não decorreu de cismas e rupturas. Essa característica é fruto de sua origem descentralizada, que possibilitou desde o início a introdução de elementos regionais em sua cosmovisão e rito-liturgia, mas sem perder a sua unidade – tema analisado na teologia prática. A vertente

Dra. Maria Elise Rivas

-una do sagrado (RIVAS NETO, 2015, p. 110), por exemplo, tem uma estrutura adaptável a todos os núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras sem descartar a diversidade adaptando-a em divindades, potestades, ancestrais e humanidade, marcando traços comuns às várias escolas em todos os tempos.

A **teologia de exu**. Exu é uma divindade, Orixá, e um ancestral, na qualidade de catiço, paradigmático dentro e fora das religiões afro-brasileiras. Existe em exu a interpretação primeira de comunicador entre o mundo visível (material) e invisível (imaterial), entre inconsciente e consciente, entre o indivíduo, a sociedade e a divindade em suas múltiplas relações, estando assim atrelado a um universo de probabilidades.

Dentro desta ótica de exu faz-se necessário entender como ele trabalha como divindade neste constructo de probabilidades e cria estratégias de equilíbrio entre os milhares de individualidades, os milhares de coletividades e o poder divino. Logo, há um estreito laço com o destino individual e coletivo. Esta presença nas nuances do destino individual e coletivo pode ser analisada da ótica da teologia afro-brasileira.

O axé como fator de criação está diretamente vinculado a exu. Sendo o axé princípio e poder de realização e uma força que se multiplica, mas também se esvai, precisa de um agente

“controlador”. Este agente é exu. Ele veicula e equilibra o axé para atingir o bem-estar individual e coletivo. Como exu faz isto nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras? A diversidade ao se cultuar exu é tema desta teologia.

Outro fator a ser estudado é sua presença como ancestral, catiço, nas diversas casas de santo. Neste momento observamos que esta força exu pode ser vista sob a ótica de exu e pombagira ou padilha, que atuam por meio de incorporações como forças vivas. Somado a isto é necessário pensar a relação entre exu e encruzilhadas, exu e oferendas, Exu e saúde biopsicossocial (RIVAS NETO, 2015; 2017).

A **ecoteologia** das religiões afro-brasileiras é outro tema de grande relevância em qualquer um dos núcleos e suas diversas escolas das religiões afro-brasileiras. Entendamos a natureza em suas várias instâncias. Cabe aqui o entendimento, segundo Rivas Neto (2017), do conceito da natureza e seus biomas, mas também do ser humano como um ser biopsicossocial, logo, em sua inteireza de espírito, mente-sentimento, sociedade e parte integrante da natureza em nível macro e microcosmo. Neste sentido também cabe uma reflexão das religiões afro-brasileiras aos moldes de Guattari (1977), tendo como premissa a articulação ético-política com vista às três

Dra. Maria Elise Rivas

ecologias: o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana.

Assim, falar da natureza é trazer um valor de interdependência a nível material, mas também imaterial, no micro e macrocosmo, que inclui o sobrenatural e a natureza sem excluir o espírito e com ele as subjetividades humanas.

A ecoteologia possibilita a leitura da integração entre estes universos, tendo as naturezas (*natura naturandis* e humana) comunicação em tempo integral e a união de ambas possibilita o processo de sacralização dentro das religiões afro-brasileiras, o sagrado se faz vivo por meio da natureza e só é realizável a partir da mesma. Este é um consenso neste mundo diverso.

O estudo da contextualização entre religiões afro-brasileiras e meio ambiente, bem como os conhecimentos ecológicos de uma perspectiva teológica, com a análise do meio ambiente e a interdependência entre espiritualidade, natureza e sociedade estrutura esta teologia, bem como a construção das territorialidades e sacralização destes territórios, roças, terreiros etc., na perspectiva das religiões afro-brasileiras a partir de suas matrizes africana, ameríndia e indo-europeia. São matérias de estudo, também, as distintas interpretações da sacralização da natureza em territórios sagrados afetos a diferentes núcleos e

escolas das religiões afro-brasileiras e sua utilização para preceitos, ebós e oferendas.

Teologia e ética das religiões afro-brasileiras visa estudar e refletir sobre a centralidade que o sagrado ocupa em nossa existência a partir do trinômio ser, consciência e linguagem. Esse trinômio pautou a discussão ética em toda a sua história acadêmica na filosofia e provoca uma reflexão de como os valores espirituais afro-brasileiros podem ou não influir em nossas decisões, seja no ângulo das liberdades individuais, seja na comunidade, nos diversos coletivos: como esta ética é constituída, influenciada e influencia as escolas, os núcleos e ação política. Nesse sentido, discutir o conceito de “geografia mítica” como produtor de “éticas” e não apenas um modelo de pensamento do fazer religioso⁶.

A **teologia da saúde ou etnomedicina** visa à compreensão da ideia de doença e cura na perspectiva das religiões afro-brasileiras em seus aspectos cosmológicos. A medicina tradicional, com suas terapias preditivas, preventivas e cura-

6. No prelo, artigo a ser apresentado nesta revista do Dr. João Luiz Carneiro sobre teologia e ética nas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

tivas (RIVAS NETO, 2017), visam ao equilíbrio do axé. É importante frisar que a saúde ou doença tem de ser analisada a partir da ótica biopsicossocial, logo do espírito (mente e sentimento inclusos), corpo (*ara*) e sociedade (a grande sociedade e a sociedade terreiro). Para tanto, busca uma interação entre o indivíduo (*cabeça/ori*), a sociedade (coletivo) e o Divino.

As diversas terapias aplicadas por sacerdotisas e sacerdotes guardam as questões descritas acima e se materializam em procedimentos rituais e terapêuticos individuais (privados) ou coletivos (públicos). A análise e compreensão da origem e dos procedimentos em si é objeto da teologia, levando-nos a entender melhor as terapias tradicionais de terreiro como jogos oraculares, iniciações, defumações, garrafadas, infusões, banhos de ervas, ebós, abôs, várias rezas, benzimentos, incorporação (ancestrais) e transe (*orixá*) que são realizados sobre o corpo ou por meio do corpo.

A **teologia prática** estuda e evoca a análise da rito-liturgia, seja pela descrição, interpretação ou levantamento das normas que a regem, possibilitando compreendermos a multiplicidade de rituais das religiões afro-brasileiras e sabermos distingui-los. É o estudo de um ponto de vista epistemológico das ritualísti-

cas das religiões afro-brasileiras em seus processos históricos de constituição até sua aplicação no espaço religioso.

A **teologia do transe** dada pelo processo de iniciação tem centralidade nas múltiplas experiências do ser humano com o divino ou sobrenatural. Desta forma, abrange o reconhecimento da experiência religiosa de modo individual da incorporação com os ancestrais e do transe com Orixá, Nkisi e Vodun, bem como a vivência coletiva a partir da ética no trato da experiência do transe ou da incorporação. Busca analisar o transe e incorporação como uma terapia transformadora tendo como pressuposto que o transe e a incorporação se processam e possibilitam a conexão entre os dois planos de existência (natural e sobrenatural) nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras. Trata-se de uma rede de significados corporais a partir da ausência de racionalização do êxtase por meio do transe e incorporação que transmite valores e renova saberes não verbais.

A **teologia do mito de fundação** das várias religiões afro-brasileiras e o desenvolvimento teológico específico constituído a partir de cada um deles nos permite compreender a construção e sedimentação do quadro das religiões afro-brasileiras, por meio de seu desenvolvimento histórico-social. Res-

Dra. Maria Elise Rivas

saltam-se as principais influências e contribuições históricas, culturais (bens simbólicos) das matrizes indo-europeia, indígena e africana, para melhor entendermos a origem e constituição da cosmovisão presente nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras. Permite reconhecer a origem do Orixá, Nkisi e Vodun, bem como dos ancestrais preto velho, criança, baiano, boiadeiro, marinheiro, exu e pombagira, mestres, mestras, entre outros. Levando, desta forma, a uma visão reflexiva do processo de ressignificação das figuras históricas em figuras míticas nos terreiros

■ **Teologia do corpo** trabalha com o corpo como lugar e ao mesmo tempo como “não lugar” ou entrelugar, mediador do indivíduo (família, comunidade de santo e sociedade como um todo) com o sagrado. Para tanto, ele é por princípio local da sacralização, seja por meio das incorporações, do transe, do axé colocado por incisões na iniciação ou receptor do axé nos diferentes tipos de rituais. O corpo, quando ativado pelos aspectos mágicos da dança, do som, das escarificações, dos ebós, do *bori*, do *amacy*, entre outros, transborda os limites do visível e se faz força viva na renovação de crenças, patrimônios, experiências, memória ancestral, narrativas míticas muitas vezes não verbalizadas. Podemos entendê-lo

como instrumento de comunicação do indivíduo consigo mesmo e com sua espiritualidade, com a espiritualidade presente em sua comunidade de santo – entendamos a comunidade como um corpo coletivo –, mas também como fonte e meio de conexão com o universo da ancestralidade avoenga e divina.

Muitas expressões, como “fazer a cabeça”, nos remetem ao corpo como local por excelência do sagrado, mas local que é fluídico e permeável pela realidade espiritual como quando se usam as expressões: “corpo fechado”, “corpo aberto”, “corpo cruzado”, “tem santo na cabeça”, entre outras. Estas expressões apontam para a centralidade do corpo nas religiões afro-brasileiras.

Outro aspecto está vinculado com a relação do sujeito com o seu próprio corpo e a ideia de duplo, ou seja, um corpo físico e um corpo espiritual, logo como um duplo que se liga a dois mundos de modo concomitante (material e imaterial), o que permite lidar com as questões de vida e morte e transitoriedade do corpo físico. Além destes fatores, é necessário destacar o corpo e a dança ritual como modo de conexão com o sobrenatural ou mesmo com o corpo da comunidade de santo, apontando aos paradigmas estéticos.

Dra. Maria Elise Rivas

A **teologia do som** busca contextualizar a importância dos sons e suas principais implicações – simbólicas e rituais – através de reflexões e experiências místicas nos diversos núcleos e escolas das religiões afro-brasileiras e suas variantes dentro da ritualística dos candomblés, umbandas e encantarias. Busca compreender e analisar o uso do som como instrumento de produção de transe e comunicador entre o mundo visível (material) e invisível (sobrenatural) por meio de instrumentos, mas também do som proveniente do *Kê* ou *ilá* de Orixá, Nkisi, Vodun ou dos ancestrais. O som nas falas com os ancestrais, no *ofô* (palavra) da sacerdotisa e do sacerdote, o som das rezas, das *agbaduras*, dos *korins*, das zuelas, dos pontos cantados, das louvarias, dos tambores, das palmas, dos gãs e agogôs, o som da natureza (das águas, do vento, da mata, dos animais, do atrito das folhas no sassanhe, entre outros). O som é a parte visível e interpretável de um mundo invisível e em movimento contínuo, mas também o silêncio, a ausência de sons necessita ser analisada. O silêncio do roncó, camarinha ou rondemi. O silêncio da palavra não dita. O silêncio dos dias de interdito. O silêncio da morte, entre tantos silêncios que ensurdecem. Esta teologia busca fazer um estudo sistemático da utilização dos sons historicamente nos terreiros e produção musical, tipos de

instrumentos utilizados dentro do contexto das religiões afro-brasileiras, para que possa relacioná-los, tomando ciência de que a análise dos diversos sons e “silêncios” se associa a outros campos de conhecimento, tais como antropologia, sociologia, semiótica e também a experiências culturais além das místicas na tentativa de interpretar fenômenos e práticas musicais.

Teologia com enfoque em gênero busca compreender as relações de gênero na hierarquia divina e sua influência na participação e contribuição das mulheres nas religiões afro-brasileiras. Análise e compreensão das questões de gênero no campo natural (mulheres, homens, homossexuais, transexuais na vida de terreiro) e sobrenatural (divindades femininas, masculinas e *meta-meta*) das religiões afro-brasileiras. Uma abordagem feminista dos cargos de “santo” nos terreiros.

Etnobotânica é uma área da Botânica que pesquisa o uso das plantas pelas diferentes etnias, culturas e populações tradicionais (por exemplo: indígenas, quilombolas e caiçaras), procurando entender como as plantas são apropriadas por esses vários grupos da humanidade em seus usos alimentícios, fitoterápicos, ritualísticos e religiosos, entre outros (RIVAS NETO et al., 2012). A teologia também pode ter um enfoque etnobotânico justamente para compreender as funções

Dra. Maria Elise Rivas

rito-litúrgicas, simbólicas e terapêuticas das inúmeras plantas utilizadas nas religiões afro-brasileiras em defumações, banhos, ornamentos, sacudimentos, preceitos, comidas, oferendas, etc., além da utilização como essências. Nas religiões afro-brasileiras, as plantas e suas partes (folhas, flores, raízes, tubérculos) têm uma pertença maior a um Orixá, ancestral ou encantado. Por exemplo, a planta conhecida cientificamente como *Dracaena fragans* (L.) Ker Gawl., nativa da África, é chamada *peregum* e ligada ao Orixá Ogum, sendo uma das plantas mais populares nos candomblés do Brasil, utilizado no *àgbo* e em sacudimentos, banhos e diversos ritos; também pode ser plantado ao redor da casa de Ogum, formando cercas vivas; plantado para receber as oferendas; empunhado pelos Orixás durante as danças, substituindo outros objetos ritualísticos tradicionalmente usados; e na imantação de objetos ritualísticos de ferro dedicados a Ogum, Ossaim, Oxóssi ou Omulu (BARROS; NAPOLEÃO, 2009).

Fecho este artigo deixando abertas estas questões, bem como a possibilidade de novas perspectivas de estudos da teologia afro-brasileira. A ciência, como a teologia o é, nos permite reler criticamente nosso objeto de pesquisa em seu tempo e em suas trajetórias, assim não nos imputa a verdade como

dada e sim como em construção. O que me remete a uma das máximas de F. Rivas Neto (2012, p. 160): “a constante da tradição é a continua mudança”, portanto, a teologia tem de acompanhar, com seus paradigmas científicos e com visão crítica, as possíveis mudanças epistemológicas, éticas e metodológicas nas religiões afro-brasileiras.

Referências

- ALMEIDA, João José R. L. de. A luz como metáfora na teologia e na filosofia. *Cienc. Cult.* vol. 67, n. 3, São Paulo July/Sept. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000300014>>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- BARROS, José Flávio Pessoa de, NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- FRANCO JR., Hilário. Meu, teu nosso: reflexões sobre o conceito de Cultura Intermediária. In: FRANCO JR., Hilário. *A Eva Barbada: ensaio de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010. p. 27-40.
- LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2000.

RIVAS NETO, F. *Candomblé – teologia da saúde na perspectiva das religiões afro-brasileiras: etnomedicina*. São Paulo: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, F. *Exu: o grande arcano*. 5. ed. São Paulo: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, F. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2014.

RIVAS NETO, F. (Org.). *Exu e pombagira*. São Paulo: Arché, 2015.

RIVAS NETO, F. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché Editora, 2012.

RIVAS NETO, F. *Umbanda: a proto-síntese cósmica*. Ed. rev. e atual. São Paulo: Pensamento, 2002, p. 389.

RIVAS NETO, F.; RIVAS Maria Elise G. B. M.; CARNEIRO, João Luiz. *Teologia da tradição oral*. São Paulo: Arché, 2014.

RIVAS NETO, F. et al. Ervas nas religiões afro-brasileiras. *Revista Triplo V de Artes, Religiões e Ciências*, v. 28, p. 1-18, 2012. Disponível em: <http://www.triplov.com/novaserie.revista/numero_28/yuri-rocha/index.html>. Acesso em: 9 abr. 2020.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Francisco Rivas Neto e a constituição do campo teológico afro-brasileiro

Dra. Érica Jorge Carneiro¹

Resumo: a proposta deste artigo é apresentar brevemente a história de Francisco Rivas Neto, sacerdote e médico, e discutir a fundação do campo epistemológico da teologia afro-brasileira a partir da criação da primeira instituição de ensino superior voltado a este fim. O texto parte da revisão bibliográfica que contempla a história de vida do autor bem como

1. Doutora e Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do ABC. Bacharela e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo. Bacharela e especialista em Teologia com ênfase nas Religiões Afro-brasileiras pela Faculdade de Teologia Umbandista. Membro do Grupo de Pesquisa Identidades Plurais e Representações Simbólicas (CNPq/UFABC).

Dra. Érica Jorge

sua formação religiosa para, em seguida, promover a discussão histórica da constituição da teologia afro-brasileira enquanto área de saber científico a partir dos documentos institucionais, pareceres e produção científica produzida.

Palavras-chave: F. Rivas Neto; Teologia; religiões afro-brasileiras; revisão bibliográfica; epistemologia.

Introdução

■ A tarefa de escrever sobre Francisco Rivas Neto é um desafio dada a dimensão, relevância e legado de seu trabalho. O propósito deste texto é apresentar brevemente o ser humano intenso e visionário que foi, sem pretender abranger toda sua biografia, bem como busca demonstrar a relevância de sua formação acadêmica e religiosa para a constituição do campo epistêmico afro-brasileiro, com a criação da Faculdade de Teologia Umbandista.

Carisma. Poder. Inteligência. Doação. Vanguarda. Algumas das palavras que fazem parte de sua história e mobilizaram tantas pessoas, grupos religiosos, instituições. F. Rivas Neto era uma pessoa muito organizada, inteligente, com pro-

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

jetos e planejamento bem delineados, o que não o tornava sequencial. Sua forma de atuar era complexa, polêmica, não cartesiana, com uma visão de mundo e atuação que exigiam de qualquer um desenvolver a habilidade da não linearidade. Francisco Rivas Neto. Pai Rivas. Babá Rivas Ty Ògìyàn. Mestre Arhapiagha. Ifatoshogun. São muitos nomes para a mesma pessoa. São muitos enredos religiosos para a mesma pessoa. São muitas referências que o constituíram e que o transformaram em um ser humano singular. Alguém que fez de suas multirreferências um traço identitário e dedicou sua vida a promover a diversidade e o respeito. ■

Sua vida ficou marcada no campo religioso afro-brasileiro, mas não só. Fundou uma instituição de teologia, em nível de ensino superior, deixando um legado que não se fixou no local físico da faculdade, mas sobretudo nos conceitos que permitiram a desenvoltura do campo epistêmico, até então inexistente enquanto área científica.

Dra. Érica Jorge

F. Rivas Neto: da história pessoal para a figura pública

Filho de Domingo Rivas e Emília Rivas Bontempi, F. Rivas Neto nasceu em família de classe média paulistana, o que permitiu que tivesse um ensino de qualidade, frequentando excelentes escolas e ingressando na universidade, inicialmente para o curso de Engenharia e, depois, para o curso de Medicina. Não findou a engenharia, mas possuía a mente de quem organiza, estrutura, constrói e faz fundações. Rivas Neto fundou ideias, conceitos, campo acadêmico, terreiros, instituições!

Ainda em sua primeira infância estreitou laços com seu tio (parente mais distante), um pai de santo de Xangô, o qual ele chamava carinhosamente de Tio Ernesto (RIVAS NETO, 2003). Com ele aprendeu o candomblé e algumas encantarias, com ele fora iniciado e apresentado ao universo de movimento, de “pé no chão”, danças, tambores, e sobretudo de espiritualidade que o cativou. Os mundos religiosos de Tio Ernesto e seu círculo familiar mais próximo eram diferentes. Sua família não preconceituava Tio Ernesto, mas tinha as referências afri-

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

canas como exóticas. E ele era muito novo. Assim, F. Rivas Neto, que já havia sido iniciado em sua primeira infância por Tio Ernesto, distanciou-se fisicamente do terreiro dele, mas nunca em coração, e foi viver outras experiências religiosas, como as influências kardecistas de sua família, e principalmente a umbanda, que lhe fora apresentada por Antonio Romero, motorista de uma família abastada de São Paulo, de quem se aproximou porque morava próximo no bairro Ipiranga, na capital paulista. Roberto Getúlio de Barros, conhecido por “Guarantã” (nome do caboclo que ele incorporava), foi outra pessoa importante em seu referencial umbandista. “Guarantã” tinha seu terreiro na Avenida Santa Catarina, número 414, local em que décadas seguintes foram construídos o terreiro e a faculdade, dirigidos por F. Rivas Neto, como se constata no site oficial da mantenedora OICD²:

2. Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD) é o nome da mantenedora dos terreiros fundados e dirigidos por F. Rivas Neto e, após seu falecimento, por sua esposa e sucessora, Maria Elise Rivas. A OICD foi fundada em 1970, completando 50 anos de existência em 2020.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Érica Jorge

Antes da locação realizada pela instituição passaram por lá dois terreiros de umbanda, sendo um deles do falecido Roberto Getúlio de Barros, Roberto Guarantã, como ficou conhecido. O que ganha relevância na história de Pai Rivas, pois o mesmo, no início de sua adolescência, frequentara as giras de Roberto Guarantã, onde incorporou o caboclo Urubatão da Guia. Logo, o local tinha vínculos íntimos com a trajetória do fundador da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. (OICD, 2019)

Em todas as suas fases – ora no candomblé e encantarias na infância, ora na umbanda – viveu intensamente o universo afro-brasileiro, mas com lentes diferentes. Ele já havia sido iniciado na infância por Tio Ernesto e passou por novas experiências em sua trajetória religiosa. Já na adolescência e vida adulta, conheceu o kardecismo e viveu com intensidade a umbanda de São Paulo, onde desenvolveu sua mediunidade portentosa, com a qual curou milhares de pessoas no Brasil e fora dele. Foi nesse período que fundou seu primeiro terreiro, tornando-se pai de santo aos 18 anos. Alguns anos depois conheceu W.W. da Matta e Silva, quem o apresentou e iniciou na umbanda esotérica. Teve uma longa trajetória ritual com seu Mestre e, aos 38 anos, F. Rivas Neto foi iniciado no 7º

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

grau do 3º ciclo, quando W.W. da Matta e Silva desencarnou, tornando-se sucessor e único representante desta escola (CARNEIRO, 2014). Sua iniciação na umbanda esotérica é emblemática pois consolida a sua iniciação nos três grandes núcleos³ duros das religiões afro-brasileiras: candomblés, encantarias e umbandas, experiência essa que será fundamental para sua forma de ler o universo afro-brasileiro e, principalmente, de compor sua discussão teológica.

Durante as décadas de vivência com seu mestre W. W. da Matta e Silva, formou-se em medicina. Atuava profissionalmente em hospitais. Amava a medicina e a exerceu a partir de sua formação acadêmica e de sua formação com as terapias afro-brasileiras, constituindo uma abordagem de saúde que contemplava o aspecto biopsicossocial. Mencionava que o próprio terreiro é uma agência de saúde, pois propicia aspectos preditivos, preventivos e curativos:

3. Núcleo duro é um conceito teológico concebido por F. Rivas Neto, categorizando a realidade religiosa afro-brasileira em três grandes universos: candomblés, encantarias e umbandas.

Dra. Érica Jorge

Quando discorremos sobre saúde atemo-nos não somente à questão de cura de doenças físicas, como também nos preocupamos com a saúde social e mental do indivíduo, ou seja, processo biopsicossocial. [...] A questão primordial de interesse nos terreiros – o primeiro nível – reside no aspecto preditivo: como prever o que pode ocorrer no destino de um indivíduo. Decorre desse processo, e com ele está profundamente relacionado o segundo nível de atuação que é o preventivo [...] no terceiro nível o indivíduo já está doente, de modo que precisa de cura. (RIVAS NETO, 2017, p. 41-42).

■ A experiência com várias escolas afro-brasileiras: candomblé e encantarias, diferentes umbandas, o contato com pessoas de extratos sociais diferentes, com histórias de vida variadas fizeram de F. Rivas Neto alguém com uma capacidade de compreender a diversidade. Ele atuou nas religiões afro-brasileiras a partir desse referencial, sem entender o campo como homogêneo ou criando hierarquias de valor⁴ entre um modo de praticar o sagrado e outro.

4. Sobre esse aspecto, ver *Escolas das religiões afro-brasileiras*, conceito que dá nome a uma de suas obras (RIVAS NETO, 2012).

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

Sua vida pessoal (que se funde à religiosa) foi dedicada a combater as injustiças, as desigualdades. Racismo. Etnocentrismo. Xenofobia. Aporofobia. Machismo. Classismo. Transfobia. E as religiões afro-brasileiras foram a linguagem que ele encontrou para levar à frente essas pautas tão caras ao país. Por isso, sua vida pessoal cede espaço à figura pública, a serviço da coletividade afro-brasileira. Como exemplo, ao fim da década de 1990, ele criou em seu terreiro sete rituais, os quais visavam ritualizar uma amostra da pluralidade afro-brasileira, em suas cosmovisões, crenças, práticas litúrgicas e suas simbologias. Os sete rituais não tinham pretensão de abarcar toda a dimensão afro-brasileira, mas de apresentar e reforçar que o campo não era (nem é) homogêneo, o que implicava, portanto, respeitar e compreender cada uma delas. Além disso, F. Rivas Neto dedicou-se também ao Centro de Cultura Viva das Religiões Afro-brasileiras, instituição que mantinha a memória em termos de rituais e artefatos simbólicos de várias religiões afro-brasileiras. Lá, muitos pesquisadores, artistas e adeptos das religiões afro-brasileiras tiveram a oportunidade de passar por vivências, conversas e, igualmente, a contemplação da arte e cultura afro-brasileiras.

F. Rivas Neto acreditava que o terreiro deveria se preocupar em curar as pessoas, oferecer conforto espiritual, acolher,

Dra. Érica Jorge

mas não só! O terreiro não podia estar apartado de sua função política e social em seu sentido mais amplo, estruturando formas que propiciassem às pessoas o exercício pleno de sua cidadania. Portanto, o terreiro era muito mais que as quatro paredes de qualquer ambiente religioso. Para ele, o terreiro se espalhava: era linguagem religiosa sim, mas acima de tudo era (e é) um ser-estar no mundo. Uma forma de enxergar, ler e transformar a realidade. A visão de religião seguida por F. Rivas Neto alinhava-se em certa medida com importantes cientistas sociais, os quais advogam a importância (e não a diminuição) da religião em uma sociedade secularizada e sua interface com outras esferas (CASANOVA, 1994; PIERUCCI, 1997; HERVIEU-LÉGER, 1997). Assim, a sua maneira de viver a religião ia ao encontro de um estilo de vida afro-brasileiro que se aprendia no interior da experiência religiosa de terreiro e se ampliava para fora dele. Uma via que F. Rivas Neto criou de estabelecer diálogo com a sociedade civil (e não apenas o diálogo intrarreligioso) foi a partir da perspectiva educacional, especialmente do universo acadêmico de ensino superior. A vivência de linguagens religiosas diferentes possibilitou que F. Rivas Neto alicerçasse os pressupostos epistêmicos para o curso de teologia.

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

O conceito e a vivência da diversidade em sua história de vida, somados à sua capacidade singular de estabelecer diálogos, consolidaram-se na criação da maior de suas realizações: a Faculdade de Teologia Umbandista (FTU), primeira instituição de nível superior em teologia voltada às religiões afro-brasileiras no Brasil e no mundo, objeto de discussão no próximo item.

A FTU e a constituição do campo teológico afro-brasileiro

A Faculdade de Teologia Umbandista foi uma instituição devidamente regulamentada pelo Ministério da Educação cujo propósito era a formação em nível de graduação e especialização na área de teologia afro-brasileira. F. Rivas Neto desde o início de sua trajetória religiosa lutou em prol da sabedoria tradicional afro-brasileira, mas considerou importante que ela passasse a ser não apenas vivenciada em termos de experiência religiosa, mas igualmente em uma perspectiva científica, de modo que estruturou os pilares de uma teologia com ênfase afro-brasileira.

Dra. Érica Jorge

A teologia, por sua natureza, poderia estabelecer o diálogo entre religião e ciência. Como observou Carneiro (2014, p. 13), a perspectiva de seu fundador sobre a área científica da teologia:

[...] ela poderia ser comparada analogamente ao corpo humano. Em um braço a religião, no outro a ciência [...], ambos os saberes são importantes e a teologia tem a função de interfacear ambos, promovendo uma decodificação e tradução que respeita ciência e religião sem colocar uma sob a outra.

▪ A criação da faculdade no início do século XXI surgiu em um momento em que o Brasil havia eleito democraticamente um governo de esquerda, as pautas das minorias foram reforçadas não apenas em movimentos artísticos, sociais, como em políticas públicas (TELLES, 2003). Data deste período a criação da primeira Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o decreto da lei 10.639/03 sobre a inclusão no currículo da escola básica do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e, em 2008, da lei 11.645 acrescentando o ensino indígena. As pautas feministas dão fôlego para as políticas identitárias de gênero que se especificam ainda

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

mais. Foi neste cenário propício à visibilidade das minorias no país que a faculdade foi credenciada, autorizada e reconhecida pelo MEC, causando um abalo no campo religioso e acadêmico (CARNEIRO, 2014). Religiosos consideravam que F. Rivas Neto queria angariar fiéis. Acadêmicos consideravam absurda uma teologia que se alicerçava na oralidade e na referencialidade múltipla das religiões afro-brasileiras, críticas que se comprovaram infundadas.

A faculdade criou e consolidou, em nível científico, o campo epistêmico afro-brasileiro em condição isonômica aos demais. Cabe ressaltar que o estudo teológico no Brasil era tradicionalmente realizado no interior das instâncias eclesiásticas visando à formação de padres e pastores⁵ e à expansão de suas igrejas. Em 1999, com a assinatura do parecer 241/996, a teologia passa a se configurar como área de saber reconhecida pelo MEC, estabelecendo como garantias o princípio de confessionalidade e a liberdade de cada instituição em compor sua grade curricular.

5. Para o estudo da profissionalização da teologia em relação às mulheres, ver o livro de Maria Elise Rivas *Teologia usa saias?* São Paulo: Arché, 2017.

6. BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 241/99*.

Dra. Érica Jorge

Faz-se necessário pontuar que, dentro do processo de sistematização da teologia enquanto área de conhecimento científico, as confessionalidades cristãs tinham uma longa trajetória de formação teológica com instituições fortes instrumentalizadas a este fim. No caso da teologia afro-brasileira foi diferente. A multiplicidade de cosmovisões e interpretações das mesmas somada à ausência de escrituras sagradas fez com que a teologia afro-brasileira fosse inicialmente desacreditada, uma vez que não possuía os mesmos pressupostos epistêmicos em comparação com as demais teologias (CARNEIRO; RIVAS; RIVAS NETO, 2014). Mas, diante de um esforço e atuação legítimos da faculdade, do empenho de F. Rivas Neto em apresentar a necessidade e a coerência dos estudos teológicos afro-brasileiros, a instituição foi reconhecida e passou a compor importantes discussões, como foi o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais. A vice-diretora da faculdade, na pessoa de Maria Elise Rivas, esposa e sucessora de F. Rivas Neto, à época foi convidada a participar do Grupo de Trabalho no CNE (Conselho Nacional de Educação), que se debruçava a estruturar tais diretrizes, ratificando a pluralidade do campo teológico brasileiro, o qual passou a ser composto de confessionalidades não cristãs.

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

Depois de anos de discussão, foi homologado o Parecer CNE/CES nº 60/2014⁷ (publicado no *Diário Oficial* em 2016), passando a teologia a ter, como todo curso superior, diretrizes curriculares nacionais. Os conteúdos curriculares foram estruturados em quatro eixos: (1) Eixo de formação fundamental, (2) Eixo de formação interdisciplinar, (3) Eixo de formação teórico-prático e (4) Eixo de formação complementar.

A criação da Faculdade de Teologia Umbandista reforçou a ideia de diversidade combatendo, em nível teórico-discursivo, a ideia de purismo, conceito esse utilizado (em nível religioso e acadêmico) para segregar e classificar em importância uma escola afro-brasileira como melhor ou pior que a outra. A faculdade permitiu que muitos religiosos, adeptos, simpatizantes, estudantes das religiões em geral conhecessem a história, a cultura e os pressupostos acadêmicos das religiões afro-brasileiras, o que pode ser comprovado por meio da grade curricular do bacharelado em teologia.

7. BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 60/2016.

Dra. Érica Jorge

Assim, entendendo a teologia como um corpo que possuía dois braços, um para a religião dedicando-se à fé e suas crenças e outro para a ciência, dedicando-se ao estudo daquelas, F. Rivas Neto dirigiu a faculdade, o Centro de Cultura Viva e os seus terreiros. Sua vida foi dedicada a dignificar as religiões afro-brasileiras, a sabedoria tradicional popular de pais e mães de santo, e a criação da faculdade foi a consolidação de seus propósitos, ao constituir um campo epistêmico com objetos e metodologias próprios às religiões que foram historicamente preconceituadas e marginalizadas na sociedade brasileira.

Fertilizando o campo teológico afro-brasileiro

O campo teológico iniciado em universo acadêmico permitiu que cosmovisões, crenças, práticas, simbologias, história e cultura afro-brasileiras fossem estudados à luz do rigor científico. F. Rivas Neto concebeu a faculdade e a sua missão cumprindo com o que acreditava teologicamente, na interface entre religião e ciência. Assim, a partir da criação da instituição, ele organizou eventos e projetos que contemplassem

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

a esfera religiosa: locutórios intrarreligiosos e inter-religiosos, videoconferências com pais e mães de santo em todos os estados do país (ao vivo pela internet). Além disso, criou o *blog Diversidade Religiosa*, em que pais e mães de santo expunham suas opiniões sobre o tema da diversidade, apresentavam suas experiências como lideranças religiosas de modo a visibilizar a pluralidade existente, bem como constituiu o *blog Espiritualidade e Ciência*, espaço em que divulgava seus textos e vídeos aproximando esses saberes.

Visando atender à perspectiva científica, F. Rivas Neto criou, em 2008, o 1º Congresso Acadêmico de Teologia Afro-brasileira, nas dependências da faculdade, o qual seguiu pelos anos subsequentes. Ainda na instituição foram realizados vários ciclos de palestras, *workshops*, eventos culturais, assim como a criação de revista científica, cursos de extensão e pós-graduação em teologia cumprindo as exigências do MEC. Ao me debruçar e pesquisar⁸ o universo epistêmico teológico afro

8. Coloco-me igualmente como produtora de conteúdo teológico afro-brasileiro, uma vez que fiz parte da primeira turma do bacharelado em Teologia umbandista e, posteriormente, da especialização na modalidade *lato sensu* na mesma instituição.

Dra. Érica Jorge

-brasileiro notei a presença de materiais⁹ que se preocupavam em alicerçar os pressupostos da teologia afro-brasileira. Fazem parte desse bojo trabalhos em forma de livros do fundador da faculdade tais como os livros *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*, *Teologia do ori-bará*, *Teologia da tradição oral*, *Candomblé: teologia da saúde*. Além desses trabalhos, os teólogos e especialistas em teologia afro-brasileira também se preocuparam em caracterizar a área, diferenciá-la de outras teologias bem como estabelecer diálogo com outras temáticas, tais como educação, saúde, ética e a perspectiva de gênero. Fazem parte desse bojo, os livros *Teologia afro-brasileira*, *Teologia usa saias?*, *Mito de origem: uma revisão do éthos umbandista no discurso histórico*, os artigos “Teologia de tradição oral: uma questão para as religiões afro-brasileiras”, “Doença, saúde e terapias: distanciamentos entre o candomblé e o neopentecostalismo”, “A pesquisa em religiões afro-brasileiras: pertencimento religioso e ética em pauta”.

Com a consolidação do campo epistêmico da teologia afro-brasileira, os teólogos iniciaram suas produções científicas

9. Todos os materiais citados seguem referendados ao final do artigo.

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

cas, participando de congressos acadêmicos importantes para a área como a SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) e ANPTECRE (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião).

Considerações finais

A proposta deste texto foi discutir aspectos da vida de F. Rivas Neto à luz da construção do campo teológico afro-brasileiro. Historicamente, as religiões afro-brasileiras foram marginalizadas e seus adeptos vivenciaram (como ocorre ainda hoje) o racismo religioso. Formadas em solo brasileiro a partir de constituições de matrizes étnicas africanas, etnias indígenas e europeias, esse universo possui uma complexidade que deixou de ser apenas vivida em termos de experiência religiosa, mas também enriquecida com a abordagem científica, com a constituição de um campo teológico próprio, regulamentado pelos órgãos públicos de nosso país.

A episteme afro-brasileira constitui-se assim como uma vitória não apenas para o campo religioso afro-brasileiro, mas igualmente para a garantia dos princípios democráticos, exercitando a

Dra. Érica Jorge

pluralidade do universo religioso brasileiro em nível acadêmico. Em comparação com outras teologias, a organização do campo teológico afro-brasileiro é recente. Trata-se de um espectro multirreferencial e diverso e justamente por isso as possibilidades teóricas de discussão são amplas comportando riqueza histórica, cultural e religiosa que merecem novos olhares e pesquisas.

Referências

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Pare-*

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Francisco Rivas Neto e a construção do campo teológico...

cer CNE/CES 241/99. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1999/pces241_99.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 60/2016*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=48421-rces004-16-pdf&category_slug=setembro-2016-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 abr. 2020.

CARNEIRO, João Luiz de Almeida; JORGE, Érica. A pesquisa em Religiões Afro-brasileiras: pertencimento religioso e ética em pauta. *Parallelus* (On-line), v. 6, p. 391-406, 2015.

CARNEIRO, João Luiz de Almeida. *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARNEIRO, João Luiz de Almeida; RIVAS, Maria Elise; RIVAS NETO, Francisco. *Teologia da tradição oral*. São Paulo: Arché, 2014.

CARNEIRO, João Luiz de Almeida; RIVAS, Maria Elise. Teologia da tradição oral: uma questão para as Religiões Afro-brasileiras. *Pistis & Praxis*, v. 4, p. 609-624, 2012.

CASANOVA, José. *Public religions in the modern world*. Chicago, Chicago University Press, 1994.

DIAS, Irene; JORGE, Érica; RIVAS, Maria Elise. *Teologia afro-brasileira*. São Paulo: Arché, 2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contem-

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Dra. Érica Jorge

porâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-48, 1997.

JORGE, Érica; PINEZI, Ana Keila. Doença, Saúde e Terapias: distanciamentos entre o Candomblé e o Neopentecostalismo. *Caminhos* (Goiania Online), v. 12, p. 65, 2014.

OICD – 20 anos na Avenida Santa Catarina. OICD. Disponível em: <<https://www.oicdparivas.com.br/oicd-santa-catarina>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos Cebrap*, v. 49, 99-117, nov. 1997.

RIVAS, Maria Elise. *Teologia usa saias?* São Paulo: Arché, 2017.

RIVAS, Maria Elise. *Mito de origem: uma revisão do éthos umbandista no discurso histórico*. São Paulo: Arché, 2013.

RIVAS NETO, Francisco. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Aláfia, 2017.

RIVAS NETO, Francisco. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.

RIVAS NETO, Francisco. *Teologia do ori-bara*. São Paulo: Arché, 2014.

RIVAS NETO, Francisco. *Sacerdote, mago e médico*. São Paulo: Ícone, 2003.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira*. Uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.

Histórias



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Tomo I – A fundação da FTU: Um marco na história das religiões afro-brasileiras

Dr. João Luiz Carneiro¹

A obra de um terreiro é fruto de sua comunidade, mas sempre idealizada por suas lideranças. Sejam terreiros tradicionais, que contam sua história em séculos, ou comunidades noviças, todas carregam a marca de seus sacerdotes e sacerdotisas fundadores.

A FTU, faculdade de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras, foi obra de um terreiro. E, como tal, natural-

1. João Luiz Carneiro é pós-doutor (UMESP) e doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), docente da Faculdade de Itanhaém (Faíta) e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq. Autor de livros, com destaque para *Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica*, publicada pela Editora Vozes.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

mente tem sua história profundamente vinculada com o dirigente dessa comunidade. Por esse motivo, contar a primeira parte dessa história exige falar um pouco de seu fundador.

Afinal de contas, conhecer o terreiro de um pai ou mãe de santo é conhecer sua alma, seu projeto de vida. Quiseram os Orixás e ancestrais que esse espírito de terreiro fosse para a academia e pudéssemos testemunhar o início da primeira faculdade de teologia afro-brasileira da história. Sendo assim, iniciemos a jornada...

A FTU foi fundada pelo sacerdote Francisco Rivas Neto, conhecido no meio religioso como Pai Rivas² (1950-2018). A proposta da FTU nasceu da vivência desse sacerdote que também foi fundador da instituição Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD). Compreender como a FTU chegou a ser regulamentada pelo MEC passa obrigatoriamente por entender a história desse sacerdote e seu respectivo templo religioso.

2. Em sua literatura, os nomes iniciáticos “Mestre Arhapiagha” e “Babalawô “Ifatoshogun” são mencionados.

O próprio sacerdote tem apresentado um pouco dessa biografia documentada em livro (RIVAS NETO, 2003), além de vídeos, textos e fotos no site oficial da instituição.³

A Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino é uma casa de iniciação das religiões afro-brasileiras que busca compreender essas tradições como uma ideia (unidade) manifesta em várias linguagens ou escolas (diversidade – universalidade). Pai Rivas afirma reiteradas vezes que a constante da tradição das religiões afro-brasileiras é a contínua mudança, logo uma unidade aberta a contínuas reformulações.

Essa organização que congrega vários terreiros foi fundada em 1970 e teve como primeira denominação Seara de Umbanda do Caboclo Arruda e Urubatão da Guia. Um templo que, à época, não praticava umbanda esotérica. Na verdade, seus traços eram característicos de um templo de umbanda popular, segundo conceitos expendidos por vários escritores da época tanto no senso religioso quanto acadêmico (CAMARGO, 1961).

Antes disso, Pai Rivas iniciou sua jornada espiritual no candomblé jeje-nagô na infância e lá permaneceu até os 12

3. Em www.oicdpairivas.com.br.

Dr. João Luiz Carneiro

anos de idade. No candomblé do Pai Ernesto de Xangô Airá, que havia se iniciado na tradição do orixá com o Babalawô Martiniano do Bonfim, ele conheceu o candomblé de caboclo.

Pai Rivas chama a atenção para uma das filhas de santo do Pai Ernesto – Obalokandê (Obá Omolakan Adê Oju Obá). Trata-se de Dofona d'Oxum, que no Candomblé era *iyabassê* (cozinheira das comidas votivas do Santo). Uma personagem muito importante na transmissão de alguns fundamentos do culto de nação principalmente no que diz respeito à comida de santo.

Com o Babá Obalokandê, Pai Rivas participou do culto de nação, do candomblé de caboclo, e também da encantaria (jurema). Nesse encontro conheceu entidades muito importantes como: Mestre Serapião, Mestre Marujo dos Sete Mares e outros mestres do catimbó que acostavam em seus malungos (RIVAS NETO, 2003, p. 33-37).

Somente em 1962 Pai Rivas conheceu a umbanda popular por intermédio de Pai Carlos de Xangô, médium do preto velho Pai Julião. Foi nessa tenda – Tenda de Umbanda Xangô Kaô – que pela primeira vez foi mediunizado (transe mediúnico) pela entidade chamada Doum (uma “criança”). Algo característico da umbanda.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Tomo I - A fundação da FTU: Um marco na história...

No mesmo dia de contato com a mediunidade nos mol-des umbandistas, baixou, depois de Doum, o Caboclo Angarê de Ogum, que anunciou vir preparar os trabalhos espirituais do Caboclo Urubatão da Guia⁴. Para finalizar sobre o terreiro de Pai Carlos, Pai Rivas lembra que ele “batia” uma umbanda mista, ou seja, com fortes influências do candomblé de caboclo ou umbanda traçada.

Outras importantes entidades pelas quais Pai Rivas passou e fora iniciado, depois de sete anos de fundamentos e práticas de terreiro, foram: o Caboclo Pedra Branca (Xangô), cujo médium era Sr. Antonio Romero (Pai Toninho) e Caboclo Guarantã (Oxóssi), entidade do Sr. Roberto Getúlio de Barros (RIVAS NETO, 2003, p. 39-44).

Ao compreender essas várias passagens pelas religiões afro-brasileiras, justifica-se o porquê de Pai Rivas fundar uma escola religiosa afro-brasileira que dialoga com a diversidade religiosa e, anos mais tarde, fundar a FTU. Afinal, sua experi-

4. O Caboclo Urubatão da Guia é a entidade-chefe do terreiro de Pai Rivas quando em vida. Atualmente o templo é dirigido pela Mãe Maria Elise Rivas e, na umbanda esotérica, tem sido comandado pelo ancestral “Estrelinha de Angola”, uma entidade criança como se diz na umbanda.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro

ência religiosa é dada em vários templos das escolas afro-brasileiras. Isso reforça o trânsito por várias linguagens afro-brasileiras do sacerdote.

Avançando no tempo, Pai Rivas, em 1971, conheceu W. W. da Matta e Silva, portanto com um ano apenas de casa aberta como sacerdote. Tal convívio iniciático durou dezoito anos. Durante todo esse período vivenciou os fundamentos da umbanda esotérica em profundidade. Tanto é verdade que, em 1978, após sete anos de Iniciação no templo de Matta e Silva em Itacuruçá (RJ), Pai Rivas alcançou o 7º grau de iniciação dessa escola umbandista.

Esse último grau possui três ciclos. Em 1985, Pai Rivas recebeu a complementação iniciática, sendo considerado “Mestre de Iniciação de 7º Grau no 3º Ciclo”. Trata-se no campo religioso como o grau máximo dentro da raiz de Pai Guiné, ou seja, na umbanda esotérica propugnada por Pai Matta e Silva (RIVAS NETO, 2003, p. 51-66), atualmente conduzida pela Mãe Maria Elise Rivas.

Após o falecimento de W. W. da Matta e Silva, Pai Rivas tornou-se o sucessor dessa raiz umbandista. Ele permaneceu praticando ritualisticamente em seu terreiro (OICD) por sete anos consecutivos os fundamentos transmitidos por Mestre

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Tomo I - A fundação da FTU: Um marco na história...

Yapacany (Pai Matta) e confirmados pelo preto velho Pai Guiné, que atuava mediunicamente nesse último.

No final do ano de 1996, após sete anos do falecimento de Pai Matta e Silva, Pai Rivas convidou seus irmãos iniciados na Raiz de Pai Guiné a participarem do encontro que denominou “Reunião dos Mestres de Itacuruçá”. No dia aprazado, Pai Rivas comunicou a eles que a partir daquela data, segundo compromisso firmado com a entidade Pai Guiné, seria dado prosseguimento à raiz, por intermédio da escola de síntese que revigoraria e refundiria a doutrina e prática da então raiz de Pai Guiné. E assim aconteceu. Essa passagem de uma escola para “outra” dentro de um mesmo terreiro marca profundamente os alicerces que permitiram a construção da FTU como será exposto mais à frente.

Diante dessa “nova” postura ritualística na OICD, Pai Rivas começa a se esforçar para aproximar a umbanda iniciática da umbanda popular e vice-versa, pois na época havia um estremecimento entre os seguidores dos dois lados. Essas aproximações entre as várias escolas umbandistas ou das religiões afro-brasileiras, principalmente no templo da OICD, culminaram com a realização de 7 ritos, um a cada dia da semana.

Dr. João Luiz Carneiro

Em cada rito, Pai Rivas ritualiza no terreiro uma escola ou um conjunto de práticas de uma escola na qual fora iniciado. Esses ritos demonstram para os adeptos e para a comunidade que existe aquela unidade expressa na diversidade religiosa afro-brasileira.

Pai Rivas explica que faz isso com a finalidade de criar uma interface por meio do diálogo com as várias escolas de umbanda, sem criar novas entidades espirituais ou ancestrais divinos, enfim, sem ferir os fundamentos ou cânones teológicos das religiões afro-brasileiras. Esta foi a condição *sine qua non* para legitimar a fundação da FTU, pois os futuros teólogos poderiam ter um conhecimento da tradição do povo de santo manifesto em todas as escolas das religiões afro-brasileiras.

Diante desses fatos oriundos do senso religioso é possível compreender os trâmites para o projeto ser submetido ao MEC nos termos em que será discutido nos próximos tomos. No corpo de adeptos da OICD existem muitos acadêmicos, o que facilitou o trânsito do terreiro para a academia. Outro elemento evidenciado na pesquisa do acervo da instituição são os inúmeros cursos oferecidos tanto para o povo de santo quanto para a comunidade em geral simpatizante do terreiro.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Tomo I - A fundação da FTU: Um marco na história...

Os primeiros registros desses cursos datam do ano de 1982. Importante frisar que em nenhum momento foram identificados cursos de formação mediúnica ou sacerdotal. Tudo indica, e o discurso da instituição é muito incisivo nesse ponto, que eles são contrários à formação religiosa distante do terreiro.

Na opinião do sacerdote, os médiuns, “cavalos de santo”, e, principalmente, os pais e mães de santo devem ser formados exclusivamente no espaço religioso por alguém habilitado para tal. Quem apresenta essa condição é única e exclusivamente o sacerdote ou sacerdotisa responsável pelo terreiro. Afinal, de uma maneira geral nas religiões afro-brasileiras, nem todo indivíduo é médium⁵. E dentre aqueles que são médiuns nem todos possuem a coroa de babá ou iá, ou seja, a vocação sacerdotal.

Os cursos que eram, e ainda são, oferecidos pela OICD tratam de temas mais gerais. Antes de o terreiro parar de adotar exclusivamente o ritual da umbanda esotérica, a ênfase das atividades era doutrinária nessa linguagem umbandista específica. Com o passar do tempo e contínuas ressignificações por

5. Opinião contrária é observada em outras religiões de transe. Por exemplo, o espiritismo kardecista, quando Allan Kardec (2003) afirma que todos os seres encarnados são médiuns.

Dr. João Luiz Carneiro

parte da tradição da casa, outras linguagens e abordagens passaram a fazer parte do elenco de cursos e *workshops* oferecidos.

Algumas atividades complementares aos cursos também auxiliaram no trânsito de buscas exclusivas de um terreiro aberto à diversidade para um terreiro em busca de fundar uma faculdade teológica. São os casos das campanhas educativas. Talvez a mais significativa é a Campanha Nacional de Prevenção da Hipertensão Arterial, pois aproxima o terreiro da sociedade sem ser exclusivamente pelo discurso religioso. Atualmente a OICD iniciou um calendário anual de atenção à saúde com atividades médicas elucidativas, preventivas e curativas aos habitantes da cidade de Itanhaém, cidade onde fica a maioria dos seus templos principais.

Aproveitando a filiação de muitos médicos, além do próprio sacerdote que fora médico, esses profissionais da saúde aferem a pressão, coordenam questionários para pesquisa médica e dão informações sobre prevenção. É importante também ressaltar que a campanha contou com o apoio da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Com a consolidação das atividades doutrinárias por meio de cursos, *workshops* e campanhas, somadas aos ritos de diversas escolas na OICD ao longo dos anos, ou seja, entre 1982

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Tomo I - A fundação da FTU: Um marco na história...

e 2000, Pai Rivas iniciou o projeto de criação da FTU. Tal projeto envolveu, no primeiro momento, a comunidade de santo que possuía formação acadêmica e experiência docente universitária.

Após a maturação do primeiro projeto, em 2 de dezembro de 2002, a OICD entrou com o pedido de credenciamento da FTU junto ao MEC tomando como base legal o decreto nº 3.860/2001. Esse pleito está registrado no referido ministério por meio do registro SAPIEnS⁶ número 20023000867, mais especificamente no processo SIDOC número 23000.018207/2002-14. No que pese serem nomenclaturas e números “estranhos” ao leitor e leitora, faço questão de registrar para consulta pública e registro histórico.

Figura 1 – Fachada da FTU na próxima página

6. Antigo sistema do MEC. O mesmo foi substituído pelo sistema EMEC.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dr. João Luiz Carneiro



Fonte: acervo da OICD.

Algumas idas e vindas do processo pleiteado pela FTU aconteceram envolvendo aspectos burocráticos e administrativos especificamente. Contudo, o projeto foi aprovado. Após tais movimentos junto ao MEC, nasceu oficialmente a FTU – Faculdade de Teologia Umbandista com ênfase nas Religiões Afro-brasileiras, marcada por ser a primeira instituição de ensino superior que busca um estudo sistematizado de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras na história da nossa sociedade. Foi autorizada e credenciada pelo Ministério da Educação por meio da Portaria nº 3864 de 18 de dezembro de

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Tomo I - A fundação da FTU: Um marco na história...

2003 e iniciou as atividades acadêmicas no primeiro semestre de 2004.

No ano de 2013 aconteceu seu credenciamento e reconhecimento. Segundo consulta junto ao MEC, a instituição foi aprovada tecnicamente e o curso ganhou nota “4”, considerando uma escala de 1 a 5, o que garante ser um curso de bom nível segundo os parâmetros do Ministério⁷. O processo de reconhecimento foi registrado na portaria nº 163 de 16 de abril de 2013 do MEC.

7. Esse processo de reconhecimento dura mais de quatro anos, o que denota ser um período extenso quando comparado aos demais cursos de teologia. Uma hipótese para a demora desse processo pode ser a especificidade do curso oferecido pela FTU. Afinal, todos os aprovados e reconhecidos até então possuíam um viés cristão. Sobre os cursos teológicos “cristãos” é possível também incluir a teologia espírita da FALEC. A mesma se autodenomina cristã e foi reconhecida pelo MEC.

*In Memoriam*¹

1. Os textos aqui reunidos são oriundos do *blog Espiritualidade e sociedade na visão das religiões afro-brasileiras*, de F. Rivas Neto.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Exu, magia e liberdade

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: as religiões afro-brasileiras foram descaracterizadas, refutadas e preconceituadas por uma sociedade dominante, que luta pela manutenção do *status quo* (princípio apolíneo), foram atacadas naquilo que mais amedrontava e mais amedronta essa mesma sociedade, a entidade sobrenatural, Exu. Mas por que Exu é a divindade do panteão afro-brasileiro mais criticada e associada ao diabo ou demônio cristão? Seria porque para Ele tudo é possível? Seria porque é contra

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

as injustiças e desigualdades, sejam espirituais, cósmicas ou sociais? Ou seria por ser Exu a encarnação da vontade inquebrantável, permitindo aos homens conseguir tudo de que necessitam? Exu é o indutor da autodeterminação, da quebra de interdições sociais, que limitam a liberdade, por isso dá aos homens acesso aos meios mágicos, religiosos, de melhorar sua sorte. Os mitos de Orunmilá Ifá afirmam que Exu persuadiu a Lua e o Sol a trocarem seus domínios, mudando assim a ordem das coisas, contrário, pois, como se percebe, à manutenção do *status quo*.

■ **Palavras-chave:** exu; liberdade; magia; Orunmilá Ifá; religiões afro-brasileiras.

Na década dos anos 1960 tomamos consciência da realidade das religiões afro-brasileiras, de sua missão espiritual, social, cultural e, — por que não dizer? — política, na sociedade brasileira.

A opinião pública tinha as religiões afro-brasileiras como algo que comprometia a imagem do Brasil como país civilizado, portanto, motivo de vergonha e repulsa aos ritos e tudo mais que fizesse lembrar o ambiente malsão das senzalas.

Exu, magia e liberdade

O combate não é, pois, um fenômeno da atualidade, mas sim de quase 500 anos de discriminação, preconceito e violência à cultura, à arte e religião de um povo, não só negro, mas de todos os excluídos.

Portanto, a repulsa e a intolerância às religiões afro-brasileiras, segundo nossa ótica, não se devem ao medo mais ou menos preciso e confessado da feitiçaria, como defendem alguns sociólogos e antropólogos.

Querer ter como bode expiatório o medo da feitiçaria é minimizar, ser reducionista com o problema, pois o que existia e existe é o preconceito. Sim, como uns e outros afirmavam, as religiões afro-brasileiras foram “toleradas”, isto é, as elites, a oligarquia desde sempre rechaçaram os cultos, mas, como eles podem render proventos financeiros e políticos, transformaram-nos em eventos turísticos. Essa é a “tolerância”, algo contrário ao que deveria ser o respeito incondicional a todas as religiões e manifestações culturais dos povos ou matrizes formadoras do povo brasileiro.

Talvez Nietzsche esteja certo e tenha a resposta às dúvidas que suscitamos. Sim, na sua obra crítica à tradição da filosofia ocidental a partir de Sócrates, ele a acusa de ter negado a intuição criadora da filosofia anterior, a pré-socrática. Nessa

Esp. F. Rivas Neto

análise estabelece a distinção entre dois princípios: o apolíneo e o dionisíaco – a partir respectivamente de Apolo (deus da razão, da clareza, da ordem) e Dionísio (deus da aventura, da música, da desordem).

Infelizmente essas discussões complementares da realidade foram segregadas na época de Sócrates, que ao optar pelo culto à razão, minou a seiva, a semente criadora da filosofia na dimensão dionisíaca (COTRIM, 1988).

As religiões afro-brasileiras foram descaracterizadas, re-
futadas e preconceituadas por uma sociedade dominante, que
luta pela manutenção do *status quo* (princípio apolíneo), fo-
ram atacadas naquilo que mais amedrontava e mais ame-
dronta essa mesma sociedade – a entidade sobrenatural
– Exu (princípio dionisíaco).

Mas por que Exu é a divindade do panteão afro-brasileiro
mais criticada e associada ao diabo ou demônio cristão?

Seria porque para ele tudo é possível? Seria porque é contra
as injustiças e desigualdades, sejam espirituais, cósmicas ou so-
ciais? Ou seria por ser Exu a encarnação da vontade inquebrantá-
vel, permitindo aos homens conseguir tudo de que necessitam?

Exu é o indutor da autodeterminação, da quebra de
interdições sociais, que limitam a liberdade, por isso dá

Exu, magia e liberdade

aos homens acesso aos meios mágico-religiosos de melhorar sua sorte.

Os mitos de Orunmilá Ifá afirmam que Exu persuadiu a Lua e o Sol a trocarem seus domínios, mudando assim a ordem das coisas; contrário, pois, como se percebe, à manutenção do *status quo*.

Expressa simbolicamente as incertezas humanas frente aos debates com as condições sociais estabelecidas, a afirmação da liberdade e autonomia do ser humano frente às injustiças naturais e sociais.

Exu, enquanto princípio de existência individualizada, introduz a diferenciação, a noção de autonomia e de ação possível ante os sistemas estruturados e, como princípio genérico de hierarquia social, é representante da mudança ainda não realizada (TRINDADE, 1985).

Depois das citações e ilações sobre Exu em seus aspectos cósmicos, sociais e individuais, pode-se entender o porquê de Exu ser demonizado e, infelizmente, ser mal interpretado por dentro de alguns setores, se bem que isolados, das religiões do Orixá.

Quando ritualizamos Exu estamos atualizando seu conceito e significado, o mesmo se dando com o significado simbó-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

lico da oferenda ritual, que busca harmonizar o cosmo e o indivíduo por intermédio da absorção e restituição do Axé, simbolizando Exu, o princípio de existência individualizada.

Robusteçamos o quadro mental citando Juana Elbein (2008, p. 58-59):

O ar e as águas moveram-se conjuntamente e uma parte deles mesmos transformou-se em lama. Dessa forma originou-se uma bolha ou montículo, a primeira matéria dotada de forma, um rochedo avermelhado e lamacento. Olorum admirou esta forma e soprou o montículo, insuflou-lhe seu hálito e lhe deu vida. Esta forma, a primeira dotada de existência individual, um rochedo de laterita, era Exu Yangi.

Nos Orixirixi (contos imemoriais dos Itanifás) de Exu encontraremos o tributo de Exu: Igba Ketá, isto é, a terceira cabaça, o terceiro criado, pois os primeiros foram Oxalá e Odudwá.

O mesmo fundamento, ou seja, as várias qualidades de Exu, demonstra a ligação direta do mesmo com Orunmilá Ifá, com o destino individual (Bará), igualmente com o conceito

Exu, magia e liberdade

de Exu ser Enu Gbarijó (Boca Coletiva), manifestando a vontade de todos os Orixás.

1º de novembro de 2010.

Referências

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente: elementos da história do pensamento ocidental*. São Paulo: Saraiva, 1988.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto ègun na Bahia*. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. ■

TRINDADE, Liana. *Exu. Poder e Perigo*. São Paulo: Ícone, 1985.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Umbanda: religião das várias linguagens

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: a seguir propõem-se algumas questões para posterior desenvolvimento a respeito da fundação da umbanda branca e de como uma escola das religiões afro-brasileiras não pode falar pelas demais, de modo que não é possível precisar a fundação da umbanda de modo generalista.

Palavras-chave: umbanda; fundação da umbanda; religiões afro-brasileiras; umbanda branca; escolas das religiões afro-brasileiras.

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

Abstract: some questions will be pointed out for ulterior developments concerning the foundation of Umbanda Branca and how one school of the Afro-Brazilian religions cannot speak on behalf of the others, since it is not possible to specify the foundation of Umbanda in general terms.

Keywords: Umbanda; foundation of Umbanda; Afro-Brazilian religions; Umbanda Branca; schools of the Afro-Brazilian religions.

■ O universo das religiões afro-brasileiras permite várias denominações, na dependência de como se organizam as influências das três matrizes que a geraram e da localização geográfica.

O encontro das três raízes ou matrizes formadoras vem acontecendo desde a segunda metade do século XVI. O primeiro encontro foi de indígenas brasileiros com os europeus. O segundo encontro, entre africanos e europeus. Finalmente, o encontro de indígenas autóctones e africanos.

A mistura e a interação tiveram várias denominações, como dissemos, em várias regiões do país, todavia, no presente trabalho nos interessaremos pela denominação umbanda.

Umbanda: religião das várias linguagens

Na região sudeste, no Espírito Santo, tivemos a cabula, influência bantu, que tinha como sacerdote o *Embanda* (chefe de culto). Muitos associam a possível denominação umbanda ao fato citado, com o qual discordamos.

Ao culto que surgiu do caldeamento de crenças, ameríndias, africanas e europeias deu-se o nome de macumba, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Mas, afinal, o que era a tal macumba?

Vemos na macumba a própria umbanda que gradativamente foi manifestando-se. Primeiro, por dentro da fusão de cultos africanos (vários povos). Segundo, a mistura de concepções religiosas dos indígenas brasileiros (várias nações). Terceiro, a nítida influência imposta pelo catolicismo europeu e outras denominações.

No século XVIII e primeira metade do século XIX tivemos de forma subjacente várias manifestações de umbanda (denominada de macumba, na época) em várias regiões brasileiras.

Em cada região, uma denominação diferente. O movimento, como estamos afirmando, não foi revelado ou manifesto de forma individual, mas sim coletiva; alguns nomes (pontuais), porém, podem ser destacados em virtude de suas

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

atuações ritualísticas, mas que são apenas ícones de um processo, reiteramos, coletivo.

A bem da verdade, não podemos olvidar nomes consagrados na história, tais como: Juca Rosa (RJ) e João de Camargo (SP) e outros tantos anônimos que praticavam a umbanda sob várias denominações, mas que eram tidas pela opinião pública, de forma preconceituosa, como “macumba”.

Adiantando-se no tempo, chegaremos ao século XX, quando tivemos o kardecismo (no Brasil desde a última metade do século XIX) absorvendo conceitos e entidades ou guias espirituais da práxis, do panteão umbandista, principalmente o caboclo (indígena brasileiro, mestiço). Dessa aproximação surgiu, e isto reiteramos enfaticamente, a *umbanda branca* com influências majoritárias do kardecismo e catolicismo (classe média urbana).

Anteriormente citamos que a umbanda, de forma subjacente, há muito surgira, juntamente com outras religiões afro-brasileiras. A umbanda surgiu principalmente da mistura afro-ameríndia, com mínimas influências (pelo menos na essência) do catolicismo. Entre as várias escolas citamos: umbanda omolocô (bantu-indígena), umbanda traçada (bantu-nagô-indígena), umbanda mista (bantu-nagô-indígena

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Umbanda: religião das várias linguagens

-ocultismo), candomblé de caboclo e outras. O importante é que percebamos que elas antecederam em muito tempo o surgimento da *umbanda branca*. Na verdade, todas as manifestações citadas são partes (diversidade) do todo (unidade) chamada umbanda e, como se sabe, a parte não pode ser o todo e, muito menos, maior que ele.

Precisamos repensar quando afirmamos que a umbanda surgiu no século XX, em 1908, no Rio de Janeiro, com o médium Zélio Fernandino de Moraes. Há quem afirme que a primeira manifestação se deu na Federação Espírita de Niterói, o que foi negado pelos registros desta instituição, alegando que no dia do possível evento não houve culto e não há nenhum registro sobre o episódio(?!!).

Nada contra o trabalho desenvolvido por Zélio de Moraes e sua entidade espiritual, o Caboclo Sete Encruzilhadas (o chefe), que muitos afirmam ter sido em reencarnações passadas o padre católico Gabriel de Malagrida(?!!).

Mais uma vez há um processo eurocêntrico, pois o Zélio é branco (europeu) e sua entidade espiritual, idem. Claro que não estamos fomentando com isto o racismo ou outra discriminação qualquer, todavia precisamos ter ciência do que acontecia no Rio de Janeiro, no início do século XX.

Esp. F. Rivas Neto

Para nós parece algo que marginaliza o negro e o índio e, pior, deixam-se à margem aqueles que desde áureos tempos cultuavam os espíritos divinos (Orixás, Inquices e Vodun) e espíritos ancestrais, que são o mote principal de qualquer religião afro-brasileira, e é isto que queremos enfatizar. Seria uma forma de fazer as classes dominantes subordinarem na época as religiões de indígenas e africanos.

Sim, vemos pertinência no que sugerimos, pois até tomaram emprestados fundamentos do kardecismo e catolicismo, que respeitamos profundamente, mas o que em nossa opinião é improcedente. Ou seria para disfarçar a ojeriza que possuíamos de culturas ditas primitivas como as dos indígenas e africanos? Teríamos colocado a “religião de primitivos nos trilhos do evolucionismo vigente e – por que não? –, estaríamos dando um caráter mais “científico” (kardecismo) deslindando definitivamente dos “hotentotes” africanos e dos “infantes” indígenas brasileiros”?

É óbvio que há a umbanda branca, sendo de igual importância que as demais, inclusive as que a antecederam, e que jamais pleitearam a fundação e muito menos de terem um revelador, fundador ou codificador de umbanda.

Umbanda: religião das várias linguagens

Esperamos que nossas ilações incentivem as linhas de pesquisas no tema, porém, pelo propugnado anteriormente, acreditamos poder concluir:

1. Que os cultos denominados de macumba foram as primeiras manifestações de umbanda.
2. A umbanda não foi fundada no século XX. A denominada umbanda branca é que pleiteia ter sido fundada no século XX (1908).
3. A manifestação da umbanda (o todo) não foi uma ação individual, mas coletiva.
4. A umbanda é uma unidade (todo) que se manifesta de forma plural, em várias escolas (diversidade). Todas elas, portanto, legitimamente denominadas umbanda.
5. Não é, pois, verídico afirmar-se que a umbanda foi fundada por esta ou aquela escola, muito menos em determinado ano, mês, dia, hora e local (mito de fundação). Reiteramos, a umbanda surgiu no espaço e no tempo por intermédio de uma ação coletiva.
6. A umbanda branca também obedece ao mesmo critério de ação coletiva, porém, por motivos vários (discutiremos em outros tópicos), o médium Zélio Fer-

Esp. F. Rivas Neto

nandino de Moraes, no Rio de Janeiro, foi o mais citado por dentro da umbanda branca.

7. A umbanda branca é tão somente uma escola como as demais, e ela sem as demais escolas, não representa a umbanda. É mais uma escola, mas não a primeira ou a fundadora.
8. A umbanda e algumas de suas escolas citadas antecedem a umbanda branca (que muitos insistem que a mesma seja o modelo, a única forma correta de doutrina e práticas). Felizmente o tema está sendo rediscutido e atualizado sob a égide da luz e de razão (Teologia, Antropologia e Ciência da Religião), o que, acreditamos, concluirá o que outros e nós (FTU) estamos demonstrando, apartados que somos de interesses escusos e falácias ideológicas.

Procedendo às nossas considerações, discussões e ilações que colocamos à discussão, ao diálogo (que temos como terapia), convidamos o leitor amigo à leitura da próxima publicação em que discutiremos o lado espiritual do surgimento de umbanda.

2 de dezembro de 2010.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Manifesto I – sobre teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: o estudo de teologia por muito tempo foi sinônimo da ciência das religiões abraâmicas, sobretudo católicas, calcadas em métodos próprios, como a própria tradição escrita. Na FTU, Faculdade de Teologia Umbandista, surgiu o primeiro curso de nível superior de Teologia com ênfase em religiões afro-brasileiras da história, com metodologia própria, calcada

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

na tradição oral, portanto, diametralmente oposta, porém em condição isonômica, com a teologia cristã.

Palavras-chave: teologia afro-brasileira; teologia cristã; tradição escrita; tradição oral; FTU.

Abstract: the study of theology for long time has been synonym of the science of Abrahamic religions, namely catholic, based on their own methods, like the written tradition. With FTU, Faculdade de Teologia Umbandista, the very first higher education course with emphasis on the Afro-Brazilian religions in the History has arisen, with its own methodology, on the grounds of oral tradition, therefore diametrically opposite, although in isonomic condition, to Christian Theology.

Keywords: Afro-Brazilian Theology; Christian Theology; written tradition; oral tradition; FTU.

Aos irmãos planetários,
À sociedade civil como um todo,
Aos irmãos das religiões afro-brasileiras,

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Manifesto I - sobre teologia com ênfase nas religiões...

Por meio deste manifesto, propomo-nos a dialogar sobre a teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras e sua função estruturante para promover a inclusão total pela educação. A teologia ora apresentada utiliza lógica e razão para compreender criticamente a religião. Em síntese, aplica o senso crítico à religião visando construir pontes que permitem aproximar os saberes e fazeres.

Neste sentido fundamos a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), que é autorizada e credenciada pelo MEC (Ministério da Educação) – portaria 3864 de 18 de dezembro de 2003 – para ministrar um curso acadêmico de nível bacharelado que forma teólogos. Ressaltamos que, além da fundação desta instituição, outro evento inédito ocorreu em 2010, quando diplomamos os primeiros vinte e um teólogos com ênfase nas religiões afro-brasileiras do mundo, diploma este emitido pela FTU e chancelado pela USP.

A teologia cristã, seja católica, protestante ou de outra importante confissão, possui um início histórico com as suas faculdades de teologia na Europa. A teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras encontra na FTU seu marco histórico, estruturante e estruturador do pensamento teológico. Indelévelmente estamos em condições isonô-

Esp. F. Rivas Neto

micas com as demais confissões religiosas no Brasil e no mundo.

O ganho das religiões afro-brasileiras com a fundação da FTU é incontestável. Ir contra ou negá-la é olvidar este processo de inclusão à educação, à cultura, ao social, ao político e ao econômico.

Não podemos ficar reféns de grupos que por desfaçatez ou outros motivos menos nobres insistem em propostas de cursos que de teologia só possuem o nome. Ratificamos que teologia não é religião, afinal não são sinônimos. A teologia pensa a religião utilizando ferramentas próprias para compreendê-la. Como transmitir de forma séria esta formação de nível universitário distante dos parâmetros educacionais estipulados pelo MEC? Cursos que não atendem estas especificações criam barreiras intransponíveis entre o cidadão religioso afro-brasileiro e a educação.

Por estes justos motivos, estabelecemos este diálogo com a sociedade das religiões afro-brasileiras para se atentarem a tais fatos. Somos a favor de todas as escolas das religiões afro-brasileiras e seus respectivos templos. Não somos nós que queremos formar sacerdotes em cursos e, pior, algumas modalidades de “sacerdócio” que dispensam a

Manifesto I - sobre teologia com ênfase nas religiões...

mediunidade, dispensam o transe – elemento fundamental à nossa tradição.

Lembramos que, pelas prerrogativas do MEC, a FTU poderia formar, além de teólogos, sacerdotes. Porém, respeitando a ética das religiões afro-brasileiras e as linhas de transmissão da raiz que cada genuína escola possui, optamos desde o primeiro momento formar apenas teólogos.

O momento é de reflexão e diálogo. Precisamos pensar bem e saber o que na realidade queremos para a nossa comunidade. No instante que fundamos a faculdade, formamos os seus primeiros teólogos e outras iniciativas importantes, optamos pela convivência pacífica, pelo respeito incondicional às diferenças, sem confundir o mesmo com erro ou desvio de caráter.

Algumas pessoas interessadas em confundir os ideais da FTU afirmaram que a faculdade queria tomar para si o que os templos fazem. Isto levou muitas pessoas a crerem que a faculdade era contra os templos. Pelo contrário, defendemos que os templos ligados às suas respectivas escolas são os locais ideais para a formação de sacerdotes. Tanto é verdade que temos o sacerdócio há mais de quarenta anos de formação no templo. Além disto, a FTU foi e é frequentemente local de congre-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

gação de várias escolas na realização de ritos pela paz e união umbandista, tendo no último rito de Exu (2010) a presença de templos da maioria dos estados brasileiros e do Uruguai. A FTU não é templo religioso, é instituição de ensino superior que sustenta a importância fundamental dos templos e religiosos afro-brasileiros.

F. Rivas Neto – Pai Rivas (Arhapiagha)

Diretor Geral da FTU

25 de janeiro de 2011

▪



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Teologia e medicina integrativa

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: apesar dos avanços inquestionáveis da ciência e da grande sofisticação tecnológica, os problemas milenares da humanidade continuam os mesmos. As religiões, por sua vez, mais interessadas no *marketing* religioso (há honrosas exceções), e muitas delas, de há muito, por posicionarem-se de forma fundamentalista, deflagraram ignominiosas guerras fratricidas. Por isso, encontram-se alheias aos avanços e descobertas das ciências. Acreditamos que cabe à Teologia (conhecimento

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

religioso), pois sendo uma disciplina acadêmica, pautada no senso crítico, fazer a interface do diálogo entre ciência e religião. É com este escopo que surgiu a FTU – Faculdade de Teologia Umbandista com ênfase nas religiões afro-brasileiras, justamente para facilitar e promover esse diálogo à exaustão.

Palavras-chave: ciência; FTU; medicina integrativa; religião; teologia.

Abstract: despite the unquestionable science advances and great technological sophistication, the age-old problems of humanity remain the same. Religions more interested in religious marketing (there are honorable exceptions) and many of them, for a long time now, by positioning themselves as fundamentalist, deflagrates shameful fratricidal wars. Because of this, they are unrelated to the advances and discoveries of science. We believe that it is for Theology (Religious Knowledge), because being an academic discipline, based on critical thinking to make the dialogue interface between science and religion. It is with this scope that came the FTU - Umbandist Theology College, with an emphasis on Afro-Brazilian religions, precisely to facilitate and promote such dialogue to exhaustion.

Keywords: science; FTU; integrative medicine; religion; theology.

Apesar dos avanços inquestionáveis da ciência e da grande sofisticação tecnológica, os problemas milenares da humanidade continuam os mesmos. As religiões, por sua vez, mais interessadas no *marketing* religioso (há honrosas exceções) e muitas delas, de há muito, por posicionarem-se de forma fundamentalista, deflagraram ignominiosas guerras fratricidas. Por isso, encontram-se alheias aos avanços e descobertas das ciências. Como simples exemplo, citamos que no estudo da Bíblia pode-se constatar as afirmações de que a Terra teria sua origem há mais ou menos seis mil anos e que cada forma de vida teria sido construída, uma a uma, pelo Criador.

Não queremos discutir a fé, as crenças, todavia, como negar que o planeta tem no mínimo 4,3 bilhões de anos? Que a evolução das espécies propugnada por Charles Darwin é uma realidade incontestada e que ninguém de bom senso pode negar? Como querer ou aceitar o criacionismo, fixismo das espécies, em vez do transformismo, pois evolução é mudança, adaptação?

Esses e outros conflitos, entre ciência e religião, têm sido uma constante, impedindo o salutar diálogo, que sem dúvidas

Esp. F. Rivas Neto

pode e deve favorecer a qualidade de vida de nossa sociedade planetária. O diálogo deveria ser do conhecimento científico com o *conhecimento religioso* e não com crenças religiosas. O conhecimento religioso tal qual o conhecimento científico é imparcial, o que não ocorre com as “crenças religiosas”

Acreditamos que cabe à Teologia (conhecimento religioso), pois, sendo uma disciplina acadêmica, pautada no senso crítico, fazer a interface do diálogo entre ciência e religião. É com este escopo que surgiu a FTU – Faculdade de Teologia Umbandista com ênfase nas religiões afro-brasileiras, justamente para facilitar e promover esse diálogo à exaustão.

Colocado o fato, os obstáculos que vimos impedem o diálogo entre ciência e religião, mas que podem ser resolvidos pela Teologia, interfaceando religião e ciência.

Do que expusemos melhor entender-se-ão nossas discussões entre ciência e religião, que muitos podem achar dispensáveis ou enfadonhas, mas continuaremos a demonstrar a viabilidade de conciliação entre ciência e religião por intermédio da Teologia – conhecimento religioso.

Depois de nossas considerações sobre o diálogo entre ciência e religião discutiremos de forma sumarizada a medicina defendida pela Teologia das religiões afro-brasileiras. A seguir,

disponibilizaremos o vídeo *Espiritualidade, Axé e Medicina Integrativa*.

Visando ao entendimento do tema, apressamo-nos em conceituar o que seja homeostasia, tão importante na manutenção da vida de todo ser vivo.

No caso do homem (*homo sapiens sapiens*), a homeostasia é a capacidade de manter o meio interno constante. O meio interno, no caso do homem, é o interior de seu organismo. Depois destas ligeiras considerações, somos levados a questionar como é mantida a homeostasia.

Para simplificar diremos que no organismo temos vias de acesso ao meio interno (boca, nariz) e vias de excreção de resíduos, meio externo (boca, nariz, ânus e uretra).

Imaginemos um indivíduo se alimentando. Ingero o alimento pela boca, o qual, via esôfago, chega ao estômago (digestão) e daí ao intestino delgado (no duodeno recebe enzimas digestivas do fígado e do pâncreas). Finalmente, dirige-se ao intestino grosso, para ser excretado via ânus.

Explicamos parte do processo, aprofundemo-nos um pouco mais. Na boca tem início a digestão, como também a absorção do alimento, o mesmo acontecendo no estômago, intestino delgado e intestino grosso.

Esp. F. Rivas Neto

Mas como ocorre a absorção? A absorção ocorre nas mucosas dos órgãos citados. Tudo o que é absorvido é levado ao sangue, circulando por todo o organismo, alimentando toda economia orgânica.

Ressalvamos que o sangue, ao passar pelos pulmões, recebe o O_2 e expelle o CO_2 , que é expirado ao meio externo pelos pulmões durante a fase expiratória da respiração.

O sangue bombeado pelo coração carrega a todo o organismo nutrientes, O_2 , água, hormônios e outros elementos essenciais à vida. Quando passa pelos rins sofre um processo de depuração, sendo que os resíduos dão formação à urina.

Depois de sumarmos como o indivíduo absorve, transforma e elimina substâncias, esperamos ter resumido como se processa a homeostasia.

Vejamos como a medicina integrativa ou medicina das religiões afro-brasileiras tem uma visão própria, que não desdenha da medicina tradicional, tem-na como parceira.

Creemos que a medicina tradicional cura pelos conhecimentos e avanços científicos. Como cremos que tudo provém por intermédio dos Orixás, inclusive a medicina, os terreiros respeitam-na e atuam auxiliando a mesma. Assim sendo, ambas são manifestações do poder volitivo do Orixá.

Teologia e medicina integrativa

O vídeo que postamos – Espiritualidade, Axé e Medicina Integrativa – demonstra a convergência entre medicina e axé, e como integrá-los em várias situações, mormente nos aspectos preditivos, preventivos, curativos e paliativos. Axé!

P.S.: Queremos reiterar: após a leitura atenta do texto, entende-se o porquê do conteúdo curricular preconizado pela FTU. Nele estão inclusos, pelos motivos aludidos, várias disciplinas tais quais: Sociologia, Psicologia, Filosofia, Botânica, Biologia Humana, Meio ambiente e espiritualidade, Música, Medicina integrativa, Teologia das religiões ocidentais e orientais, Filosofia do direito, Hermenêutica, entre outras. É um estudo imparcial e promove o diálogo com os vários setores do conhecimento humano.

Esta abordagem que não desdenha das “crenças religiosas”, promove o conhecimento religioso que é imparcial tal qual o conhecimento científico. Eis o porquê da Faculdade de Teologia Umbandista, que procura interfacear o conhecimento religioso com o conhecimento científico.

28 de fevereiro de 2011.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

FTU: primeira instituição de ensino superior em Teologia afro-brasileira

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: há alguns anos, os cursos de teologia livre que se enquadravam nos padrões do Ministério da Educação (MEC) foram autorizados e credenciados, portanto legalizados e legitimados a promoverem o ensino superior da Teologia. É importante salientar que antes de credenciamento e autorização pelo MEC todas as teologias eram livres. Na atualidade há mais de uma centena de Faculdades de Teologia, com *status* de

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

REVISTA ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

curso superior, portanto, com ensino de qualidade e conteúdos universitários. Não se pode ensinar Teologia só pelo que se sabe da religião, que, embora tenha nobilitante atividade, se dirige à crença, à fé e não ao estudo do fenômeno, seja ele sociocultural, antropológico ou de outras áreas do saber acadêmico, ou seja, do senso crítico. Senso crítico na religião é Teologia; por sua vez, as crenças religiosas confessionais e às vezes passionais (não isentas) são relativas à religião, que respeitamos e achamos indispensáveis na vida do cidadão planetário interessado na manutenção homeostática do planeta e de sua sociedade.

Palavras-chave: FTU; instituição de ensino superior; interface; teologia afro-brasileira, teologia da convergência.

Abstract: For some years now, the free theology courses that met the standards of the Ministry of Education have been authorized and accredited, then legalized and legitimized to promote higher education in Theology. It is important to emphasize that prior to accreditation and approval by Ministry of Education all theologies were free. Currently there are over a hundred schools of Theology, with the *status* of higher education, therefore, quality education and academic content.

FTU: primeira instituição de ensino em Teologia afro-brasileira

You cannot teach Theology only by what is known of religion, that, although an ennobling activity, is related to belief, faith and not to study the phenomenon, be it socio-cultural, anthropological or other areas of academic knowledge, i.e. the critical sense. Critical thinking in religion is Theology; confessional and religious beliefs, sometimes passionate (personal), are related to religion, that we respect and we believe essential in the life of global citizens interested in maintaining homeostasis of the planet and its society.

Keywords: FTU; higher education institution; interface; Afro-Brazilian Theology, Convergence Theology. ■

Há alguns anos, os cursos de teologia livre que se enquadravam nos padrões do Ministério da Educação (MEC) foram autorizados e credenciados, portanto legalizados e legitimados a promoverem o ensino superior da Teologia. É importante salientar que antes de credenciamento e autorização pelo MEC todas as teologias eram livres. Na atualidade, há mais de uma centena de Faculdades de Teologia, com *status* de curso superior, portanto, com ensino de qualidade e conteúdos universitários. Não se pode ensinar Teologia só pelo que se sabe da

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

religião, que, embora tenha nobilitante atividade, se dirige à crença, à fé e não ao estudo do fenômeno, seja ele sociocultural, antropológico ou de outras áreas do saber acadêmico, ou seja, do senso crítico. Senso crítico na religião é Teologia; por sua vez, as crenças religiosas confessionais e às vezes passionais (não isentas) são relativas à religião, que respeitamos e achamos indispensáveis na vida do cidadão planetário interessado na manutenção homeostática do planeta e de sua sociedade.

Pelos simples motivos de nossa alusão, e não é necessário mais do que isso, pois o conceito é muito simples, chegamos à conclusão de que Teologia não é religião, nem ciência, mas sim a própria interface entre ambas. Sim, a Teologia em suas duas vertentes permite aproximá-las, e mais: o diálogo prolífico entre elas. Após esta ligeira explicação pode-se questionar como se dá o fenômeno.

Diremos que o processo é muito simples, principalmente na FTU (Faculdade de Teologia Umbandista – Teologia com ênfase em Religiões Afro-brasileiras), a primeira instituição de ensino superior autorizada e credenciada pelo MEC. O processo deve-se ao fato de a Teologia ter uma vertente na academia, no denominado *saber religioso*; a outra vertente na religião, nas crenças religiosas.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

FTU: primeira instituição de ensino em Teologia afro-brasileira

Com posição privilegiada, pois se encontra na ciência e na religião, a Teologia promove, e isto é deveras importante, a decodificação e a tradução da ciência para a religião e vice-versa. Com isso torna-se o instrumento, o processo e ferramenta que promove a interface entre ambas, ou seja, o diálogo, a reconciliação entre elas.

Defendemos, segundo nossos pressupostos, que a Teologia é a própria interface, a ponte construída, permitindo o trânsito bidirecional. Esta é a intenção da FTU, de sua Teologia, promover o diálogo que dirima definitivamente o conflito entre ambas, na certeza dessa conciliação histórica e redentora, resultando em ganhos inestimáveis para a sociedade planetária nos níveis sociais, culturais, políticos, econômicos e, principalmente, espirituais, que mudarão os paradigmas que atravancam o surgimento de novos padrões civilizatórios, reunindo o homem e proporcionando a paz individual que se concretizará na tão almejada paz mundial.

Nas linhas anteriores apontamos que credenciadas pelo MEC temos mais de uma centena de faculdades de Teologia, sendo a FTU a única com ênfase em religiões afro-brasileiras, o que representa um avanço inquestionável para a consolidação da democracia e pelos aspectos isonômicos. Credenciar e

Esp. F. Rivas Neto

reconhecer a FTU é uma sinalização efetiva na erradicação de preconceitos de séculos, como também permite a inclusão total, paradigma das tradições afro-brasileiras. Alvissareiros são os tempos presentes que descortinam auspicioso destino a todos os brasileiros, a todos os cidadãos planetários.

Bem, após nossas considerações sobre a FTU e sua teologia da convergência (religião e ciência), não podemos olvidar as teologias múltiplas, mas não há de se negar as teologias: sistemática, da libertação, da prosperidade e da convergência, esta última preconizada pela FTU.

■ Sabendo-se dos reais motivos da Teologia propugnada pela FTU, precisamos demonstrar alguns temas nevrálgicos, de muito conflito entre ciência e religião, que é a criação do universo e do homem, visto que a ciência tem uma visão diversa da grande maioria das crenças religiosas.

Afinal, quem está com a razão, a ciência ou a religião? As duas, segundo seus pressupostos estão cobertas de razão e certezas.

Poderíamos questionar que muitas religiões são criacionistas, fixistas, misóginas, homofóbicas, portanto, em total desalinho com os tempos pós-modernos. Achamos justo que cada religião defenda seus conceitos, que por nós são respei-

FTU: primeira instituição de ensino em Teologia afro-brasileira

tadíssimos. Por nossa vez, iremos demonstrar, na medida do possível, que não há conflito entre as crenças das religiões afro-brasileiras e as ciências várias, mas para isto ser plausível é necessário decodificarmos e traduzirmos nossa linguagem (semiótica), epistemologia (conhecimento) e aspectos inerentes ao ser (ontologia) para a linguagem das ciências. Felizmente temos como decodificar e traduzir sem danos ou embargos para ambas.

No final desta publicação, queremos nos congratular com os festejos de “Momo” e seus processos sinalizadores para momentos desestressantes, mas com responsabilidade. Alegria é um excelente medicamento. Dissemos medicamento, o importante é a dose certa. O excesso pode intoxicar e matar. Tomemos a dose que nos proporcione vida, saúde e paz para nós e para todos. Bom carnaval, com muito axé!

Obs.: Nas próximas publicações (não obrigatoriamente as subsequentes) discorreremos sobre temas instigantes como Cosmogênese, *Big Bang*, multiuniverso, matéria escura, planetogênese, biogênese, filogênese, antropogênese e ontogênese, todos relacionados e colacionados pela “Cosmovisão da Tradição do Santo”.

7 de março de 2011.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Aspectos teológicos e religiosos do candomblé de caboclo

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: o candomblé de caboclo, como o próprio nome diz, é oriundo do candomblé ou culto de nação africano, com influências da pajelança, espiritismo e catolicismo, em estrita relação com a formação da umbanda. Discutem-se as semelhanças e diferenças com outras escolas, como quanto às vestimentas, rito-liturgia etc.

Palavras-chave: candomblé de caboclo; candomblé; umbanda; encantarias; religiões afro-brasileiras.

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

Abstract: Candomblé de Caboclo, like it is said in the designation, derives from Candomblé or African Cult, under influences of Pajelança, Spiritism and Catholicism, strictly related with the formation of Umbanda. The similarities and differences with other schools are discussed, for instance, the clothes, rite-liturgy etc.

Keywords: Candomblé de Caboclo; Candomblé; Umbanda; Encantarias; Afro-Brazilian religions.

■ A teologia ou conhecimento religioso é distinto das “crenças religiosas”. O conhecimento religioso ou teologia é o instrumento, o processo privilegiado de interface no diálogo entre ciência e religião.

A religião ou as crenças religiosas têm sua doutrina, que propugna, principalmente, a fé. Além da fé, relaciona-se com processos e ferramentas norteadores de vida para seus adeptos. A prática ou ritos é outro braço da religião que reitera, baliza a crença, a ética e os conceitos cósmicos ou de “visão de mundo”.

Apesar dos óbices por nós apontados e discutidos no texto anterior, queremos reiterar que a teologia, e não a religião,

Aspectos teológicos e religiosos do candomblé de caboclo

deve promover o diálogo com a ciência, com o conhecimento científico propugnando uma interação, não de concordismo, mas de diálogo, pois tanto religião como ciência associadas têm muito a oferecer à sociedade.

Como a teologia faz a interface e cria pontes, percorrendo -as, nela encontramos o local de excelência para intermediar e, definitivamente, erradicar o conflito entre dois modos de ver o mundo: o da religião e o da ciência.

Concluindo sobre a Teologia, ela decodifica as crenças ou religiões para o conhecimento científico. De forma idêntica traduz as contribuições da ciência para a religião e para a sociedade. ■

Por dentro das religiões afro-brasileiras há um denominador comum que é a tradição oral; o mesmo acontece com a música e o canto, o transe de possessão ou mediúnico, a dança, a louvação aos Ancestrais Divinos (Orixás, Inquices e Vodun), a louvação aos Ancestrais Ilustres (guias espirituais: caboclo, mestre, preto velho, exu e muitos outros), comidas votivas, bebidas ritualísticas e outros.

No universo das religiões afro-brasileiras, à guisa de exemplo, selecionemos o candomblé de caboclo; penetremos em sua alma, crenças, fé e ritos sagrados.

Esp. F. Rivas Neto

O candomblé de caboclo é oriundo do candomblé ou culto de nação africano seja ele ketu ou banto. Surgiu, pois os adeptos do candomblé necessitavam de uma assistência e acompanhamento mais próximo e direto. Havia problemas do cotidiano que requeriam consultas para saber qual o melhor caminho a seguir. Eram problemas afetivos-emocionais, de saúde, financeiros e espirituais vários.

Como sabemos de outras incursões, o candomblé tem por finalidade primeira o culto aos Orixás e a manutenção de sua força mágico-sagrada: o axé.

Assim muitos pais e mães de santo, pelos motivos aludidos, fundaram os primeiros terreiros desse novo conceito doutrinário-ritualístico, onde as crenças africanas se uniram às da pajelança (crenças e rituais de indígenas brasileiros).

A diferença fundamental do candomblé de caboclo é que os Orixás não baixam diretamente entre os filhos de fé (consultantes, simpatizantes). Eles são representados, e isto é fundamental, pelos caboclos (indígenas brasileiros).

Aludindo ao caboclo (“Orixá do Brasil”), sua *performance* é praticamente a mesma desenvolvida em outras religiões afro-brasileiras. Falam, dão consultas, fumam (tabaco como remédio xamânico), receitam ervas para

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Aspectos teológicos e religiosos do candomblé de caboclo

várias finalidades e, também, orientam sobre problemas do cotidiano e do espiritual.

As vestimentas, em geral, são as do candomblé africano, acrescidas de cocares e outros adereços indígenas em comum com determinados instrumentos utilizados no candomblé, por exemplo, o *ofá* (arco e flecha), preacá e outros.

A orquestra ritualística é a mesma da umbanda, sendo que os *ilús* ou tambores rituais são percutidos com as mãos e, mais raramente, com os oguidavis. Os ilequês ou colares de contas são os mesmos do candomblé e umbanda, acrescidos de contas ou fio de sementes várias (jarina, sucupira, açaí, pau-brasil, lágrimas ou rosário, capacete-de-ogum, entre outras).

O ritual tem início com o xirê, sendo que as iaôs e *sambas* cantam e dançam em roda. Há uma presença marcante do elemento masculino, como sacerdote (padrinho), diferentemente do que há no candomblé africano, cujo domínio de gênero é feminino.

Uma diferença fundamental no candomblé de caboclo em relação ao culto de nação é que nos seus cultos há a presença da Gira de Exu (interdito no culto de nação africano).

Há também algo que não havia no culto de nação africano, uma inovação, a adoção da “linha das almas”, onde se

Esp. F. Rivas Neto

manifestam os “espíritos ancestrais de antigos escravos – os pretos velhos”.

No aspecto teológico faremos uma ressalva para reflexão. No caso da Linha das Almas, por que os espíritos de africanos são obrigatoriamente velhos? Não havia escravo que fosse jovem?

Nos cultos africanos do passado pontificavam quatro sacerdotes de importância ponderadas como: Babalawô (sacerdote da sabedoria, do conhecimento do destino dos seres e do universo); Babalossaim (sacerdote versado no mistério e fundamento das ervas medicinais e rituais); Babaojé (sacerdote que proporcionava a ponte entre os vivos e os mortos, o conselho direto dos Ancestrais – Babá Egun) e o Babalorixá (sacerdote versado nos mistérios dos Orixás e suas manifestações nos homens).

Depois desta alusão, ousamos afirmar que a Linha das Almas (Eguns), interdita no culto do orixá, não é no candomblé de caboclo e mesmo na umbanda. Foi uma maneira inteligente e espiritualizante de integrar o culto aos mortos – em especial dos Babá Egun (cabeça de uma linhagem de Ancestrais), que são negros e velhos, portanto pretos velhos. Conciliação adequada e não hierarquizada, pois na umbanda e no candomblé

Aspectos teológicos e religiosos do candomblé de caboclo

de caboclo, apesar da supremacia do caboclo, os pretos velhos têm igual importância, sendo muito queridos e requisitados nos conselhos e mandingas várias.

Portanto, de forma breve, tivemos uma descrição do candomblé de caboclo, também denominado de umbanda traçada, culto diferente do candomblé ou culto de nação africano, pois já houve a fusão de várias influências (pajelança, espiritismo e catolicismo), mas que, por ser brasileiro, pode ter determinado a formação de umbanda ou ter sido influenciado por ela – uma religião brasileira – de matriz brasileira.

Depois destas ligeiras incursões no candomblé de caboclo – uma das escolas das religiões afro-brasileiras, melhor se entenderá a diferença importante que fizemos entre teologia e religião, destacando-se que teologia é conhecimento religioso, podendo interfacear com o conhecimento científico, ao contrário da religião, que é crença, fé e práticas, naquilo que denominamos crenças religiosas.

A teologia não é melhor que a religião e vice-versa, entretanto à teologia compete instrumentalizar e viabilizar o diálogo, há muito interrompido, entre religião e ciência, pois, reiteramos, a teologia tem condições privilegiadas e imparciais de promover o diálogo entre religião e ciência.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

Para tanto, como dialoga com a academia, tenta traduzir as crenças religiosas para as ciências. Igualmente, decodifica as teorias científicas para a religião, promovendo o diálogo e revisão recíproca entre ambas.

A Faculdade de Teologia Umbandista (FTU) tem um papel importantíssimo na reunião dos saberes, do diálogo à exaustão com o saber popular tradicional (com as crenças religiosas) e com o saber acadêmico (filosofia, ciências naturais).

A FTU torna-se o local de excelência ou referência no momento que disponibiliza à sociedade a ponte e a transposição da mesma, criar novos mecanismos que permitam a interface do diálogo bidirecional entre a religião e a ciência, pois, como já aludimos, ela se encontra na academia e tem também uma visão cristalina da religião, principalmente, com ênfase nas religiões afro-brasileiras.

Continua sua faina empreendedora do diálogo em vários níveis, pois as religiões afro-brasileiras carregam a tradição de praticamente todos os povos, culturas e etnias, que proporcionam a aproximação e a interação de saberes, das diferenças, da alteridade, realçando as semelhanças.

As características da FTU citadas permitem formação e estratégia privilegiadas e, principalmente, isentas e desapai-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Aspectos teológicos e religiosos do candomblé de caboclo

xonadas no diálogo ou interface entre religião e ciência, em que todos recebem acréscimos inestimáveis, especialmente a sociedade como um todo.

É o que a FTU busca e espera proporcionar a todos, sejam religiosos, cientistas, filósofos, artistas, ao cidadão livre pensador, enfim, à sociedade planetária. Estamos no início do processo que sabemos ser longo, mas para breve esperamos que todos se privilegiem com as ações teológicas, sociais, culturais, políticas e econômicas promovidas pela FTU, que, temos absoluta certeza, será paradigmática, balizando e pontuando positivamente a função da Teologia das Religiões Afro-Brasileiras nos diálogos que neutralizem conflitos, sejam eles: dos saberes, dos povos, das classes sociais, das etnias, prevalecendo, como é de se esperar, a inclusão e igualdade totais. Axé!

10 de março de 2011.



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Introdução ao conceito de axé

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: a noção da ideia de saúde física, mental e social é devida ao equilíbrio do axé. O axé é remédio para o corpo e para a alma, portanto, profilaxia e medicamento ao mesmo tempo. O axé é a força mágica sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder volitivo (vontade) do Orixá manifesto na energia nos reinos mineral, vegetal, animal, em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

coisas. Como força, é neutro, invisível, transmissível, extinguível (necessita ser reatualizado), mas é sensível.

Palavras-chave: axé; saúde física, mental social; força magística sagrada; remédio; poder volitivo.

Abstract: the notion of physical, mental and social equilibrium depends on Axe. Axe is medicine for body and soul, therefore, prophylaxis and medicine at the same time. Axe is the sacred magician force that exists on the forces of nature. It is the power of volition (will) of the Orixá manifest in the kingdoms: mineral, vegetal, animal, and in various locations in symbolic elements. It is a power, a principle that allows you to perform, grow and develop all beings and things. As a force, it is neutral, invisible, transmittable, extinguishable (it needs to be refilled), but is sensitive.

Keywords: axe; physical, mental, social health; sacred magistic force; medicine; power of volition (will).

A noção da ideia de saúde física, mental e social (biopsicossocial) é devida ao equilíbrio do axé. O axé é remédio para o corpo e para a alma, portanto, profilaxia e medica-

Introdução ao conceito de axé

mento ao mesmo tempo. O axé é a força mágica sagrada, veiculada nas forças vivas da natureza. É o poder volitivo (vontade) do Orixá manifesto na energia nos reinos mineral, vegetal, animal, em locais e nos vários elementos simbólicos. É um poder, um princípio que permite realizar, fazer crescer e desenvolver todos os seres e coisas. Como força é neutro, invisível, transmissível, extinguível (necessita ser reatualizado), mas é sensível.

O poder de realizar, de concretizar, de comunicar, transportar ou ser o próprio axé é inerente à entidade sobrenatural que no panteão das religiões afro-brasileiras é denominada exu.

Como afirmamos, o axé é o responsável pelo equilíbrio, estabilidade e harmonia do ser humano. Proporciona:

- Saúde física e psíquica.
- Prosperidade – neutraliza a miséria.
- Equilíbrio afetivo-emocional ou estabilidade afetiva-sexual e paz interior.
- Espiritual – sintonia com o Ori e deste com o Olori (Orixá dono da cabeça).

Esp. F. Rivas Neto

Situação oposta, a da maioria das pessoas, é a carência ou mesmo *incapacidade de absorver, armazenar e desenvolver* o axé. Isso ocasiona:

- Doença, morte prematura (ambiente natural).
- Dificuldades afetivo-emocionais (ambiente social).
- Dificuldades econômico-financeiras (ambiente social).
- Problemas espirituais (Ori-Bará); a “fraqueza espiritual” ou carência de axé pode ocasionar os tão pro-palados “encostos”, “quebrantos”, *osogbô*, sapirangas, berundangas, demandas e tantos outros choques e entrechoques de ordem sobrenatural, ocasionados por *eguns*, *ajaguns*, quiumbas, *ajés*, *arajés* e por agressão mística.

Nas religiões afro-brasileiras, a Iniciação começa no conhecimento, na conscientização da necessidade de saber absorver, armazenar e desenvolver ou multiplicar o axé. Sem o Axé não há vida longa, saúde, sucesso profissional, amor e cobertura espiritual, e muito menos a Iniciação.

Na vida cotidiana das humanas criaturas, independentemente de serem adeptas das religiões afro-brasileiras, muitas

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Introdução ao conceito de axé

vezes o desânimo, o desinteresse pela vida, certas doenças ou fracassos amorosos e financeiros são decorrência da carência de axé, manifesta em desequilíbrio mento-espiritual, desestabilidade afetivo-emocional e desarmonia social (doenças e fracassos financeiros ou/e profissionais).

No final deste texto queremos nos congratular com todos os sacerdotes e sacerdotisas das religiões afro-brasileiras que têm feito grassar a linguagem do axé, principalmente por intermédio da prática ritualística do fundamento, a única que permite realizar o desenvolvimento espiritual, social, material e pessoal do indivíduo. A eles e a todos os juremeiros, erveiros, rezadeiras, benzedeiros, mateiros, feiticeiros e curandeiros da comunidade de Santo, Axé!

16 de maio de 2011



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Toque da jurema: a cura em várias dimensões

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: o toque de jurema (encantarias – encantados) é um culto público com fins propiciatórios à (1) cura, (2) resolver problemas vários do cotidiano, (3) amor e, finalmente, (4) problemas espirituais vários. O culto à jurema tem na adaptação do homem aos três ambientes, natural, social e sobrenatural, a forma de encontrar a estabilidade, a harmonia e o equilíbrio. A quebra desse equilíbrio (dos

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

três ambientes) pode desencadear vários óbices, inclusive a deflagração de agressão mística – demandas, ataques mágicos ou berundangas – responsável por infortúnios espirituais tais como “vida amarrada” e perturbação espiritual na dimensão afetiva promovendo o insucesso no amor e as maiores dificuldades no aspecto econômico-financeiro. Finalmente, os problemas mais ou menos graves de saúde mental ou somática.

Palavras-chave: cura; fumaçadas; marca; mestres; toque da jurema.

■

Abstract: The Toque de Jurema (Enchanted) is a public cult with the purposes of (1) healing (2) solve various problems of everyday life, (3) love and, finally, (4) various spiritual problems. The Jurema Cult is in man's adaptation to the three environments: natural, social and supernatural way to find stability, harmony and balance. The breaking of this balance (of the three environments) can trigger various obstacles, including the outbreak of mystical aggression - demandas, or magical attacks or berundangas - responsible for mishaps such as spiritual “life tied” and the spiritual disorder in the affective dimension promoting failure in love and the greatest difficul-

Toque de jurema: a cura em várias dimensões

ties in the economic and financial. Finally, somatic problems more or less serious or mental health.

Keywords: cure; smoke; masters; Toque de Jurema.

O toque de jurema (encantarias – encantados) é um culto público com fins propiciatórios à (1) cura, (2) resolver problemas vários do cotidiano, (3) amor e, finalmente, (4) problemas espirituais vários. O culto à jurema tem na adaptação do homem aos três ambientes: natural, social e sobrenatural a forma de encontrar a estabilidade, a harmonia e o equilíbrio.

A quebra desse equilíbrio (dos três ambientes) pode desencadear vários óbices, inclusive a deflagração de agressão mística – demandas, ataques mágicos ou berundangas – responsável por infortúnios espirituais tais como “vida amarrada” e perturbação espiritual na dimensão afetiva promovendo o insucesso no amor e as maiores dificuldades no aspecto econômico-financeiro. Finalmente, os problemas mais ou menos graves de saúde mental ou somática.

Todos esses infortúnios ou malefícios são combatidos pelos rituais ou toques de jurema, por intermédio de “ervas receitas” em forma de chás, decocto, defumações e, principalmente, com o vinho de jurema e as “fumaçadas” preparadas

Esp. F. Rivas Neto

para combater todos os males (fumo misturado com ervas propicias a várias finalidades).

São esses remédios dispensados pelo mestre acostado (entidade sobrenatural), ou mesmo pelo mestre juremeiro encarnado que em geral é erveiro, mateiro, rezadeiro, raizeiro, benzedeiro e “feiticeiro”, que favorecem e restabelecem a harmonia, a estabilidade e o equilíbrio perdidos.

As fumaçadas são aspergidas, em formas de fumaças sopradas pela *marca* (pelo forninho) nos consulentes pelo Mestre acostado, algo que caracteriza os Mestres da Jurema, Mestre da Sabedoria e de fundamento nas raízes de seu Mestre iniciador desde quando foi “enjuremado”.

Os cultos não são apenas públicos, pois há os individuais, onde se atendem e se fazem vários tipos de trabalhos, todavia, quando do toque de jurema, o mesmo se processa da seguinte maneira:

1. Os *rituais* ou *mesas* são mágico-sagrados, sendo muito valorizados principalmente pelos benefícios que propiciam.
2. O uso do vinho de jurema é o principal remédio para todos os males. Os ingredientes do vinho de jurema

Toque de jurema: a cura em várias dimensões

são de conhecimento exclusivo dos iniciados, por isso faz-se silêncio sobre sua composição.

3. O tabaco é fundamental na eliminação de malefícios vários, podendo também trazer benefícios espirituais – “chamar o transe” – quando aspirado profundamente.
4. O grande número de remédios oriundos da flora e da fauna são o manancial onde os juremeiros preparam seus “líquidos ou pós de poder”, suas garrafadas, lambedores (xaropes) e banhos para neutralizar malefícios vários e trazer benefícios.

Para tantos “benefícios”, os Mestres basicamente fazem uso de três objetos mágicos. A princesa – uma bacia de louça branca com fumo de corda e outros elementos que representam a fonte de todo o poder do Mestre. A *marca mestra* (maracá) que se acredita ter o poder de abrigar vários espíritos das cidades e aldeias que rodeiam as cidades místicas ou reinos da jurema. O terceiro poder é determinado pela fumaça da marca do Mestre acostado, que serve de remédio e propicia o transe de possessão.

O toque de jurema (encantaria) é encontrado em várias religiões afro-brasileiras, principalmente na umbanda, em al-

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

gumas de suas vertentes; no culto de nação africano (jejê-nago -angola); no tambor de mina – há mais de 50 anos presente em várias regiões do país fundamentado no culto jejê (Voduns), principalmente nas divindades *Poli Boji*, *Dambirá*, *Quevioçô*, *Sobô*, *Badé*, em perfeita harmonia com Orixás *Ketu*, Mestres e outros encantados; não se pode esquecer do tambor da mata ou terecô – oriundo do Mearin e de Codó do Maranhão, que hoje se encontra difundido em alguns estados – onde se apresenta Barba Soeira (Santa Bárbara) e vários outros encantados, principalmente Mestre Légua, Rei da Turquia, Rei D. Sebastião e muitos outros.

Prosseguindo, o toque de jurema, ao contrário do que muitos pensam, é complexo nos fundamentos e na ritualística. Há um enredo que vem puxando uma teia de ancestralidade indígena e europeia tendo como pedra angular o poder mágico-curativo da erva jurema e do vinho preparado com ela.

“Curam” vários males, principalmente pelos conhecimentos e poderes dos Mestres encarnados que são acostados por Mestres de outro mundo, “juremeiros desencarnados” (será apenas isso?). As curas proporcionadas pelo poder do vinho de jurema potencializadas pelos fundamentos dos Mestres e seus avatares atingem o psicossomatismo (mente e corpo) do

Toque de jurema: a cura em várias dimensões

consulente, o social – problemas afetivos-sexuais e financeiros vários; os espirituais – “vida amarrada”, feitiçaria, bruxaria e outras influências negativas.

Antes do encerramento deste sumário sobre a jurema e seus rituais de fundamento e as diversas encantarias há de se ressaltar que cânticos (louvarias ou cantorias) e danças sob a influência das fumaçadas e a degustação do vinho de jurema caracterizam esse culto e seus adeptos.

O toque de jurema no que concerne ao aparente caos – pois transgride na alegria e na paz a cultura vigente – e do lúdico, faz parte da cura proporcionada pelo poder dos Mestres que conhecem a psicologia e o imaginário das humanas criaturas.

Com certeza, o toque de jurema e outras religiões afro-brasileiras são formas de resistência às proscricções, às desigualdades que infelizmente campeiam na sociedade, protagonista de discriminações várias, preconceitos, que impedem as necessárias mudanças e mobilidades sociais.

Além da resistência, Mestres do outro mundo e deste mundo se unem não somente para proporcionar curas em várias dimensões do ser humano e de sua sociedade, mas labutam pela transformação socioespiritual que vem ocorrendo na

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

sociedade brasileira que elevará a uma forma justa de religiosidade nossa gente.

Salve, a Jurema Sagrada!

Salve, Salve, os Mestres!

Salve, Salve, os Príncipes, as Princesas e todos os demais Encantados!

27 de junho de 2011.

▪



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

As religiões afro-brasileiras: a sabedoria construída na tradição oral

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: o texto introdutório discute a tradição oral e sua importância nas religiões afro-brasileiras, como método de transmissão de conhecimentos inerente a todas as escolas. Ademais, não é a tradição oral melhor ou pior que a tradição escrita, apenas diferente, assim, abordam-se questões sobre a relação entre ambas, sobretudo no discurso teológico.

Palavras-chave: tradição oral; transmissão de conhecimento; tradição escrita; teologia; religiões afro-brasileiras.

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

Abstract: the introductory text discuss oral tradition and its importance in the Afro-Brazilian religions as method for transmission of knowledge, inherent to all schools. Furthermore, oral tradition is no better or worse than written tradition, but only different; thus, issues about the relation between both traditions are developed, specially through theological discourse.
Keywords: oral tradition; knowledge transmission; written tradition; Theology; Afro-Brazilian religions.

■ O que se sabe de “alguma coisa”, se só se sabe dessa “alguma coisa”? Praticamente nada, pois, como compará-la, estudá-la num círculo fechado de concepções restritas?

Em textos precedentes² discutiui-se de forma enfática e sublinhada que se vive num universo de verdades restritas imersas em incertezas irrestritas, ou seja, algumas verdades num mundo de incertezas.

O discurso apresentado, pode-se supor, está sendo levado à metafísica ou ontologia, pois como explicar verdades restritas

2. F. Rivas Neto refere-se a textos anteriores que havia divulgado em seu *blog Espiritualidade e sociedade na visão das religiões afro-brasileiras*. (Nota do Editor)

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

As religiões afro-brasileiras: a sabedoria construída...

mergulhadas em incertezas irrestritas? Não se está derivando para a metafísica, e como comprovação demonstra-se o infra.

O pensamento tomado como ideia pode manifestar-se na palavra inarticulada (no interior de cada indivíduo) e na palavra articulada, ambas, porém, podem manifestar-se na grafia (escrita).

Partindo-se da premissa que a primeira manifestação ou roupagem do pensamento é a palavra, o vídeo apresentado nesta publicação discute as qualidades e vantagens da tradição oral, mormente nas tradições das religiões afro-brasileiras, que optaram pela tradição oral não por faltar competência, ciência ou habilidade para tal, mas, reitera-se, por escolha de tal método. ■

Espera-se alcançar os objetivos gerais, quais sejam, discutir de forma ampla o tema, que, claro, não se tentou torná-lo ortodoxo. Que a visualização do vídeo possa proporcionar um amplo e alto nível de discussão. Axé!

8 de agosto de 2011.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras promovendo o diálogo com a sociedade, academia e religião

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: para respeitar e valorizar a diversidade é preciso reconhecer diferentes particularidades e as relações entre elas, de modo a, com isso, afastar-se a possibilidade de construção de um discurso homogêneo sobre as religiões afro-brasileiras, que se manifestam por diferentes escolas. Discute-se aqui como a Teologia afro-brasileira afasta-se de e rebate a hegemonia e ho-

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

mogena nas religiões afro-brasileiras, em favor da pluralidade e calcada na tradição oral, eixos estruturantes desse curso de nível superior desenvolvido pela FTU.

Palavras-chave: homogenia; hegemonia; teologia afro-brasileira; religiões afro-brasileiras; FTU.

Abstract: in order to respect and value diversity, it is needed to acknowledge different particularities and the relations between each other, so it becomes possible to avoid the construction of a homogenous discourse about the Afro-Brazilian religions, that are manifest through different schools. It is discussed here how Afro-Brazilian Theology avoids and prevents hegemony and homogeny inside the Afro-Brazilian religions, in favor of plurality and on the basis of oral tradition, the structuring axis of the higher education course developed at FTU.

Keywords: homogeny; hegemony; Afro-Brazilian Theology; Afro-Brazilian religions; FTU.

Antes de dar início ao texto, que versará sobre o público-alvo das religiões afro-brasileiras/americanas, mais uma vez en-

Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras promovendo...

tregamos a pena a Pierre Bourdieu, sociólogo francês que muito contribuiu para a sociedade com seus estudos e conclusões. Enfaticamente afirmou (BOURDIEU, 2012, p. 14): “O homem oficial é um ventríloquo que fala em nome do Estado: assume uma postura oficial – com todo o teatro do oficial – fala para e se coloca no lugar do grupo ao qual se dirige, fala para e se coloca no lugar de todos, fala como representante universal”.

A crítica de Bourdieu deve-se ao fato de as pessoas, além de falar por elas, quererem falar pelos outros (universalizar ou homogeneizar o discurso). Óbvio que os que assim procedem não são “democráticos”, na verdadeira acepção do termo, querem ser hegemônicos, deter o poder, por isso negam a diversidade.

São os mesmos que afirmaram que sou pela particularidade, quando deveria ser pela universalização. Ou esses não entenderam ou deliberadamente querem confundir os outros, pois é cristalino que ser pela particularidade é o mesmo que dizer pela diversidade (de cada Templo) e um sonoro não para a hegemonia e homogenia que defendem.

No que concerne à FTU, sempre foi polo de diálogo, pelo processo dialógico em vários níveis. O primeiro foi o intrarreligioso (respeito incondicional à diversidade reli-

Esp. F. Rivas Neto

giosa dos terreiros). O segundo diálogo, inter-religioso, faz a aproximação verdadeira com o diferente, o diverso, as várias religiões disponíveis na sociedade (plural). Dialogando com elas com respeito incondicional, convivendo pacificamente, promovendo com todas uma cultura de paz. O terceiro diálogo – interdisciplinar – fez com que a teologia das religiões afro-brasileiras pudesse dialogar com as várias disciplinas acadêmicas, propiciando ensino teológico de qualidade, pesquisa (iniciação científica) e diálogo com a sociedade.

Isso só foi possível pela visão plural da FTU, por perceber e ser sensível quanto ao público ao qual se dirige.

A FTU (Faculdade de Teologia Umbandista) tem seu curso de graduação, bacharelado em Teologia com ênfase nas Religiões Afro-brasileiras, desde que foi autorizada e credenciada pelo MEC em 2003.

A primeira e a única faculdade de Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras, que faz grassar a diversidade respeitando todas as tradições de sabedoria por dentro destas religiões, não homogeneizando, isto é, não tendo ênfase em uma só tradição, mas em todas, sendo a que inaugurou esta nova fase por dentro deste universo. A FTU é a primeira e a única, por não ser hegemônica (poder central), que faz grassar

Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras promovendo...

que é para todos, o que tem sido provado e comprovado pelas suas atividades nos níveis: sociedade, academia e comunidade afro-brasileira.

A FTU é uma instituição de ensino superior, autorizada e credenciada pelo MEC. Tem sido elogiada por vários acadêmicos, inclusive por teólogos de outras confessionalidades, pelo fato, também inédito, de possuir dois braços fundamentais. Suas atividades, por intermédio de seus dois braços ou vertentes, têm servido de modelo a outras instituições, pois no mesmo local de funcionamento da FTU (aspectos acadêmicos) há também o templo, o que permite, além do conhecimento acadêmico (saber religioso), a práxis, a experiência vivenciada por intermédio de vários rituais, das várias tradições de sabedoria das religiões afro-brasileiras/americanas.

Esta atividade da FTU, de forma insofismável, demonstra que ela valoriza a cultura do pluralismo, da diversidade das tradições religiosas. Tem no pluralismo, na diversidade um enriquecimento fundamental da condição humana. Defende e faz grassar um pluralismo que obrigatoriamente inclui a afirmação de verdades e dos critérios públicos para tal defesa e publicização.

Encerrando, espero ter deixado claro quais são as duas atividades: religiosa e acadêmica. A religiosa defende a

Esp. F. Rivas Neto

particularidade, ou seja, a livre expressão dos terreiros, se possível, de todos, por isso se opõe à universalização, ou seja, homogenia (todos doutrinando e praticando a mesma coisa), o que invariavelmente termina no processo hegemônico (quer dominar ou centralizar o poder em detrimento de todos).

Eis o porquê de defendermos a particularidade e não a universalização. Todavia, isto não impede a aproximação, amizade e diálogo que todos os terreiros devam ter, contribuindo, assim, por um mundo melhor, demonstrando que as religiões afro-brasileiras/americanas têm propostas sérias para a comunidade de santo e para toda a sociedade. Quanto a focar o terreiro, uma única “comunidade terreiro”, apesar de as pessoas serem diferentes, todos estão imbuídos em seguir uma tradição de sabedoria mediada por sacerdote/sacerdotisa consumado, que tem sua raiz, ou seja, conhece seus ascendentes (tradição e os transmissores da mesma). No terreiro onde se preconiza uma tradição de sabedoria fortalece-se a identidade do indivíduo e a pertença do grupo, e isto, nessa ocasião, universaliza-se na medida do possível com a vivência ritual e estilo de vida de seus prosélitos ou filhos de santo.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras promovendo...

Quanto à Teologia defendida pela FTU, ela se manifesta se de forma pública, ou seja, procura atingir três públicos: sociedade, academia e religião.

Sociedade: dialoga com aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e do cotidiano, procurando adaptar seu discurso aos seculares, àqueles que não são adeptos das religiões afro-brasileiras/americanas, aos ateus, enfim, a todos.

Academia: promove o diálogo com as várias disciplinas acadêmicas, por intermédio do saber religioso. Defende o diálogo interdisciplinar, pois reconhece a necessidade de dialogar com todas as disciplinas, com as ciências várias, filosofias e outras teologias, portanto, seu discurso deve ser e é público e não privado. Entende-se por público não ser confessional apenas, mas promover diálogos com todos os setores do conhecimento, seja acadêmico ou religioso. Por isso não sou pelo discurso privado, de uma só Teologia.

Religião/Terreiro: as religiões afro-brasileiras/americanas são de tradição oral, doutrinam e defendem, tal qual a diversidade cultural brasileira, o respeito incondicional às diferenças, que não são deficiências ou mistura, muito menos falta de tecnologias. É uma forma inteligente e espiritualizada de prevenir e, se possível, erradicar as discriminações e preconceitos vários.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

A Teologia com ênfase nas Religiões Afro-brasileiras/americanas dialoga, publiciza com a sociedade e academia, todavia, é também uma teologia do terreiro, da Tradição da Sabedoria do Orixá (Ancestral Divino) e dos Ancestrais Ilustres, sendo seus sacerdotes e terreiros considerados sagrados, pois ambos são agraciados em si, dentro de si com a presença das Divindades (Orixá, Vodun, Inquice, Caboclo). Toda Tradição de Sabedoria está calcada na tradição de transe de possessão ou mediúnico, portanto, além do discurso acadêmico e com a sociedade. Assim, além dos discursos anteriormente mencionados, há também o discurso com as divindades do Terreiro. O público *terreiro* é um dos mais importantes, ressaltando a fala do Prof. Dr. Volney Berkenbrock (UFJF) no I Congresso Internacional das Religiões Afro-americanas realizado pela FTU em 2011, quando bem afirmou que os rituais, fé, crença (terreiro) são os atos primeiros do campo teológico. Com isto, não estamos negando o saber religioso (ato sagrado) que conecta seu discurso com a Sociedade e as disciplinas acadêmicas.

As demais amarrações deixarei para futura discussão, mas reitero que a FTU promove o imbricamento dos três discursos: sociedade, academia e terreiro. Concluindo, a Teologia com ênfase nas Religiões Afro-brasi-

Teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras promovendo...

leiras/americanas torna-se particularista (confessional), sem que com isso se afaste de sua missão maior, qual seja, a de demonstrar que toda teologia tem um compromisso com a sociedade e, para isso acontecer, promove e defende a interdependência interteológica, a Teologia como discurso público e não privado ou particular e exclusivo.

Precisamos estar atentos para não sermos vilipendiados e logrados pelos que desejam elevar à categoria de verdades definitivas e absolutas conhecimentos provisórios e parciais afirmando serem de Teologia ou tradição das religiões afro-brasileiras. Acautelem-se os interessados na manutenção da ética e da consistência das verdades das religiões afro-brasileiras/americanas. Felizmente estamos noutros tempos! Tempos de luz, do sagrado presente e atuante em tudo e em todos. Axé!

30 de janeiro de 2012.

Referência

BOURDIEU, Pierre. A fábrica de opinião pública. As duas faces do Estado. *Le Monde Diplomatique Brasil*, jan. 2012, p. 14-17.



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU: diálogo teórico-prático entre as religiões afro-brasileiras

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: as religiões afro-brasileiras passaram e ainda passam por processos de reelaboração e adaptação oriundos do contato e da relação entre as três matrizes formadoras, quais sejam, africana, indígena e indo-europeia. Assim, discutem-se as relações entre escolas de diferentes grupos, como umbanda branca e omolocô com as encantarias e o candomblé.

1. Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

Palavras-chave: religiões afro-brasileiras; matrizes formadoras; umbanda; candomblé; encantaria.

Abstract: the Afro-Brazilian religions have gone and still goes through processes of elaboration and adaptation derived from contact and relation between the three formation roots: African, Indigenous, and Indo-European. Therefore, the relations between schools of different groups are discussed, like Umbanda Branca and Omolocô with Encantarias and Candomblé.

Keywords: Afro-Brazilian religions; formation roots; Umbanda; Candomblé; Encantaria.

Dedicamos nosso segundo texto do ano para iniciar algumas discussões sobre as religiões afro-brasileiras, sua formação e composição, bem como sobre os processos de reelaboração e adaptação sofridos a partir dos vários contatos religiosos ocorridos no Brasil desde o século XV.

Basicamente, as religiões afro-brasileiras são formadas pelos componentes ameríndios, africanos e indo-europeus. Destacamos, porém, que, ao falarmos nas contribuições europeias,

Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...

estas foram em sua grande maioria de católicos. Posteriormente, as religiões afro-brasileiras sofreram influências de elementos, judaicos, budistas, islâmicos, kardecistas, entre outros.

Na atualidade, segundo nossa abordagem, entendemos que basicamente temos 3 grandes conjuntos nas religiões afro-brasileiras: o primeiro sendo composto pelas umbandas, o segundo pelas encantarias e o terceiro pelo culto de nação africano (candomblé ketu, jeje e angola-congo). O que ocorre é que estes conjuntos não são estanques nem se colocam como intocados, ao contrário, há poros que possibilitam que tais conjuntos dialoguem, sem com isso perder a identidade de cada um deles.

A título de explanação colocamos dois diagramas abaixo:

1º Diagrama: 3 grandes conjuntos das religiões afro-brasileiras

“Umbandas” (Conjunto 1) ↔ “Encantarias” (Conjunto 2) ↔ Culto de Nação Africano (Conjunto 3)

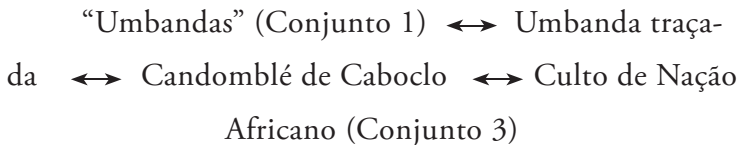
As “encantarias” fazem a conexão entre as várias “umbandas” (dentre as quais citamos algumas: umbanda branca,

Esp. F. Rivas Neto

umbanda mista, umbanda cristã, umbanda mística, umbanda esotérica, umbanda oriental, umbanda traçada ou omolocô) com o culto de nação africano.

2º Diagrama: diálogo entre o conjunto “umbandas” e o conjunto culto de nação africano

Este diagrama demonstra a relação entre as “umbandas” e o culto de nação africano, apontando quais escolas afro-brasileiras fazem a interface que possibilita o diálogo entre o Conjunto 1 e o Conjunto 3:



A umbanda traçada ou omolocô é o reduto avançado das “umbandas” e procura fazer uma ponte com o culto de nação já que possui elementos significativos para este último. Da mesma forma, o candomblé de caboclo é o reduto avançado do culto de nação africano em sentido oposto. A umbanda traçada ou omolocô dá ênfase ao caboclo (o «Orixá» do Brasil),

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...

mas já cultua os Orixás. Já o candomblé de caboclo dá ênfase ao culto dos Orixás, mas os caboclos também são cultuados, em segundo plano.

O que observamos é que essas duas escolas afro-brasileiras: umbanda traçada ou omolocô e o candomblé de caboclo são interfaces entre os conjuntos “umbandas” e culto de nação africano. Isso só demonstra que há um trânsito entre as várias escolas afro-brasileiras e que, naturalmente, a própria dinâmica religiosa se estrutura de forma a ajustar as múltiplas crenças e práticas.

Ao fundarmos a Faculdade de Teologia Umbandista, há uma década, tínhamos esse processo em mente. Fomos incompreendidos na época porque havíamos passado 18 anos na umbanda esotérica e, por isso, as pessoas nos questionavam como poderíamos montar uma faculdade sobre umbanda com apenas o viés da umbanda esotérica. A grande questão é que nossa bagagem ritualística não era proveniente apenas da umbanda esotérica, ao contrário, esta foi uma das nossas últimas passagens da Iniciação. Utilizamos o nome umbanda para fundar a Faculdade de Teologia Umbandista porque é uma das escolas afro-brasileiras menos preconceituadas e possui um histórico de ser a religião brasileira. Para isso, em 2000 iniciamos um

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

projeto em nossa Casa de Fundamentos que visava à realização de “sete tipos de rituais” em que privilegiávamos as várias umbandas e suas interfaces com outras religiões afro-brasileiras. Foi um processo no interior de nossa Casa, a Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, e que culminou com a FTU.

Tal clareza nesta ação foi conquistada em função dos vários anos de pesquisas sobre este campo religioso e principalmente de décadas como sacerdote percorrendo e vivenciando em profundidade os 3 grandes conjuntos citados. Assim, nosso objetivo com a fundação da FTU (a primeira e única faculdade de Teologia afro-brasileira autorizada e credenciada pelo MEC) era dar visibilidade às religiões afro-brasileiras, fazer com que tivéssemos isonomia perante outros setores, criar e fortificar uma teologia voltada para o universo afro-brasileiro e fazer com que os alunos da instituição estivessem em contato com essa realidade de trânsito religioso afro-brasileiro. Muitas vezes, a dinâmica religiosa se encarrega de demonstrar que as escolas afro-brasileiras não são sectárias e fechadas. Mas quisemos discutir isso de uma outra lente, a acadêmica, fazendo com que, por meio da educação, os adeptos, simpatizantes e estudiosos das religiões afro-brasileiras se aprofundassem com um universo em que o trânsito religioso torna-se explícito.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Teologia das religiões afro-brasileiras. Da OICD à FTU...

Isso só foi possível porque no sacerdócio vivenciamos as tradições provenientes em primeiro lugar (historicamente) do culto de nação africano, passando pelas várias “encantarias” e chegando às “umbandas”, porque, mesmo quando fomos viver a umbanda, não encontramos apenas uma forma de fazê-la. Ou seja, a fundação da FTU só foi possível porque possuíamos um histórico de contato e vivência com várias tradições. Ninguém pode falar, imagine então ensinar, de caminhos que não tenha percorrido.

Nesse sentido, esperamos que os leitores do blog entendam que a fundação da FTU sempre esteve envolta em princípios muito maiores e bastante estruturados. Princípios espirituais por fazer grassar e disseminar as várias tradições espirituais afro-brasileiras. Princípios culturais e sociais por valorizar o senso de pertença e identidade dessas comunidades religiosas. Princípios políticos e econômicos por permitir, por meio de educação de qualidade, que muitos adeptos e simpatizantes afro-brasileiros conquistassem uma formação de ensino superior, muitas vezes com bolsas integrais durante os quatro anos do bacharelado, e conseguissem, por consequência, melhores condições de trabalho e qualidade de vida.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

Nas próximas publicações daremos continuidade à discussão sobre as escolas afro-brasileiras e as interfaces existentes entre elas. Axé!

7 de janeiro de 2013.

▪



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

O candomblé faz “medicina preditiva”

Esp. F. Rivas Neto¹

Resumo: a biomedicina, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, mantém-se ainda primordialmente terapêutica, embora busque se tornar preditiva, ao passo que, das religiões afro-brasileiras, o candomblé há muito tempo, por meio de sua medicina tradicional, faz a predição para evitar doenças. Faz-se a seguir uma analogia entre a decodificação do DNA do corpo humano com, por assim dizer, o DNA espiritual,

¹ Francisco Rivas Neto (1950-2018) foi sacerdote das religiões afro-brasileiras durante 50 anos, médico e fundador da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), instituição religiosa afro-brasileira. Além disso, fundou e dirigiu a FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira, autorizada e reconhecida pelo MEC, em funcionamento de 2003 a 2016. Autor de diversos livros que marcaram as religiões afro-brasileiras, tanto no meio religioso como acadêmico.

Esp. F. Rivas Neto

representado pelo jogo oracular, na decodificação das possíveis doenças que podem acometer o indivíduo.

Palavras-chave: candomblé; biomedicina; medicina tradicional; predição; jogo oracular.

Abstract: medicine, despite the technological development, is still primarily therapeutic, although aims to become predictive, whereas Candomblé, from the Afro-Brazilian religions, for a long time, on the grounds of its traditional medicine, uses prediction for avoiding diseases. An analogy is made between decoding the DNA of human body and the spiritual DNA, represented by the oracular board, in decoding the possible diseased that may affect one.

Keywords: Candomblé; Medicine; traditional Medicine; prediction; oracular board.

Predição no candomblé

Acreditamos que o sacerdote ou sacerdotisa precisa dialogar pelo menos em 3 níveis. O primeiro é a linguagem do

O candomblé faz “medicina preditiva”

terreiro, onde clientes, filhos e filhas de santo se afeiçoam e experimentam a força do *asé*. A segunda é direcionada aos Iniciados e Iniciadas, onde os fundamentos são transmitidos e desenvolvidos. Finalmente, temos a linguagem para a sociedade civil abrangente, onde traduzimos para todos (independentemente da filiação religiosa) o que aprendemos e ensinamos em nossos barracões.

Embora sejamos de tradição oral secundária e com a práxis de terreiro há mais de 50 anos, não podemos deixar de fazer uma analogia de medicina acadêmica. Por um motivo muito simples, é na medicina acadêmica que a sociedade se apoia oficialmente para tratar as doenças. Ocorre que essa medicina, hoje terapêutica, pretende ser preditiva.

O sacerdote, ou *Onișégun*, quando faz o seu jogo, pode não saber desses conceitos mais afetos à medicina, mas certamente sabe como neutralizar o aspecto de *oșogbo* para não ter doenças futuras (predição). Claro que tudo o que estamos expondo neste texto é fruto da nossa vivência de terreiro. Fazendo uma analogia com a medicina, o sacerdote, ou *Onișégun*, jogando e sabendo qual o *odu* e como neutralizar esse estado citado (*oșogbo*), pode fazer com que o gene deletério não tenha expressividade e pene-

Esp. F. Rivas Neto

trância. Ou seja, que a doença não se apresente no cliente que ocorre ao terreiro.

Assim estamos valorizando o candomblé e o que há de mais importante neles, os bastiões da Tradição. Evidente que nos referimos aos pais e mães de santo. Aos interessados neste e outros aspectos da “medicina preditiva” do candomblé, a sugestão não pode ser outra: busque seu pai ou mãe de santo. Eles sabem o que fazem. Não só curam, mas com esse arsenal de Ifá, consubstanciando em Iniciação e clarividência, podem prever (prever) e prevenir (evitar) doenças sociais, naturais e sobrenaturais.

Muitos poderiam perguntar: mas como o candomblé pode fazer uma medicina preditiva, se a medicina, a biomedicina (medicina acadêmica) só faz ou é essencialmente, na atualidade, medicina terapêutica?

Sim, a medicina é terapêutica mas pretende ser para o futuro (?) preditiva. Como?

Em 12 de fevereiro de 2001, o segredo da constituição humana foi revelado. Como afirmaram os membros do HUGO (Human Genome Organization), devemos imaginar o “LIVRO DA VIDA” composto por 23 volumes, com um total de 3 bilhões de letras, todas exclusivamente A, T, C, G.

O candomblé faz “medicina preditiva”

Imaginemos ainda que apenas 5% desses três bilhões de letras impressas realmente contivessem a mensagem fundamental, sendo que os 95% restantes seriam desnecessários(?!!).

Essa analogia que fazemos representa o genoma humano. Cada um dos 23 volumes seria um de nossos cromossomos. Cada capítulo representaria um fragmento de DNA (a substância da vida que compõe o cromossomo); porém, 95% dos capítulos não teriam interesse.

Só 5% do nosso genoma codificam proteínas, sendo considerados os carros-chefes da maioria das funções biológicas (manifestações do código dos *odu*).

O primeiro passo para desvendar esse mistério seria descobrir em que ordem a natureza posicionou esta sequência de 3 bilhões de bases nitrogenadas que compõem o DNA (A/T e C/G adenina/timina e citosina/guanina), segredo guardado por milhões de anos.

As descobertas foram muitas. As estimativas quanto ao número de genes da espécie humana giravam em torno de 100 mil. Porém, o número de genes encontrado é 1/3 disso, cerca de 30 mil.

Existem pelo menos 12 mil doenças genéticas diferentes das quais, com certeza, da maioria delas a sociedade nunca

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

ouviu falar. Como consequência futura, a medicina oficial acadêmica, que hoje é quase na totalidade uma medicina terapêutica, será uma medicina preditiva.

Afirmamos: será uma medicina preditiva, enquanto o candomblé tem condições, por intermédio dos vaticínios oraculares promovidos por Orunmilá Ifá (vários métodos: *alubaça*, *obi*, *orobô*, *inhame*, *maçã*, *búzios*, *opelé* e *Oponifá*), de ser, pois sempre foi, uma “medicina preditiva”.

Para mais detalhes remetemos ao vídeo “O Candomblé faz ‘Medicina’ Preditiva”. No vídeo entenderemos melhor o que expressamos no texto e que complementaremos no próximo vídeo da série *Candomblé, Equilíbrio e Aşé*.

22 de agosto de 2015.

*Religião
e Sociedade*



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Coração de pombagira¹

Reginaldo Prandi²

Espírito de mulher, esse exu feminino cultuado na quimbanda é usado para solucionar problemas relacionados ao amor e à sexualidade

De beleza exuberante e inteligência rara, Elisa se achava uma mulher sem sorte. Vivia infeliz: todos que a cercavam,

1. Texto originalmente publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, disponível em: <http://reginaldoprandi.fflch.usp.br/sites/reginaldoprandi.fflch.usp.br/files/inline-files/Coracao_de_pombagira.pdf>.

2. Reginaldo Prandi é professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), professor titular sênior do Departamento de Sociologia da mesma universidade, pesquisador 1-A do CNPq e membro do grupo de pesquisa “Diversidade religiosa na sociedade secularizada” do CNPq.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

todos a quem amava pareciam sofrer com ela. Uma maldição, pensava ela. Casada, logo o marido passou a se servir de putas, embora amasse e desejasse a mulher, que só penetrou uma vez, na primeira noite. Apesar de seu tremendo desejo por Elisa, só alcançava a ereção com outras. Ela sofria pelas dores do marido. Ele a acusava de rejeitá-lo e batia nela.

No começo, nem tudo era sofrimento. Daquela única vez nasceu Vitória. A menina cresceu bonita e saudável até os sete anos. Depois começou a definhar. “É a maldição!”, Elisa se culpava. O marido se enterrou de vez nos puteiros, ia chorar sua desventura no colo das putas. Todas as especialidades médicas foram consultadas, todas as promessas foram pagas, todas as rezas foram rezadas.

Consultados médiuns e videntes, cartomantes e benzedoras, padres, pastores e profetas, nada. A saúde da menina decaía dia a dia. Até que Elisa foi bater à porta de Mãe Júlia, famosa mãe de santo. “Você nasceu com a beleza de Oxum e a majestade de Xangô, mas seu coração é de pombagira”, disse-lhe a mãe de santo, depois de consultar os búzios.

A vida recatada de Elisa, seu senso de pudor, sua modestia, a repressão de costumes que ela mesma se impunha, a falta de interesse pelo sexo, tudo isso negava os senti-

Coração de Pombagira

mentos de seu coração, contrariava sua natureza. A cura, a redenção — dela e dos seus —, tinha uma só receita: libertar seu coração, deixar sua pombagira viver. Foi a sentença da mãe de santo.

Leve e livre

Ali mesmo, naquele dia e hora, sem saber como nem por que, Elisa se deixou possuir por três homens que, no terreiro, tocavam os atabaques. O prazer foi imenso. Sentiu-se leve e livre pela primeira vez na vida.

Pensando na filha, voltou correndo para casa e encontrou a menina melhor, muito melhor: corria sorridente, pedia comida, queria brincar.

No dia seguinte, Elisa voltou ao terreiro. “Seu caminho é longo ainda”, Mãe Júlia disse. Depois a abençoou e se despediu. Um dos homens com quem se deitara no dia anterior lhe deu um endereço no centro da cidade, um local de meretrício, que Elisa começou a frequentar. Passava as tardes lá, enquanto o marido trabalhava. Voltava para casa mais feliz e esperançosa, a menina melhorava a olhos vistos.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

Para preservar a honra do marido, Elisa se vestia de cigana, cobrindo o rosto com um véu. O mistério tornava tudo mais excitante. A clientela crescia. O marido soube da nova prostituta e quis experimentar. Na cama com a Cigana, o prazer foi surpreendente, muito maior do que sentira com Elisa e que nunca fora superado com outra mulher. Seria escravo da Cigana se ela assim o desejasse. Mas a Cigana nunca mais quis recebê-lo.

A insistência dele foi inútil. “Um dia te mato na porta do cabaré”, ele a ameaçou, ressentido e enciumado. Ela se manteve irredutível.

Num entardecer de inverno, ele esperou pela Cigana na porta do puteiro e, na penumbra, lhe deu sete facadas. Assustado, olhou o corpo ensanguentado da morta estirado no chão e reconheceu, no piscar do néon do cabaré, o rosto desvelado de Elisa. Um enfarto o matou ali mesmo.

Longe dali, no terreiro de Mãe Júlia, o ritmo dos tambores era arrebatador. As filhas de santo giravam na roda, esperando a incorporação de suas entidades.

Na gira de quimbanda, exus e pombagiras eram chamados. Os clientes, que lotavam a plateia, esperavam sua vez de falar de seus problemas e resolver suas causas. As entidades

Coração de Pombagira

foram chegando, e o ambiente se encheu de gargalhadas e gestos obscenos. O ar cheirava a suor, perfume barato, fumaça de tabaco, cachaça e cerveja. A força invisível da magia ia se tornando mais espessa, quase podia ser tocada.

Cada entidade manifestada no transe se identificava cantando seu ponto. De repente, uma filha de santo iniciante, e que nunca entrara em transe, incorporou uma pombagira.

Com atrevimento ela se aproximou dos atabaques e cantou o seu ponto, que até então ninguém ali ouvira: “Você disse que me matava/na porta do cabaré/ Me deu sete facadas/ mas nenhuma me acertou/ Sou Pombagira Cigana/ aquela que você amou/ Cigana das Sete Facadas/ aquela que te matou”.

Mãe Júlia correu para receber a pombagira, abraçou-a e lhe ofereceu uma taça de champanhe. “Seja bem-vinda, minha senhora. Seu coração foi libertado”, disse a mãe de santo, curvando-se.

Pombagira Cigana das Sete Facadas retribuiu o cumprimento e, gargalhando, pôs-se a dançar no centro do salão.

Esp. F. Rivas Neto

Biografias míticas

Essa é uma história de ficção, mas poderia não ser. É baseada em relatos que ouvi e li em anos de pesquisa sobre umbanda e candomblé. Pombagiras são espíritos de mulheres, cada uma com sua biografia mítica: histórias de sexo, dor, desventura, infidelidade, transgressão social, crime.

Pombagira é um exu, um exu feminino. Na concepção umbandista, o termo exu nomeia dezenas de espíritos de homens e mulheres que em vida tiveram uma biografia socialmente marginal.

O culto dessas entidades é reunido na quimbanda, uma das divisões da umbanda, hoje em dia também encontrada em muitos terreiros de candomblé.

A quimbanda cuida das situações de vida que a moralidade dos caboclos e pretos velhos, que compõem a outra divisão da umbanda, rejeita e reprime.

Pombagira tem múltiplas identidades, cada uma com nome, aparência, preferências, símbolos, mito e cantigas próprios. Entre dezenas há: Pombagira Rainha, Maria Padilha, Sete Saias, Maria Molambo, Pombagira das Almas, Dama da

Coração de Pombagira

Noite, Sete Encruzilhadas. Apela-se especificamente às pombagiras para a solução de problemas relacionados a fracassos e desejos da vida amorosa e da sexualidade. Pombagira junta e separa casais, protege as mulheres, propicia qualquer tipo de união amorosa ou erótica, hétero ou homossexual.

Aspirações e frustrações

Para a pombagira e seus companheiros exus, qualquer desejo pode ser atendido. Por meio dos pedidos feitos às pombagiras, podemos entender algo das aspirações e frustrações de parcelas da população que estão de certo modo distantes de um código de ética e moralidade embasado em valores da tradição ocidental cristã.

O culto dá acesso às dimensões mais próximas do mundo da natureza, dos instintos, das pulsões sexuais, das aspirações e desejos inconfessos.

Revela esse lado “menos nobre” da concepção de mundo e de agir no mundo. Umbanda e candomblé são religiões que aceitam o mundo como ele é e ensinam que cada um deve lutar para realizar seus desejos.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Esp. F. Rivas Neto

Por isso, com frequência são vistas como liberadoras. Não se crê no pecado nem em premiação ou punição após a morte. A vida é boa e deve ser levada com prazer e alegria. Nessa busca da realização dos anseios humanos mais íntimos, exus e pombagiras reforçam sem dúvida uma importante valorização da intimidade, às vezes obscura, de cada um de nós, pois para os exus e pombagiras não há desejo ilegítimo nem aspiração inalcançável nem fantasia reprovável.

■

Resenhas



REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Violência em cores

M.e Luciano Ferreira Alves¹

Aprendemos na escola que o branco é a somatória de todas as cores e que o preto é a ausência de qualquer luz. Assim aprendemos cores, e assim acreditamos vê-las, embora em verdade não as vejamos desse modo. Esta definição, chamada cor-luz, refere-se à percepção de cor diretamente da fonte luminosa: o Sol, as lâmpadas e, hoje, as telas azuladas que nos cercam. No vibrante e às vezes assustador mundo fora dessas telas, onde vivemos de fato, as cores nos chegam de outra forma. As cores do mundo nos vêm pelas texturas, pelas superfícies dos objetos de nosso olhar e não por pontos de luz. Assim

1. Mestre em Educação (FE-USP), especialista em Teologia das religiões afro-brasileiras (FTU) e bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Direção Teatral (ECA-USP).

REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

M.e Luciano Ferreira Alves

pensando, o branco é ausência de cor e o preto é a saturação, a soma em seu limite, de todas as cores.

Violência em cores é uma coletânea de textos inspirados numa exposição de mesmo nome realizada durante a Semana de Consciência Negra em novembro de 2019, no Fórum da Comarca de Itanhaém. Os textos que a integram, reunidos e organizados por Mãe Maria Elise Rivas, Íyá Bê Ty Ogodô, retratam mais que opiniões e considerações sobre um tema, retratam vivências sob diversos pontos de vista.

Enquanto objeto, o livro é visualmente chamativo, há muitas cores, cores fortes, contrastantes e vibrantes. Por vezes temos de nos esforçar um pouco na leitura dentre tantas imagens, todas profundamente relacionadas com os conteúdos abordados. Felizmente não há “preto no branco,” há, sim, uma profusão de contrastes e de tensões, a verdade abordada no livro é uma pedra multifacetada, um otá cujos fundamentos são expostos em faces espelhadas e multicoloridas. É uma obra que acompanha nossos dias, fragmentada, não linear, não aristotélica, de uma convergência alheia a paralelismos. Ou seja, cada capítulo se encerra em si, não precisa ser lido na ordem. A sucessão de narrativas não acompanha um arco e todas elas, cada uma à sua maneira, apontam para o mesmo tema.

Violência em cores

No que se refere ao discurso, somos guiados por sensações variadas e intensas e a sucessão de imagens é mais uma das narrativas. A ordenação dos textos faz da leitura um percurso que oscila entre a identificação e o desespero, a revolta e a conscientização, o ódio e a solidariedade. Não há dualidades, há intervalos, espectros, matizes do conceito de empatia. A cada primeira página de um ensaio somos apresentados antes a uma silhueta e a um estilo de escrita, um convite a conhecer e descobrir o autor do tomo, antes de uma minibiografia e uma foto, que encontraremos na página seguinte, quando já estamos em plena relação. Num mundo alheio ao preconceito, a etnia, o gênero, idade, a orientação e identidade sexuais não imporiam demérito a qualquer fala. Somos convidados a iniciar esta escuta de olhos fechados, ouvindo as cores das palavras no estilo, cadência, entonação e sotaque de quem se propôs a se desnudar por extenso, contando sua vivência ou compartilhando conosco sua mobilização crescente à medida que mais cores dessa violência se revelam.

Nesse panorama que nos é apresentado percebemos que as abordagens, das mais abrangentes às mais específicas, não extinguirão o tema. Pelo contrário, entendemos que o racismo se espalha no tempo e no espaço de maneira intensa e difu-

M.e Luciano Ferreira Alves

sa. Que é um fenômeno que marca a história do país desde seu início e que atitudes conscientes tomadas no passado ecoam hoje e continuarão ecoando até que força de igual intensidade consiga reverter pouco a pouco essas ondas. Este racismo mostra-se, através dos muitos relatos, elemento estrutural de nossa sociedade. Os relatos pessoais dão a dimensão de conquistas, expectativas, frustrações, sofrimentos e atitudes decorrentes exclusivamente desse caractere do contexto. Os ensaios mais distanciados, porque rigorosamente acadêmicos, dão-nos precisão em números do tamanho desse impacto. A maior parte desses números é de mortes, e de mortes em vida, pelo encarceramento, pelo estigma, pela negação da identidade.

Há vítimas e muito sofrimento em *Violência em cores*, mas não há derrotados, nem apologia da culpa. Somos convidados a entrar, sentar e partilhar um tanto da vida de cada um dos relatos, e somar à nossa percepção de mundo cada um dos dados. Há muitos pontos de vista, muitas interpretações e muitas posturas e atitudes frente ao objeto racismo. A postura é sempre de fazer notar a desigualdade e tentar encontrar meios de estabelecer isonomia, algo ainda não alcançado.

O que dá cor a este livro é a forma de pensar específica da afro-brasilidade. Uma visão de mundo baseada em valores

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Violência em cores

inclusivos, de união, comunidade, compartilhamento e respeito. Um mundo de muitas verdades, vistas de muitos ângulos, respeitando e contemplando ao mesmo tempo o individual e o coletivo. Não é um preto no branco, nem uma segregação do mundo em cores que unidas comporiam um branco. É um mundo multicolor em que a luz refletida em cada nuance nos impressiona o fundo dos olhos em sensações diferentes. O negrume e a intensidade do livro são a somatória de todas as vozes que o compõem. É um relato atual, original, abrangente e referenciado do tema, tem muito mais que o necessário para compor a lista de livros de referência no assunto sem deixar de ser um encontro fraterno e emocionante com cada um dos autores.

Figura 1 - Reprodução da capa do livro *Violência em cores*

Fonte: reprodução do site da editora (<<https://www.archeeditora.com.br/product-page/viol%C3%Aancia-em-cores>>).





REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Teologia do ori-bará

M.e Felipe de Paula Nestrovsky¹

*T*eologia do ori-bará é desses livros que, a cada leitura, revelam aspectos inovadores que contribuem para a construção e desenvolvimento individual e coletivo. Em um primeiro contato, parece um livro simples tanto em sua concepção visual como em seu formato, mas basta o folheá-lo para que a atenção seja tomada e o desejo pela leitura nos consumir.

Pai Rivas, sacerdote e teólogo das religiões afro-brasileiras por mais de meio século, consegue com linguagem acessível e texto direto conciliar conteúdos acadêmicos e sua sabedoria sacerdotal no resgate e apresentação de conteúdos profundos que nos levam constantemente a reflexões e questionamentos.

1. Graduado em Economia (FACAMP) e mestre em Administração (FGV)

M.e Felipe de Paula Nestrovsky

Como exposto em seu título, o conteúdo que se apresenta é teológico ao longo da leitura, enxerga-se um outro modelo de estruturação e significação do mundo que não atinente às formas ocidentais, científicas, racionais e cristãs de conceber o mundo.

O autor já inicia a obra partindo do ponto de que tudo que tem existência manifesta-se em dois planos, quais sejam, o natural e sobrenatural, quesito esse fundamental para o entendimento do pensamento e discussão que é apresentado ao longo da obra.

Os conceitos de ori e bará são apresentados. Ori está relacionado à cabeça, consciência (processo de individualidade), à inteligência, ao destino do indivíduo, e bará, ao corpo, processo vital, à manifestação. Sendo assim, a unidade ori-bará é apresentada como uma unidade inseparável e o equilíbrio dessa unidade, ou seja, a terapia ori-bará, possibilita realinhar o indivíduo com a unidade essencial com que ele tenha sua identidade. Nesse sentido, sem menosprezar a medicina convencional, o autor traz uma abordagem complementar de que doença possa ser entendida como manifestação das desarmonias do indivíduo.

Além disso, Pai Rivas apresenta ao fim da obra, em excerto, dois outros conceitos fundamentais para a teologia afro-brasileira: núcleo duro e zona de diálogo.

Teologia do ori-bará

Para quem escolher mergulhar nessa jornada, prepare-se para uma leitura intensa com conceitos complexos e que acenderá uma fagulha de reflexão que não mais se apagará.

Figura 1 - Reprodução da capa do livro *Teologia do Ori-barás*

Fonte: reprodução do site da editora
(<<https://www.archeeditora.com.br/product-page/teologia-do-ori-bar%C3%A1>>).





REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Escolas das religiões afro-brasileiras

Esp. Antonio Luz¹

A obra *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*, publicada em 2012 pela Arché, foi escrita pelo sacerdote Francisco Rivas Neto, no ambiente da Faculdade de Teologia Umbandistas (FTU). Esse livro representa importante contribuição ao campo religioso afro-brasileiro. De fato, é um marco na reflexão teológica do campo religioso afro-brasileiro iniciada com a FTU. Não é um livro que discorre sobre os aspectos rito-litúrgicos específicos, mas se debruça sobre a totalidade deste campo, enfrentando sua diversidade e complexidade, dadas por diferentes construções religiosas produzidas por diversos povos que aqui se estabele-

1. Especialista em Teologia Afro-Brasileira (FTU), pós-graduado em Ciências da Religião (PUC-SP) e graduado em Economia (Unicamp).

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. Antonio Luz

ceram, em diferentes períodos da nossa história e em diversas regiões do Brasil.

O livro faz uma série de incursões sobre a origem e os fatores que caracterizam o até então difuso conjunto de religiões afro-brasileiras, suas várias linguagens, mitos fundantes, entre outros aspectos. Deter-me-ei brevemente em deles.

Embora seu horizonte seja amplo, o leitor perceberá que sua linha discursiva parte do universo das umbandas, suas reflexões e críticas partem dali e alcançam outras confessionalidades. Isso se justifica na afirmação do autor de que o livro é produto de um longo processo vivenciado no terreiro, de reflexões sobre aspectos espirituais, culturais, sociais e psíquicos, que processualmente desaguou na necessidade de cunhar um conceito próprio: o de escolas.

A leitura flui com facilidade, o autor faz uso de linguagem e de recursos imagéticos que facilitam a compreensão das suas ideias para acadêmicos e não acadêmicos. Vamos expor aqui apenas um dos aspectos discutidos no livro envolvendo o conceito de escola.

Rivas Neto faz distinção entre conhecimento religioso e crença religiosa, ou seja, toma a teologia como senso crítico da religião e em vários trechos de diferentes capítulos reforça

Escolas das religiões afro-brasileiras

esse postulado. Essa posição crítica vai de encontro à homogeneização do campo religioso, como as tentativas de codificação da umbanda, o racismo religioso, além de questionar o mito de fundação da umbanda² como marco inicial da mesma, entre outros. Defende com veemência a diversidade, por ser esta antídoto à violência dos discursos hegemônicos, no entanto, no capítulo terceiro, o autor defende a “umbandização” (tomada como missão), podendo causar estranheza ao leitor, pois parece uma contradição entre termos. Na história das umbandas há vários registros de tentativas de codificação e de cartas sinódicas encampadas por autores umbandistas ou pelas federações de umbanda espalhadas pelo Brasil, e isto poderia se repetir, argumentaria o leitor. A resposta a esse tipo de questionamento está na própria definição de escola, porque a mesma não deve ter apenas uma epistemologia, ética e método, um fundador e uma linha de transmissão de tradição oral, mas sobretudo por sua relação com as demais escolas, no conjunto do seu campo religioso. Assim, por definição, o

2. Discussão mais aprofundada sobre o assunto encontra-se no livro *O mito de origem*, de Mãe Maria Elise Rivas, publicado em 2013 pela Arché Editora.

Esp. Antonio Luz

conceito de escolas não abre espaço para o monopólio de uma escola sobre todas as demais, pois todas são igualmente importantes. Haveria, portanto, uma ética coletiva que impediria ou neutralizaria esse tipo de violência. Os capítulos VIII (Religiões afro-brasileiras, religiões das várias linguagens) e X (Religiões afro-brasileiras, a unidade na diversidade) discutem essa possibilidade, mas especialmente o XI (Escolas das Religiões afro-brasileiras: as neutralizadoras do fundamentalismo endógeno) trabalha com a ideia de unidade de diversidades usando o conceito de *Gestalt*: uma solução engenhosa para definir os critérios éticos de pertença de uma escola em um determinado campo religioso.

Em resumo, o estatuto de escola é relacional, não fundamentalista (tomar a sua religião ou crença como melhor e única, não havendo espaço para o outro, para a diversidade) nem mercantilista (como é o caso de cursos de “iniciação”, por exemplo), e se apoiaria numa relação harmoniosa com conjunto das demais escolas. Não há, no conceito, espaço para o monopólio religioso de qualquer uma das escolas sobre as demais. Diversidade é chave da construção do conceito de escolas.

Outrossim, o leitor vai constatar a centralidade do subtítulo que consta na diagramação da capa do livro: tradição

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Escolas das religiões afro-brasileiras

oral e diversidade, dois pilares da obra que são desdobrados ao longo de todo o livro. O tema da oralidade será ainda objeto de um outro livro, lançado dois anos depois, em 2014, cujo título é *Teologia da tradição oral*, obra escrita por três autores, Francisco Rivas Neto, Maria Elise Rivas e João Luiz Carneiro, obra que aprofunda e densifica o tema da oralidade, tomada aqui como tradição (vis-à-vis à tradição escrita), numa abordagem bastante sólida e de cunho acadêmico.

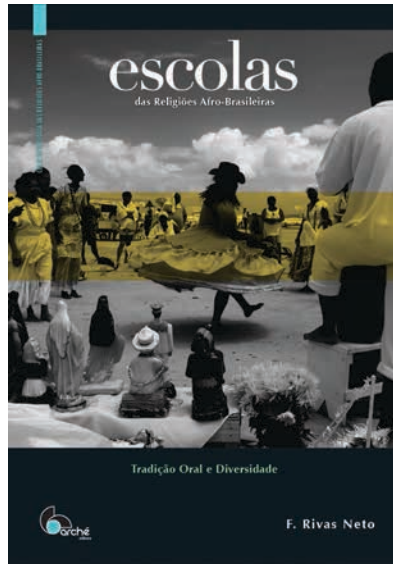
A teologia afro-brasileira nasceu nesta obra, depois de ser gestada em sua pesquisa na FTU, com uma série de artigos publicados no *Blog Espiritualidade e sociedade na visão das religiões afro-brasileiras*. Assim ela começou a dar seus primeiros passos na construção de sua própria autonomia, voltada para as organizações religiosas afrodescendentes e para seus sujeitos de fé, sejam eles dos Orixás, Inquices, Voduns ou Encantados.

Figura 1 - Reprodução da capa do livro *Escolas das tradições Afro-brasileiras: tradição oral e diversidade* na página seguinte.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Esp. Antonio Luz

Fonte: reprodução do site da editora
(<<https://www.archeeditora.com.br/product-page/escolas-das-religi%C3%B5es-afro-brasileiras-tradi%C3%A7%C3%A3o-oral-e-diversidade>>).



*Dicionário
teológico das
religiões
afro-brasileiras*

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

Dra. Maria Elise Rivas¹

A *Revista Estudos Afro-Brasileiros* é uma homenagem ao sacerdote e teólogo que fundou a primeira faculdade de teologia com ênfase nas religiões afro-brasileiras. Discutir a teologia afro-brasileira foi a principal proposta de sua vida no aspecto acadêmico. F. Rivas Neto construiu a fundação desse campo.

No atual momento, a teologia afro-brasileira precisa continuar o seu caminhar e aprofundar sua pesquisa no grande desafio que é estudar e interpretar as diversas manifestações das religiões afro-brasileiras. Tal desafio evoca a necessidade de

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), vice-diretora e bacharela da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

apresentar conceitos e, naturalmente, surgiu a ideia de construir um dicionário teológico sob a supervisão da sacerdotisa e teóloga Maria Elise Rivas.

O dicionário a que você terá acesso busca apresentar ao longo das edições verbetes que auxiliam acadêmicos e religiosos interessados em compreender como são as “lentes” teológicas que são utilizadas para observar e discutir as religiões afro-brasileiras. A partir de uma tradição oral, o dicionário propõe algo complexo: apresentar conceitos para um campo religioso afro-brasileiro, respeitando o método científico na mesma medida em que valoriza a sabedoria tradicional do terreiro.

Teologia não é religião. Religião é definida e produzida pelo seu corpo de sacerdotes e fiéis. No caso específico das religiões afro-brasileiras, cada terreiro é soberano na constituição e construção dos seus saberes, que está centrada na figura do pai ou mãe de santo da respectiva comunidade religiosa. Tal condição reflete uma distribuição descentralizada do poder. A teologia não se preocupa em responder os anseios da fé e da crença. Isso cabe exclusivamente à experiência religiosa.

Teologia é senso crítico aplicado à religião. A teologia afro-brasileira procura interpretar os fatos e dados do seu campo religioso e construir leituras que auxiliam:

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

- o leigo a ter acesso a uma visão lógica que apresenta as principais características das religiões afro-brasileiras;
- o adepto da religião a adquirir informação sobre suas práticas inseridas no conjunto afro-brasileiro; frisa-se informação, pois formação iniciática não cabe à academia, mas ao pai e mãe de santo.
- aos acadêmicos; quer sejam cientistas da religião e teólogos de outras tradições religiosas para realizar estudos de religião comparada, quer sejam pesquisadores de outras áreas científicas na constituição de um ambiente favorável ao trânsito do saber religioso para o científico valorizando o saber “desde dentro”, algo só possível na academia pela teologia afro-brasileira.

O dicionário ao apresentar os verbetes tem como intenção apresentar a pesquisa no seu estágio mais atual. O que isso quer dizer? Tal e qual os dicionários convencionais, os verbetes serão constantemente revistos e ampliados. Possuem uma estrutura lógica que resgata a etimologia do termo, quando aplicável, sua definição e aplicação.

Os verbetes são textos originais construídos por acadêmicos formados no campo com experiência e vivência religiosa

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dra. Maria Elise Rivas

afro-brasileira. A intenção dessa seleção de pesquisadores tem uma motivação. Trata-se de um esforço em dar protagonismo ao adepto da religião para falar da sua religião pelas lentes acadêmicas. Valorizar o filho e a filha, o pai e a mãe de santo, que, além da tarefa árdua de exercitar sua fé em um país tão intolerante, dedicaram suas vidas à pesquisa da sua religião.

▪

E

ESCOLAS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Dr. João Luiz Carneiro

O termo foi cunhado pelo sacerdote e teólogo Francisco Rivas Neto (1950-2018), sendo registrado com maior detalhamento teológico em obra de nome idêntico ao verbete (cf. RIVAS NETO, 2012). O conceito de escolas pode ser associado ao fato de que as religiões afro-brasileiras se manifestam de múltiplas formas, porém possuem características que as unem. Para relacionar tantas dife-

renças rituais e dogmáticas¹ das religiões afro-brasileiras em torno de uma mesma categoria de religião, o conceito de escolas surgiu do autor F. Rivas Neto no ambiente teológico da FTU². As escolas são formadas por elementos comuns identificados nas várias formas de praticar as religiões afro-brasileiras. Esses elementos são identificados por uma análise tridimensional, conside-

1. No presente verbete, a aplicação da palavra está relacionada à parte “dura”, pouco flexível da doutrina afro-brasileira que perdura em sua história.

2. Trata-se da Faculdade de Teologia Umbandistas (FTU), primeira e única faculdade de teologia afro-brasileira descrita, em artigo específico da presente revista.

rando o tripé epistemologia, método e ética. No que diz respeito à epistemologia, entende-se o corpo de conhecimento religioso que forma sua tradição³. Os valores espirituais, a forma de enxergar o mundo (cosmovisão), os mitos que são ditos ou vivenciados formam um conjunto de exemplos sobre as características epistemológicas de uma escola. Dito de outra forma, a epistemologia é toda a sabedoria da tradição que norteia a sua

respectiva escola, bem como todos os seus desdobramentos práticos no exercício da fé. O método refere-se à iniciação e seus rituais, ou seja, a capacidade de transmitir a tradição do pai/mãe de santo à filha ou filho de santo. Ou seja, dar acesso à tradição aos demais fiéis, consulentes e clientes religiosos. Os rituais iniciáticos, ou seja, aqueles que possibilitam concretamente a capacidade de o(a) filho(a) de santo galgar compreensões mais profundas da tradição por meio de seu sacerdote ou sacerdotisa, delimitam objetivamente o método da escola. Rituais de batismo, feituas, obrigações e confirmações de santo,

3. A tradição, no contexto do presente verbete, refere-se ao conhecimento oral religioso construído e que fora transmitido ao longo do tempo por gerações.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

enjuremação são exemplos de rituais iniciáticos em variadas escolas como marcos simbólicos importantes, normalmente fruto de anos de aprendizado no terreiro correspondente. As celebrações religiosas conhecidas do grande público que ocorre aos terreiros como giras umbandistas, mesas de jurema, toque de candomblé de caboclo, festas do candomblé são ritos que apresentam o método de transmissão da tradição para a comunidade expandida, não restrita aos iniciados e iniciadas da referida escola. De acordo com o tipo de ritual, o mesmo pode ser pensado em três níveis: predição, prevenção e cura

(RIVAS NETO, 2003). Todos de relevante importância na identificação da metodologia de uma escola. O jogo de búzios e os vaticínios dos ancestrais quando das consultas públicas são exemplos de predição. É a capacidade de orientar o(a) filho(a) de santo ou fiel sobre o destino antes de que ele venha a se concretizar, facilitando e propiciando os bons auspícios e tentando afastar as possibilidades de desfechos que causem infelicidade. Os rituais de atendimento público nas comunidades afro-brasileiras transitam entre práticas de prevenção e cura. A prevenção se dá quando atuam com ervas, ebós, sa-

cudimentos, banhos ou trabalhos espirituais que evitam doenças de ordem variadas. É atuação ritual para manter a homeostasia biopsicossocial. Esses mesmos rituais somados também são utilizados para curar doenças espirituais, afetivas, materiais (questões financeiras) e físicas (saúde do corpo propriamente dita). A diferença entre prevenir e remediar está no estágio do(a) adepto(a) quando ocorre ao terreiro, ou seja, o quanto da doença está manifestada ou não, e depende da sabedoria do pai ou mãe de santo na seleção do tipo de terapia espiritual, quantidades e frequência dos rituais e momento ade-

quado para sua aplicação.

A ética é um conceito histórico e multifacetado, podendo ser pensada em questões do ser, consciência e linguagem (cf. CORTINA; MARTÍNEZ, 2005). De uma maneira geral procura responder a seguinte questão: “como julgar uma ação correta?”. No contexto das escolas, a ética trata de como o indivíduo norteia sua relação com o Sagrado (Poder Divino, Orixá, Inquice, Vodun, encantados e ancestrais), com ele mesmo, com sua comunidade de santo e a humanidade de uma forma geral. Cada escola constitui uma ética específica. Dentro do tripé

das escolas, a ideia de ética pode ser aplicada na forma como o(a) adepto(a) pratica a religião no cotidiano, para além das paredes do terreiro. Ou seja, o quanto da tradição (epistemologia) ele(a) absorveu em sua iniciação (metodologia) e exercita no seu dia a dia (ética). Ao analisar o painel afro-brasileiro, F. Rivas Neto observou uma concentração dessas escolas em três grandes grupos: Candomblés, Encantarias e Umbandas. Tal constatação foi a base da estruturação de um outro conceito teológico: “núcleos duros das religiões afro-brasileiras e

zonas de diálogo”⁴. Dentro da perspectiva teológica, as escolas podem ser pensadas nesses três grandes grupos.

As escolas dos candomblés, as escolas das encantarias e as escolas das umbandas estão organizadas no seguinte quadro sinótico adaptado (CARNEIRO, 2014, p. 22):

4. Ver o verbete neste dicionário.

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

E

Núcleos duros	Características centrais	Exemplos de Escolas
Candomblés	Escolas fortemente influenciadas pelas religiões de matrizes africanas. Sua parte ritual tem como ênfase os deuses e deusas chamados de Orixás, Inquices e Voduns.	Ketu (iorubá), Angola (banto), Jeje (fon), Batuque.
Encantarias	Escolas marcadas pela presença dos Encantados. Os Encantados são seres espirituais que habitam as Encantarias ou “encantes”. Alguns desses não chegaram a encarnar. Os que viveram em terra desapareceram misteriosamente sem morrer. Vivem na memória dos que os cultuam.	Catimbó, Jurema, Pajelança, Toré, Babassuê.
Umbandas	Escolas centradas nos cultos aos ancestrais ilustres. Entendem-se por ancestrais ilustres os seres espirituais que passaram pelo ciclo da vida e da morte e alçaram uma condição de condutores de suas comunidades, fruto da sabedoria alcançada.	Omolocô, Umbanda Branca ou Cristã, Umbanda Esotérica ou Iniciática.

As escolas dos candomblés possuem suas abordagens em uma ênfase central no culto aos seus deuses e deusas africanos: Orixás, Voduns e Inquices (RIVAS NETO,

2017). Toda a sua doutrina é baseada na cosmovisão a partir desses mitos africanos e como seus pais e mães de santo exercitam e transmitem tal sabedoria aos seus filhos e filhas de santo, bem como a toda a sua comunidade. Daí surgem as escolas nas zonas de diálogos dos candomblés: ketu, angola, jeje, batuque, como alguns exemplos. As escolas das encantarias tem sua força centrada nesses ancestrais, seres encantados que habitaram a Terra, mas que misteriosamente foram para o outro lado da vida sem passar pelo fenômeno da morte. Alguns encantados não chegaram a encarnar na Terra, porém se

estabeleceram por meio do contato espiritual intenso (“acostamento”) com suas comunidades. Nesse grupo temos as escolas de Catimbó, Jurema, Babassuê, Pajelança, Cura, Terecô e Toré na zona de diálogo do respectivo núcleo duro. As escolas das umbandas são marcadas pela crença e centralidade nos ancestrais ilustres. Os mais cultuados são pretos velhos, caboclos, crianças, exus, marinheiros, boiadeiros, baianos, ciganos e malandros⁵.

5. No que pese existirem encantados que usam o nome de boiadeiros, marinheiros e malandros nas escolas das encantarias, esses seres são encantados, como explicitado. Já nas umbandas são espíritos que passaram pelo ci-

E

Destacam-se nessas escolas a macumba, umbanda cristã, omolocô, umbandaime, esotérica e oriental também localizadas na zona de diálogos umbandista. As escolas até aqui citadas foram de caráter exemplificativo. Elas estão bem próximas do seu respectivo núcleo duro. Ainda no exercício do exemplo, Ketu com Candomblés, Jurema com Encantarias, Umbanda Esotérica com Umbandas, respectivamente. Existem outras escolas que transitam pelas zonas de diálogo de maior intersecção.

clo da vida e da morte, mas adaptados aos costumes locais das regiões sul e sudeste do país.

É o caso do candomblé de caboclo, quimbanda, tambor de mina, entre outras. Tal constatação não possui nenhuma intenção de distinguir importância. Todas são igualmente essenciais para a história e existência das religiões afro-brasileiras. A “localização” conceitual das escolas nas zonas de diálogo mais próximas de um núcleo ou de outro apenas se refere ao fato de representar suas influências recebidas. Uma distinção se faz importante. Uma escola não é um terreiro. O terreiro é a comunidade afro-brasileira que pratica sua fé de acordo com as diretrizes dos seus dirigentes. Uma escola é a

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

referência de epistemologia, método e ética que influencia a constituição e prática de um terreiro. Sendo assim, um terreiro pode ter influência de uma ou mais escolas. Não obrigatoriamente do mesmo núcleo duro. Ao mesmo tempo, um terreiro pode estar praticando uma experiência do sagrado sem influências claras de escolas preexistentes. Neste último caso, trata-se de uma escola que pode estar surgindo na práxis do terreiro. Essa nova escola assim poderá ser definida, se os teólogos afro-brasileiros conseguirem determinar com método científico próprio, novamente, sua epistemologia, método

e ética. A definição de uma escola e sua disseminação na prática dos terreiros não tem nenhum valor hierárquico de poder ou status. Trata-se apenas de uma categoria científica, nesse caso, teológica afro-brasileira, para melhor dar conta de interpretar a realidade. Dito de outra forma, compreender o conceito de escolas e sua aplicação no meio afro-brasileiro é ressaltar a diversidade afro-brasileira sem deixar de levar em consideração seus pontos comuns que permitem entender a história dessa religião que está em contínua construção e (re)elaboração.

N

NÚCLEOS DUROS E ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Dr. João Luiz Carneiro

O termo foi cunhado pelo sacerdote e teólogo Francisco Rivas Neto (1950-2018), sendo registrado em mídias sociais e diversos textos na internet, contudo consolidado com mais detalhamento teológico em sua obra *Teologia do ori-bará* (2015). O conceito trata de um aprofundamento de sua ideia original “escolas das religiões

afro-brasileiras” (2012)⁶. Sendo assim, foi confeccionado pelo autor para enfrentar a seguinte problematização: como analisar a realidade religiosa afro-brasileira considerando toda a volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade⁷ do campo? Além de oferecer saídas teológicas para o tema, o conceito precisa dar conta da descentralização do poder nas religiões afro-brasileiras.

6. Para mais informações sobre o conceito de “Escolas das religiões afro-brasileiras”, ver verbete respectivo.

7. Baseado no conceito VUCA. Um acrônimo da língua inglesa que significa *volatility, uncertainty, complexity and ambiguity* utilizado vastamente por governos e setores científicos para análises sociais contemporâneas.

Não existe uma fonte única para estabelecer valores e diretrizes aos terreiros. Cada pai ou mãe de santo é soberano(a) para designar em sua comunidade a teoria e prática religiosa. Desta forma, o conceito não pode criar hierarquias axiológicas. Todas as formas de cultuar o Sagrado nas religiões afro-brasileiras são igualmente importantes. O conceito de núcleos duros e zonas de diálogos parte do princípio de que existem elementos comuns na prática religiosa afro-brasileira. Isso permite uma profícua zona de diálogo entre as diversas escolas. Contudo, existem pontos que são distintos e que marcam de forma efeti-

va as práticas como tal. Essas marcas específicas configuram e constituem o núcleo duro. Como elementos comuns, destaca-se a Vertente-Una do Sagrado⁸ (RIVAS NETO, 2015, p.



8. O conceito de Vertente-Una do Sagrado foi desenvolvido por Francisco Rivas Neto e tem como objetivo mostrar as questões comuns do

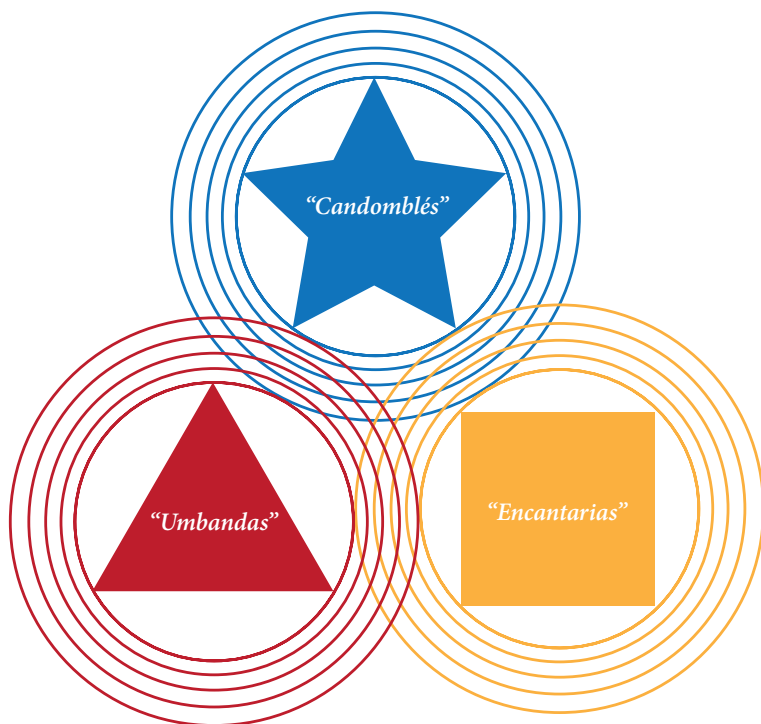
Considerando que todas as religiões afro-brasileiras possuem uma vertente de concepção e crença nas divindades comum (zonas de diálogo) e que apresentam múltiplas manifestações (escolas afro-brasileiras relacionadas ao seu respectivo núcleo duro). Além disso, as religiões afro-brasileiras possuem outros elementos comuns: transe, musicalidade sacra, uso de ervas, uso de bebidas. Quanto aos aspectos mais específicos, que formarão os núcleos duros,

destacam-se três grandes grupos: candomblés, encantarias e umbandas. Do ponto de vista conceitual, os núcleos duros são tipos ideais weberianos⁹ que foram representados, junto com a zona de diálogos, graficamente pelo autor da seguinte forma (RIVAS NETO, 2015, p. 105):

Sagrado em diversas denominações religiosas e não só nas religiões afro-brasileiras. Para mais informações, ver verbete respectivo.

9. Um tipo ideal weberiano é um conceito radical que não consegue ser visto no campo de pesquisa, mas é “desenhado” para servir como parâmetro de interpretação da realidade e não substituir a realidade propriamente dita.

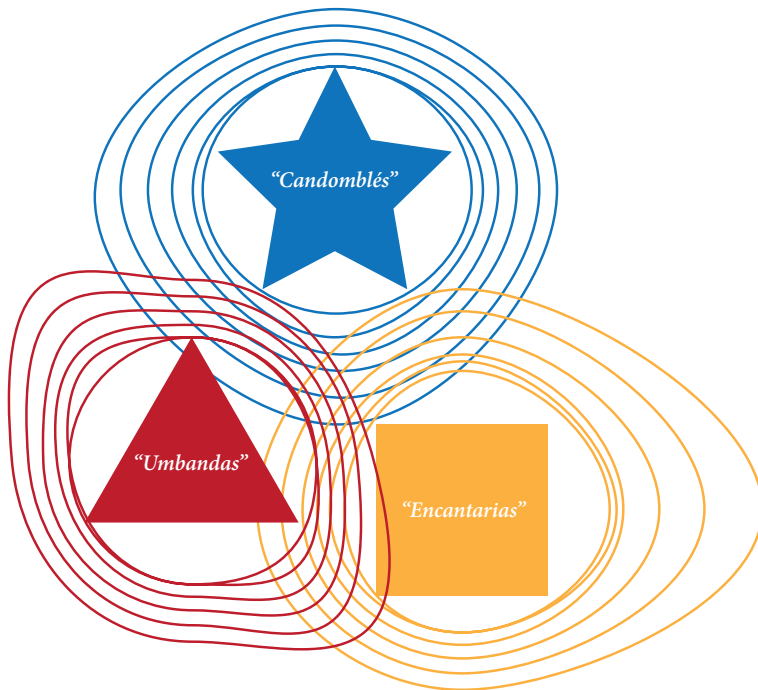
Simétrico: é pensado como ideal



Uma vez observada a realidade, ou seja, o campo religioso afro-brasileiro, as zonas de diálogo são mais fluidas, mais instáveis, permane-

cendo inalterados apenas os núcleos duros, conforme descrito pelo autor abaixo (RIVAS NETO, 2015, p. 105):

Assimétrico: é o real



As escolas afro-brasileiras estão situadas nas zonas de diálogo, pois não existe escola que seja literalmente o próprio núcleo duro. Afinal,

aceitar tal condição poderia remeter a uma ideia de purismo religioso, algo refutado totalmente pela teologia

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras

afro-brasileira¹⁰, principalmente ao considerar a sua tradição oral. Além disso, as escolas afro-brasileiras estão conectadas à experiência do sagrado de forma assimétrica, quando observada sua posição no gráfico e a “distância” do seu respectivo núcleo de origem e os dois outros, onde sempre existe alguma influência, por menor que seja. Tal qual a representação simbólica de exu nas religiões afro-brasileiras, a escola está em “movimento” nas zonas de diálogo sem perder a sua referência do núcleo de ori-

gem. A escola “órbita” em torno do seu núcleo duro. Os núcleos duros são, portanto, as características únicas daquele grupo que não serão observadas conceitualmente em outro lugar que não em seu próprio núcleo. São as diferenças básicas entre as três grandes vertentes afro-brasileiras: candomblés, encantarias e umbandas. As zonas de diálogo são os elementos comuns em todas as religiões afro-brasileiras que representam a região de intersecção dos 3 núcleos, por exemplo, o transe. Existem zonas de diálogo apenas entre dois núcleos, por exemplo, rituais da umbanda omolocô que estão muito

10. Para mais informações, ver verbete respectivo.

próximos da zona dos candomblés, mas que permanecem com suas características umbandistas. O desafio teológico de seguir o método científico para interpretar as religiões afro-brasileiras tem como consequência um conceito igualmente complexo. O conceito de núcleos duros possui elementos epistemológicos ideais, fixos, ao mesmo tempo em que as zonas de diálogo são exageradamente flexíveis, pois o ritmo de mudanças no campo religioso assim exige.

Diante do exposto, posicionar uma escola como do núcleo dos candomblés não significa que a mesma não influencia ou não pode rece-

ber influências das encantarias e umbandas. Apenas que seus elementos centrais estão “mais próximos” do seu núcleo de origem, os candomblés. Dentro de cada escola também será possível observar um núcleo duro e zonas de diálogos. A título de exemplo, retomando a escola de umbanda omolocô, ela possui em seu núcleo elementos que a distinguem da umbanda cristã e da umbanda esotérica. Ao mesmo tempo, possui zonas de diálogo que fazem da umbanda omolocô, cristã e esotérica pertencentes ao núcleo das umbandas. O conceito de núcleos duros e zona de diálogos foi concebido por F. Rivas Neto como

uma unidade aberta tal qual o campo religioso afro-brasileiro. Parte de uma ideia com critérios próprios e objetivos (núcleos duros) e amplia-se até uma região conceitual repleta de porias e incertezas, precisando – para tanto – flexibilizar algumas de suas nuances e manifestações (zonas de diálogo). Do ponto de vista imagético, os núcleos duros são como centros de luz própria que irradiam suas influências em todo o cenário afro-brasileiro, respeitando a diversidade.

Z

ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: ver o verbete NÚCLEOS DUROS E ZONAS DE DIÁLOGOS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.

Referências

- CARNEIRO, João Luiz. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. *Ética*. São Paulo: Loyola, 2005
- RIVAS NETO, Francisco. *Teologia do ori-bará*. São Paulo: Arché, 2015.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

RIVAS NETO, Francisco. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.

RIVAS NETO, Francisco. *Sacerdote, mago e médico: cura e autocura umbandista*. São Paulo: Ícone, 2003.

RIVAS NETO, Francisco. *Candomblé: teologia da saúde*. Itanhaém: Aláfia, 2017.

■